

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS COMPARADOS EM ADMINISTRAÇÃO DE
CONFLITOS

PÓS-GRADUAÇÃO EM JUSTIÇA E SEGURANÇA

“PEGAÇÃO É SEMPRE PEGAÇÃO”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS
ENCONTOS MASCULINOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE SÃO
JOSÉ DOS CAMPOS-SP

BRUNO HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA

NITERÓI

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS COMPARADOS EM ADMINISTRAÇÃO DE
CONFLITOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM JUSTIÇA E SEGURANÇA

“PEGAÇÃO É SEMPRE PEGAÇÃO”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS
ENCONTOS MASCULINOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE SÃO
JOSÉ DOS CAMPOS-SP

BRUNO HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ COLAÇO DIAS NETO

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos como requisito para obtenção de título de Mestre em Justiça e Segurança (Área de concentração: Antropologia)

NITERÓI

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BFD
Gerada com informações fornecidas pelo autor

048? Oliveira, BRUNO HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA
?PEGAÇÃO É SEMPRE PEGAÇÃO?: : uma etnografia sobre os
encontros masculinos nos espaços públicos da cidade de São
José dos Campos-SP / BRUNO HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA
Oliveira. - 2022.
119 f.

Orientador: José Colaço Dias Neto.
Coorientador: Victor Hugo Barreto.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Faculdade de Direito, Niterói, 2022.

1. Pegação. 2. Espaço público. 3. Homoerotismo. 4. Sexo
público. 5. Produção intelectual. I. Dias Neto, José
Colaço, orientador. II. Barreto, Victor Hugo, coorientador.
III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Estudos
Comparados em Administração de Conflitos. IV. Título.

CDD - XXX

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS COMPARADOS EM ADMINISTRAÇÃO DE
CONFLITOS

PÓS-GRADUAÇÃO EM JUSTIÇA E SEGURANÇA

“PEGAÇÃO É SEMPRE PEGAÇÃO”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS
ENCONTOS MASCULINOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE SÃO
JOSÉ DOS CAMPOS-SP

BRUNO HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA

Aprovada em: 18/11/2022

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. José Colaço – Universidade Federal Fluminense (UFF) – Orientador

Prof. Dr. Victor Hugo Barreto – Universidade Federal Fluminense (UFF) – Co-orientador

Profa. Dra. Danieli Machado Bezerra – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Thiago de Lima Oliveira – Universidade do Estado de São Paulo (USP)

Suplentes:

Profa. Dra. Soraya Silveira Simões – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dra. Bárbara Breder Machado – Universidade Federal Fluminense (UFF)



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS COMPARADOS EM ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JUSTIÇA E SEGURANÇA
Rua Mário Santos Braga, 30 - Outeiro São João Batista - Campus do Valonguinho IAC
Prédio da Física Velha - Centro - Niterói - RJ CEP: 24020-140

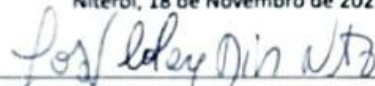
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

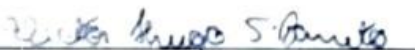
Aos dezoito dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte dois, às dezesseis horas, a Banca Examinadora reuniu-se na modalidade híbrida para arguir a defesa de dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança, da Universidade Federal Fluminense, do(a) aluno(a) **Bruno Henrique Rodrigues de Oliveira**, intitulada: "Pegação é Sempre Pegação": uma etnografia sobre os encontros homoeróticos nos espaços públicos da cidade de São José dos Campos-SP, sendo a referida Banca constituída pelos professores doutores: **José Colaço Dias Neto (PPGJS/UFF)**, orientador; **Victor Hugo Barreto (UFF)**, co-orientador; **Danieli Machado Bezerra (UFF)** e **Thiago de Lima Oliveira (USP)**. Como membros suplentes os professores doutores: **Bárbara Breder Machado** – suplente interno e **Soraya Silveira Simões** – suplente externo. A Banca Examinadora deliberou pela:

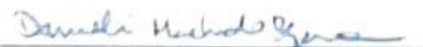
☒ Aprovação do(a) candidato (a)

☐ Reprovação do(a) candidato(a)

Niterói, 18 de Novembro de 2022.


Prof.(a)Dr.(a) José Colaço Dias Neto (PPGJS/UFF)
CPF: 031.350.764-31


Prof.(a)Dr.(a) Victor Hugo Barreto (UFF)
CPF: 114.726.387-60


Prof.(a) Dr.(a) Danieli Machado Bezerra (UFF)
CPF: 031.100.854-29



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS COMPARADOS EM ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JUSTIÇA E SEGURANÇA
Rua Mário Santos Braga, 30 - Outeiro São João Batista - Campus do Valonguinho IAC
Prédio da Física Velha - Centro - Niterói - RJ CEP: 24020-140

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos dezoito dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte dois, às dezesseis horas, a Banca Examinadora reuniu-se na modalidade híbrida para arguir a defesa de dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança, da Universidade Federal Fluminense, do(a) aluno(a) **Bruno Henrique Rodrigues de Oliveira**, intitulada: "Pegação é Sempre Pegação": uma etnografia sobre os encontros homoeróticos nos espaços públicos da cidade de São José dos Campos-SP, sendo a referida Banca constituída pelos professores doutores: **José Colaço Dias Neto (PPGJS/UFF)**, orientador; **Victor Hugo Barreto (UFF)**, co-orientador; **Danieli Machado Bezerra (UFF)** e **Thiago de Lima Oliveira (USP)**. Como membros suplentes os professores doutores: **Bárbara Breder Machado** – suplente interno e **Soraya Silveira Simões** – suplente externo. A Banca Examinadora deliberou pela:

☒ Aprovação do(a) candidato (a)

☐ Reprovação do(a) candidato(a)

Niterói, 18 de Novembro de 2022.

Prof.(a)Dr.(a) José Colaço Dias Neto (PPGJS/UFF)

CPF: 031.350.764-31

Prof.(a)Dr.(a) Victor Hugo Barreto (UFF)

CPF: 114.726.387-60

Prof.(a) Dr.(a) Danieli Machado Bezerra (UFF)

CPF: 031.100.854-29

Prof (a)Dr (a)Thiago de Lima Oliveira (USP)

CPF: 088.827.674-50

Resumo

Esta dissertação visa apresentar os desempenhos de ocupação homoerótica nos espaços de sociabilidade masculinos presentes em São José dos Campos, cidade localizada no Vale do Paraíba, no interior do Estado de São Paulo. Os espaços analisados neste trabalho foram locais tidos como circuitos de pegação, onde homens que se relacionam com outros homens se encontram em horários diversificados em busca de relações sexuais e afetivas. A pesquisa foi desempenhada em espaços urbanos abertos/semiabertos e teve como metodologia o trabalho de campo etnográfico, para a descrição da atuação destes interlocutores durante suas relações com os aparatos urbanos como ruas, parques, shoppings, etc. Cabe ressaltar que o trabalho empírico aponta para as práticas operantes em espaços coletivos, tendo o tensionamento e cerceamento moral por parte da população e agentes de segurança pública.

Palavras-chave: Espaço público, homoerotismo; Pegação.

Resumen

Esta disertación tiene como objetivo presentar las actuaciones de ocupación homoerótica en espacios de sociabilidad masculina presentes en São José dos Campos, una ciudad ubicada en Vale do Paraíba, en el interior del Estado de San Pablo. Los espacios analizados en este trabajo fueron lugares considerados como circuitos de Pegação, donde hombres que se relacionan con otros hombres se encuentran en diferentes momentos en busca de relaciones sexuales y afectivas. La investigación se realizó en espacios urbanos abiertos/semiabiertos y tuvo como metodología el trabajo de campo etnográfico, para describir la actuación de estos interlocutores durante sus relaciones con los aparatos urbanos como calles, parques, centros comerciales, etc. Cabe señalar que la investigación apunta a prácticas que operan en espacios colectivos, con tensión y contención moral por parte de la población y de los agentes de seguridad pública.

Palabras Clave: Espacio público, homoerotismo; Pegação.

Abstract

This dissertation aims to present the performances of homoerotic occupation in male sociability spaces present in São José dos Campos, a city located in Vale do Paraíba, in the interior of the State of São Paulo. The spaces analyzed in this work were places considered as making out circuits of Pegação, where men who relate to other men meet at different times in search of sexual and affective relationships. The research was carried out in open/semi-open urban spaces and had as methodology the ethnographic fieldwork, to describe the performance of these interlocutors during their relations with urban apparatus such as streets, parks, shopping malls, etc. It should be noted that the empirical work points to practices operating in collective spaces, with tension and moral restraint on the part of the population and public security agents.

Keywords: Public space, homoeroticism; Pegação.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de Ciência e Tecnologia – Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos, o INCT-InEAC/UFF, bem como ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos, o IAC/UFF, pela oportunidade de ingresso no Mestrado em Justiça e Segurança.

Ao financeiro e investimento de pesquisa pela CAPES durante minha formação no Mestrado.

Ao meu professor, orientador e grande amigo, Colaço, que durante os últimos sete anos, vem conduzindo junto comigo as aventuras do *Campo da Pegação*. Sou grato por todo cuidado, respeito e credibilidade dados a mim nos últimos anos. E principalmente no período final desta dissertação.

Ao meu co-orientador Victor Hugo, pela parceria dos últimos anos e por aceitar fazer parte desta aventura.

Ao Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense, Neanf/INCT-InEAC/UFF, agradeço todos os concelhos trocados e experiências de pesquisa. Destaco o papel fundamental dos meus colegas Luan Mugabe, Jaider e Mabi que sempre acreditaram e apoiaram meu trabalho.

Aos meus amigos do coração que estiveram sempre comigo, Ana (Carol), Vanessa e Paulinho. Pessoas que levo no coração.

A Profa. Dra. Danieli Machado Bezerra e ao Prof. Dr. Thiago de Lima Oliveira, por aceitarem contribuir com esta dissertação.

A minha querida professora, pesquisadora e amiga Bárbara Breder, que tem papel central na finalização deste ciclo, “tem horas que somos convocados”.

Por fim, a todos meus interlocutores que durante o período desta pesquisa, ofereceram suas experiências pessoais e contribuíram com a construção deste trabalho.

SUMÁRIO

PREÂMBULO: O QUE ME TROUXE ATÉ SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	1
INTRODUÇÃO	11
I.O CAMPO DA PEGAÇÃO	15
1.1 A PEGAÇÃO	15
1.2 UMA (GEO)PERFORMANCE DA PEGAÇÃO	20
1.3 ENTRE DOIS MUNDOS	23
1.4 ELE CURTE ELE ENTENDE	27
II. O ESTILO DA PEGAÇÃO JOSEENSE E SUAS SUBJETIVIDADES	32
2.1 A PEGAÇÃO JOSEENSE: ENTRE A “ <i>ORDEM E O PROGRESSO</i> ”	32
2.2 ANTÔNIO É UMA GAY VIVIDA	34
2.3 A DESCOBERTA	41
2.4 OS CAMINHOS SE CRUZAM	59
2.5 OS CIRCUITOS JOSEENSES: OS SETORES DE DIVISÃO	52
2.5.1 O Parque da Cidade Roberto Burle Marx	60
2.5.2 O Ponto do Bombeiro ou EATON	61
2.5.3 O Ponto do PEV	64
III. A PEGAÇÃO: EM CAMPO DE CONFLITO	68
3.1 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE ESPAÇO PÚBLICO	68
3.2 A APROXIMAÇÃO	71
3.3 O PROIBICIONISMO NA PEGAÇÃO	79
3.4 O PATRULHAMENTO	84
3.5 OS PARTICIPANTES E SEUS TENSIONAMENTOS	89
3.6 A PEGAÇÃO E SEUS MODELOS REPRESSIVOS	92
3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

PREÂMBULO: O QUE ME TROUXE ATÉ SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A *Pegação* apresentou-se como objeto de estudo em 2016, quando eu ainda era estudante da Graduação em Ciências Sociais no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da UFF (Campos dos Goytacazes — RJ). Nesse momento, encorajado a entender as relações homoeróticas nos banheiros públicos rodoviários da cidade, desenvolvi uma etnografia sobre as práticas sexuais e a sua organização na apropriação dos espaços coletivos. Este trabalho de pesquisa empírico foi finalizado em 2019, tornando-se meu trabalho de conclusão de curso na instituição¹.

Em 2020, após um longo processo seletivo, fui aprovado no Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança (PPGJS)², do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (IAC), da Universidade Federal Fluminense (UFF), o qual possui sua sede na cidade de Niterói. A aprovação no processo seletivo, fez com que eu optasse em me mudar, com antecedência, para a cidade de Niterói, antes do início das disciplinas do mestrado, para me instalar próximo ao Instituto, em uma localização que me proporcionasse mobilidade e uma relação agradável com a cidade. Com a ajuda de amigos que consolidei ainda na minha graduação, consegui uma moradia no Morro do Palácio, no Bairro do Ingá, uma região de favela onde vivem diversos estudantes da UFF, entre várias razões, pelo baixo custo de moradia, quando comparado ao valor dos aluguéis de imóveis praticados na cidade — esse local foi escolhido em fevereiro de 2020, sendo que as minhas aulas foram iniciadas no dia 16 de março de 2020. No entanto, com a minha fixação na cidade já estabelecida no início de março, após conversas com alguns amigos que faziam parte de organizações sociais em busca dos direitos LGBTQIA+, circulei em alguns pontos de pegação que poderiam ser marcados pela incidência de encontros homoeróticos.

Eita, pegação aqui tem em muitos locais, nos banheiros, até mesmo na universidade, porém um dos locais no qual você poderia ver é a praia de Boa Viagem, ali a pegação come solta, durante a noite. Só fica ligado nos assaltos e situações que podem ocorrer, porém é bem de boa a pegação lá. (LENNIN, 2020, trabalho de campo)

¹ OLIVEIRA, Bruno Henrique Rodrigues de. "Vamos pro Banheiro": dilemas na construção de masculinidades a partir de uma etnografia das relações homoeróticas nos banheiros públicos da cidade de Campos dos Goytacazes. 2019. 55 f. Trabalho Final de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2019.

² O PPGJS/UFF foi aprovado pela CAPES em 2018, na área de Antropologia, e teve sua primeira turma aberta no ano de 2019.

Minha decisão foi iniciar a pesquisa de campo no dia 10 de março de 2020, na Praia de Boa Viagem, a qual meus amigos haviam indicado como local de proximidade da minha residência e que poderia facilitar a análise pela frequência de homens que normalmente estavam presentes na faixa de areia em busca de possíveis encontros sexuais. Além dos comentários dos meus colegas, obtive uma busca nas redes sociais *Twitter*³ e *Gay Cruising*⁴, a fim de obter maiores informações sobre esses locais.

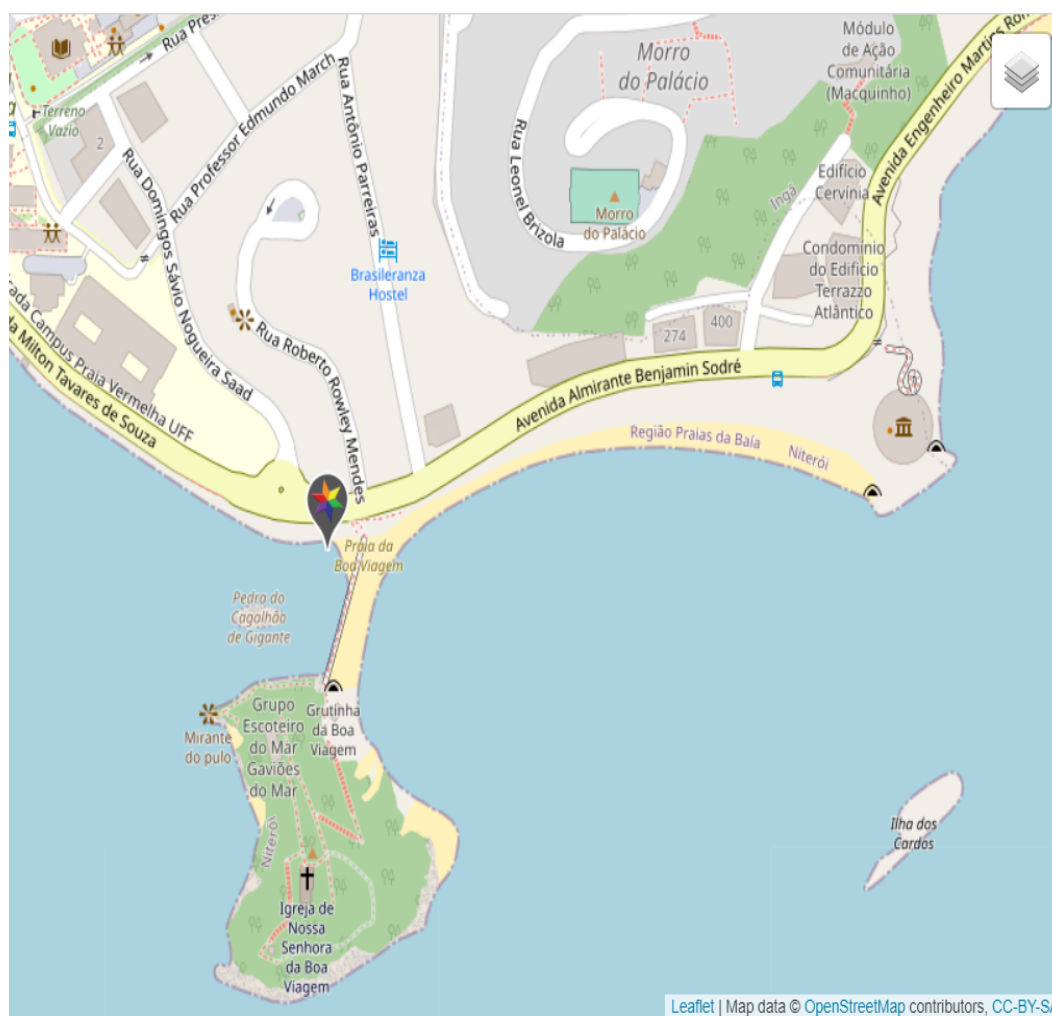
O que observei na rede social *Twitter* foi uma ampla divulgação de perfis que apresentavam o local e as cenas de sexo gravadas pelos participantes que denominavam a prática de *sexo amor*, caracterizando um sexo no qual as filmagens eram feitas em espaços públicos, sem uso de equipamento profissional, que garantia uma estética amadora de cenas em que os participantes usavam o cenário urbano para produzir estes vídeos. De início, essas questões do campo *online* não me chamavam a atenção integralmente, contudo me auxiliaram a mensurar um espaço o qual nunca havia conhecido presencialmente).

Em minha primeira experiência de campo em Niterói fui em busca do local onde acontecia a pegação. Era uma noite quente, típica da época do ano, em que as ruas na proximidade estavam pouco movimentadas pelo horário, o que me deixava tranquilo para usar os aplicativos de mapeamento que me direcionaram até esse local. Depois de uma caminhada de 20 minutos, fui conduzido até a Av. Alm. Benjamin Sodré, 2-278 — Boa Viagem, uma avenida que cobria a orla da praia, a qual durante o período noturno é utilizada pela população para a prática de corrida e caminhada — isso já chamava a atenção para uma associação com a masculinidade presente nesses espaços noturnos, com homens correndo sem camiseta e com bermudas marcadas. Contudo, quando fui me aproximando da ponte que liga a avenida com a ilha da Boa Viagem, consegui observar uma movimentação de pessoas na beira da praia embaixo da ponte, em que muitos homens adentraram uma parte com vegetação. O espaço é escuro durante o período noturno, porém é possível caminhar pelas trilhas que cortam a dimensão da praia.

³Twitter é uma rede social e um serviço de microblog, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço.

⁴ O gay cruising é um site de encontro gays e de geoprocessamento de locais onde ocorrem pegação em todo o Brasil.

figura 1 — Mapeamento feito pelo site Gay Cruising



Fonte: Gays cruising (2020) ⁵

Fiquei a observar atentamente como esse espaço se organizava. Nesse local, notei uma relação muito distinta daquelas existentes nos banheiros públicos nos quais realizei a pesquisa anterior, pois o que estava sendo desvendado era um espaço aberto, isto é, uma praia de uso coletivo em que qualquer pessoa poderia entrar, já que não havia uma divisão de gênero ou impedimentos relativos à classe social.

Decidi então descer em direção à praia, onde já era possível avistar alguns homens que olhavam para mim. Descendo pela avenida, é possível ver algumas trilhas que direcionam as pessoas para a praia na parte de baixo. Nesse momento, um homem me olha diretamente por essas trilhas e assobia a fim de me chamar para descer o percurso — não o consegui ver direito, apenas seu vulto, frente às árvores que cobriam a visão nítida.

⁵ Site direcionada a circuitos de pegação.

Em um determinado momento, consigo ver o seu corpo, apenas coberto por uma cueca/sunga enquanto ele se masturbava, situação que me causou de certa forma uma surpresa pela questão do corpo despido, que antes não aparecia para mim na pegação nos banheiros públicos. Isso demonstra a amplitude que a pegação pode ocupar e com isso revelar novos modos de estar e de se apropriar do espaço coletivo.

A praia com um lugar despido durante o dia também poderia ser ocupada pelos corpos masculinos durante a noite, a relevância de se pensar que um espaço pode ter múltiplas funcionalidades de ocupação e de desenvolvimento com o corpo aceito entre seus iguais. Existem relatos que em certos locais homens transavam na beira da praia a luz da lua sem nenhuma preocupação se foram vistos ou não. Até as árvores eram usadas na hora do sexo como aparatos sexuais de desejo em que homens subiam nas arvores e recebiam a volúpia de seus parceiros chegando até mesmo a penetração.

A relação entre ocupantes também me chamava a atenção, quem estava em busca da pegação também se encostava com aqueles que estavam fotografando o ponto turístico, ou apenas conversando na beira da praia, estas simetrias entre situações de ocupação é uma característica da pegação presente não apenas nesta situação, mas também em todos os espaços observados durante a pesquisa.

Figura 2 — Imagem da orla da praia de Boa Viagem, local onde os participantes caminham



Fonte: Usuário do Twitter (2022).

O contato que comecei a construir com a pegação de Boa Viagem foi interrompido no dia 16 de março de 2020, com a crise sanitária causada pela pandemia de Covid-19, tal como reconhecida pela Organização Mundial da Saúde. Localmente, a prefeitura de Niterói decidiu pelo fechamento das praias e dos espaços coletivos, impondo o toque de recolher para os moradores da cidade através de uma intensa fiscalização. Esse momento fez com que os espaços educacionais, como a própria Universidade Federal Fluminense, fechasse suas portas por 30 dias. Sem melhoras nos casos de contaminação pela covid-19, as universidades decidem pelo fechamento parcial até a vacinação em massa da população.

Em decorrência do agravamento da situação epidemiológica do Estado do Rio de Janeiro com a declaração de estado de emergência na saúde pública, a Universidade Federal Fluminense decidiu adiar o início do semestre letivo em 30 dias. Além disso, determinou a suspensão do atendimento presencial ao público e que os servidores deverão realizar trabalho remoto, com exceção das atividades consideradas essenciais para a garantia da vida, da segurança, das finanças e da estrutura física da UFF. A alteração na rotina de trabalho também terá duração de 30 dias, prorrogáveis pelo tempo que se fizer necessário. (Portaria Nº 66.635 de 16 de março de 2020)

Retorno para São José dos Campos

A vinda para a cidade de São José do Campos aconteceu em julho de 2020, com as incertezas do retorno das universidades, que fez com que o Programa de Pós Graduação em Justiça e Segurança (PPGJS) optasse pelas aulas na modalidade remota. A minha opção, por questões financeiras e de qualidade de vida, foi o retorno para a minha cidade, o que colocava inicialmente os meus objetivos de pesquisa em um momento de instabilidade.

Durante o segundo semestre de 2020, a pesquisa ficou concentrada no campo *online*, o que se tornou um novo desafio para o momento, já que as minhas experiências empíricas, até aquele momento, tiveram como marca o trabalho de campo presencial e intensivo. Com isso, foi necessário reformular dos modelos de observação dos fenômenos, como o uso da internet e novas formas de relação com os interlocutores.

A minha busca foi iniciada nos perfis de pegação *online* sobre a temática da pegação na rede social twitter. Os temas de pesquisa estavam em *pegação*, *pontos de pegação* e *locais de pegação*, o que me direcionou para páginas espalhadas em todos os estados do país. A partir disso, comecei na busca por interlocutores que me oferecessem uma descrição sobre suas experiências sexuais e como a pegação estava ocorrendo durante o processo epidêmico.

Os interlocutores por vezes não aceitavam fazer entrevistas por medo de serem descobertos ou por acharem que eu estava fazendo uma “investigação” sobre os pontos. Uma dessas situações foi em um perfil sobre a cidade de São Paulo que, no ano de 2020, alguns banheiros estavam sendo interditados pela ação policial pela ocorrência da pegação. Isso acarretou uma série de ações nas redes sociais que levaram a apreensão de alguns participantes e a queda dos perfis que divulgam a prática sexual virtualmente.

Olha o povo de São Paulo está meio meio apreensivo, porque em um banheiro do metrô os policiais ficaram à espreita para pegar quem estava fazendo pegação dentro do banheiro. E sabe como eles descobriram? Com a divulgação nos perfis do twitter, eles fizeram uma abordagem alegando a divulgação de imagens sexuais e isso ocorreu de forma inesperada. As pessoas acabam divulgando as imagens com rostos e isso não agradou as pessoas que fazem pegação, e as denúncias online começaram e prejudicaram o local. (COSMO, 2020, Trabalho de Campo)

Cosmo é um interlocutor de 32 anos, morador da grande São Paulo, branco, trabalhava como administrador de empresa durante as manhãs e gravava vídeos eróticos nos espaços públicos durante a noite. Ele me proporcionou duas entrevistas em que demonstrava uma relação profissional com a pegação — em muitos de seus discursos, condenava a ação por parte dos participantes que não condicionam as regras necessárias para a permanência dos encontros na pegação:

Cosmo: Você não conhece os locais de pegação aqui em Sampa, né? Por isso, de forma geral, as pessoas aqui estão acostumadas com a pegação de rua sendo feita de qualquer jeito.

Porque com a pegação de rua, tem a prostituição a qual conheço bem a carinha destes menores de idade que ficam ganhando dinheiro em cima das mariconas.

Hoje em dia, michê gostoso está no Onlyfans, trabalhando online, ganhando dinheiro com quem marca e paga caro para estar com eles, quem faz na rua é viciado ou quem está na busca por dinheiro fácil.

Pesquisador: O que a pegação tem a ver com os michês?

Cosmo: Eles dividem o mesmo espaço, muitas vezes no caso da grande São Paulo, só que a grande diferença é que a pegação é algo que acontece rápido, sem trocas financeiras e sem necessidade clara de uma organização.

O que acontece é que a pegação exige sigilo, porém os participantes expõem os locais pelo desejo exagerado na putaria, até porque a pegação se fixa em locais, mas transita quando necessária. (COSMO, 2020, Entrevista Online-Google Meet)

A ocupação do espaço público dos grandes centros urbanos, como *São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador*, é apontada como uma referência entre os locais de pegação, pois, além de evidenciar relações conflitivas com os agentes de segurança pública também cria situações de tensão entre os participantes dessa prática, que apontam os locais com maior participação e maior vigilância. As grandes cidades ou capitais tem

um funcionamento noturno que passa pelas múltiplas dissidências da sexualidade e a pegação está inserida na multiplicação destes guetos ou espaços de sociabilidade urbana.

Os interlocutores *online*, em sua maioria, ofereciam no máximo duas entrevistas e não permaneciam por um período mais extenso em diálogo. Usavam como justificativa a falta de tempo, o trabalho ou o maior fator: o receio das informações. Outro ponto que dificultava era a amplitude de locais e experiências em que os participantes estabelecem, trazendo limites para a descrição dos aparatos urbanos. Nesse contexto, existia uma maior dificuldade na construção dos ambientes e principalmente na continuidade da descrição etnográfica.

No entanto, oportunizou averiguar a dimensão de ocupação da pegação, espalhada em diversos estados e com relações de proximidade e diferenciações, principalmente nos comentários nas redes sociais. Os participantes evidenciaram um sistema de organização que se intensificou inclusive na pandemia. A pegação não deixou de ocorrer nesse período, segundo os interlocutores, e as imagens e filmagens da pegação redefiniram-se e se apropriaram também das possibilidades do momento.

Cosmo: Olha, na pandemia agora continuo gravando meus vídeos no espaço público, e não me incomodo com as pessoas falando sobre "responsabilidade" porque quem está na procura de sexo nestes locais já assumiu o risco. Você acha mesmo que o macho, pai de família, que vai ao banheiro punhetar com outro macho está preocupado com a COVID-19 ou está querendo gozar? (COSMO, São Paulo Capital, Entrevista Online- Google Meet, 2020)

Wesley: Bruno, meu querido, quem ficou trancado em casa é porque a mulher não deixou sair, ou até mesmo quem o serviço não chamou para o presencial. As pessoas que fazem pegação e estão na rua continuam neste processo, mesmo que seja de forma mais oculta, mas esses dias presenciei dois homens transando no meio da rua, porque estava vazio, encostaram perto de uma árvore, estava lá se pegando. (WESLEY, morador de São Bernardo do Campos-SP, Entrevista Online- Google Meet, 2020)

Vitor: A pegação está comendo solta, não só na rua como também nas casas de algumas pessoas, e até mesmo alguns estabelecimentos clandestinos que usam de períodos específicos para abrir com participantes selecionados, a pegação não parou em momento algum. (VITOR, morador do Rio de Janeiro Entrevista Online- Google Meet, 2021)

O que os interlocutores demonstravam é que, mesmo com a pandemia da covid-19 e com as exigências sobre a não aglomeração nos espaços públicos, os participantes organizavam-se nas possibilidades que encontravam para poderem relacionar-se diante da pegação. Isso intensificou a vigilância, enquanto permitia situações inusitadas, como sexos mais explícitos e em locais onde o movimento foi afetado pelas condições de contenção da pandemia.

A pegação não é fixa, no sentido de depender unicamente do espaço ou do território ocupado. Sua dependência está entre os seus participantes e os locais em que eles vão estabelecer suas conexões independente das proibições. Existe uma necessidade do sexo em público, mesmo que muitos ocupem inclusive relacionamentos com outros homens — a pegação está presente em uma relação de imaginação, fetiche, desejo e uma demanda de intensificadores do que seria a construção do campo da pegação.

Em dezembro de 2020, após a decisão da cidade de São José dos Campos de voltar os serviços essenciais e de abrir os espaços de lazer e de ocupação com medidas de proteção⁶, alguns espaços retomaram suas atividades, como parques, espaços de lazer abertos, ciclovias, shoppings, galerias e supermercados. Nesses espaços, não voltou apenas o funcionamento usual, mas também a pegação foi retomada de maneira convencional.

Essa abertura também me possibilitou a retomada da observação como participante presencial em alguns espaços, como o Parque Roberto Burle Marx (Parque da Cidade), o Ponto do Bombeiro e o Ponto do PEV, todos situados na cidade de São José dos Campos. Diferente das experiências anteriores em outros estados, a minha presença não era vista como um “agente externo” ou “alguém de fora”, mas como um morador da cidade.

O “ser joseense”, que caracteriza o indivíduo nascido na cidade, fez com que a minha experiência com o campo empírico fosse de aproximação com os locais e com muitos participantes, os quais faziam parte de uma cultura homossexual. Essa *aproximação* está associada a um estilo de vida conhecido como circuito homoerótico de pegação, em que, pelo uso de aplicativos ou de espaços coletivos de convívio, alguns interlocutores previamente reconheciam a minha presença e por isso por vezes o diálogo era mais intensivo.

Ser um pesquisador, morador da cidade e assumidamente homossexual oportunizou situações de diálogo com membros da pegação, que de início tinham algum interesse em uma relação de cunho sexual, mas que, com a oportunidade de abertamente falar sobre a pesquisa, exprimiam o interesse de falar sobre as práticas, intendendo uma possibilidade de discussão sobre o assunto.

A aproximação também traz consigo os desafios da desnaturalização de situações por ser joseense, da desconfiança do meu real interesse na pesquisa e da seriedade da

⁶ DECRETO N. 18.681, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2020. Dispõe sobre as regras de funcionamento das atividades que menciona, considerando a Fase Amarela do Plano São Paulo no município, e dá outras providências.

minha presença no campo. A postura enquanto antropólogo foi um condutor de tais atividades, pois foi necessário inúmeras vezes explicar os meus objetivos sobre as relações entre homens nos espaços de pegação, assim como apontar o debate diante do espaço público.

O período de 2020 até 2022 foi oportuno pela ação intensiva dos agentes de segurança sobre os participantes, fazendo com que a minha presença fosse um gatilho para que esses homens falassem sobre as suas dificuldades perante a repressão. Com isso, o campo de pesquisa foi contínuo durante dezembro de 2020 até setembro de 2022, em que as suas demandas foram conduzidas em conjunto com o processo de escrita.

INTRODUÇÃO

A dissertação aqui apresentada corresponde à *Linha de Pesquisa II: Subjetividades, Moralidades, Relações de Poder e Territorialidades na Administração de Conflitos* do Programa de Pós Graduação em Justiça e Segurança (PPGJS) do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (IAC) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e trata-se de uma etnografia sobre sociabilidade masculina presente nos espaços públicos da cidade de São José dos Campos, município do interior do Estado de São Paulo localizado no Vale do Paraíba.

“Pegação é sempre Pegação”: Uma etnografia sobre os encontros homoeróticos no espaço público da cidade de São José Dos Campos-SP evidencia práticas sociais presentes no meio urbano e ordenamentos que afetam a rotina contínua na existência com as múltiplas ações da vida cidadina. O que é chamado como *Pegação*, não pode ser identificado unicamente como um acontecimento corriqueiro ou uma questão inabitual da sociedade, visto que faz parte de uma estrutura (homo)cultural, que exerce função na formação dos espaços de sociabilidade de homens com suas preferências múltiplas, encadeando desejos e ocupações.

A *pegação* é termo, código e conduta conhecida da homossexualidade sendo um produto demarcado historicamente, nas demandas de resignificação. Segundo Costa (2014), a *pegação* é a ação coletiva destes homens, que podem ou não se identificar com a homossexualidade, ou homens que se afastam da denominação homossexual para apenas justificarem a prática pelo desejo.

Trevisan (2018), em seu livro *Devassos no Paraíso*, remonta às práticas homossexuais presentes no aspecto da cultura e como eram lidas no processo colonial brasileiro. O que chama a atenção é a forma indutora da masculinidade a partir dos ideais colonizadores eurocêntricos e fundamentadas em controle ideológico a partir dos discursos religiosos e moralizados. Isso negando qualquer sexualidade contrária às práticas sexuais da heterossexualidade.

nada chocava mais os critões da época do que a prática do “pecado nefando”, “sodomia” ou “sujidade”- nomes então dados as relações homossexuais. [...] Segundo o Pesquisador Abelardo Romero, “ grassava há séculos, entre os brasis como uma doença contagiosa”.(TREVISAN, João Silvério, 2014, p.63)

Na década de 1990 as relações entre espaços sexuais estavam em confluência com o desenvolvimento massivo dos centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro e também afetados por uma construção higienista e criminológica do que seria a ocupação idealizada como natural nos espaços de convívio comum. Neste, o discurso sobre a homossexualidade como algo desviante do entendido como “comum” ou “aceito”, passaram não apenas pelos discursos morais, mas também, médicos, que buscavam definir sua condição como doença.

Green (2000), ao evidenciar a relação da homossexualidade na década de 90, aborda os impactos dos discursos criminais que afetavam os espaços de circulação homossexual, sendo territorialidades ocupadas para o sexo ou busca de interesses sexuais, mas também de sociabilidade da (homo)cultura, visto que os períodos noturnos favoreciam as identidades marginalizadas.

Na década de 1930 o termo "pederastia" era associado a homossexuais e também a relação de homens que se relacionavam com outros homens, principalmente, pois na apropriação dos aparatos urbanos, a homossexualidade e a cultura homossexual estavam em conjunto com a prostituição e vistas como um processo disseminador. Em todos os aspectos é possível ver a incidência do processo de condenação da homossexualidade, principalmente enquanto imaginário social “desviante, criminal e inaceitável” diante da sociedade brasileira.

Após o 1º de abril 1964, que daria início ao processo da ditadura militar brasileira, é possível destacar como esse movimento opressivo sobre a homossexualidade potencializaram a perseguição moral com pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo. O Estado, como forma repressiva, constitui uma ideologia de que a homossexualidade era possível de ser penalizada. Mesmo que não exista uma “lei” que condenasse a homossexualidade como “crime”, os agentes de segurança conduziam a articulação da lei, de como autoridades podiam dar voz de prisão para ações que corrompiam a moral e bons costumes.

Quinalha (2021), aponta a abordagem dos agentes de segurança como uma atuação moralmente potencializada. Ao relatar a abordagem policial ele afirma;

Os homossexuais, depois de detidos, eram levados para os distritos policiais ou para as prisões comuns onde permaneciam por horas ou dias. Ali eram submetidos a tortura e humilhações relacionados muitas vezes a

sua orientação sexual ou identidade de gênero.(QUINALHA, Renan. 2018, p.43)

Mesmo com o fim da ditadura militar em 15 de março de 1985, após um longo período de luta pelos direitos sexuais e principalmente pela liberdade de expressão da sexualidade e um intenso movimento político de organização dos movimentos sociais, as relações do discurso opressivo sobre a homossexualidade ou entre homens que se relacionam com outros homens continuavam no que Fry (2002), denomina de uma (homo)cultura brasileira, tendo em suas bases um processo moral e condenador das práticas homoeróticas.

Nos anos 2000, com os avanços dos direitos homossexuais, o debate sobre ocupação dos espaços públicos e suas “derivas” (Perlongher, 1987), se potencializaram, principalmente no campo de pesquisa acadêmica, que buscavam entender não apenas os avanços, mas ainda os retrocessos sobre os HSH. Porém, a pegação está no campo da marginalidade e dos desvios, vista como imoral por muitos homossexuais, como também pelos agentes de segurança.

É sobre as apropriações e neste sentido me refiro a permanência de grupos em espaços coletivos da cidade, em busca de compreender as motivações que levariam os participantes a ocuparem esses espaços e nisso enfrentarem as formas de cerceamento e controle vindas de agentes de segurança públicos que reconhecem as condutas como inapropriadas para os ambientes urbanos convencionais. É no controle dos corpos, a partir do esperado como convencional e socialmente aceito, que os discursos vindos dos agentes de controle do Estado, fortificam uma conduta de condenação a prática sexual distinta da heterossexual.

Se existe a culpabilização/condenação pelo fato do "sexo em público", que seria o ato que atentaria ao pudor da sociedade ou até mesmo colocaria o cenário sexual como uma forma de invasão da liberdade alheia. Esta condenação vem de uma trajetória histórica da proibição da homossexualidade de ocupação dos espaços comuns da cidade. E uma negação da existencia da homossexualidade no âmbito privado.

Quando estamos na pegação de rua, sabemos que primeiro os policiais vão agir na maldade, de forma a dizer que eles são os machos. Porém, quando chegamos em casa o cenário é o mesmo né? Não podemos nos relacionar com outra pessoa até morarmos juntos, sairmos de casa. E quando saímos de casa, e vamos morar em algum lugar sozinhos, os vizinhos comentam, o porteiro fala “olha ele mora com homem”, “ele vive trazendo homem para sua casa”, perigoso ter um roubo no condomínio e culparem você. O que estou dizendo é que a pegação é reflexo da sociedade. (LUCIAN, trabalho de campo-2022)

Os conflitos são parte das experiências entre a pegação e o meio urbano, tendo como organização seus participantes que utilizam de inúmeros espaços de sociabilidade para divulgarem, locais de encontro ou demarcarem novos espaços de ocupação. Por isso, é necessário remontar um campo histórico para direcionar aspectos presentes nos discursos apresentados ao longo da pesquisa.

Foi através do trabalho empírico e etnográfico que a pesquisa teve seu desenvolvimento. Desta forma a permanência em campo com uma observação participante me conduziram a poder vivenciar a coletividade e organização da pegação joseense. Se os trabalhos sobre a temática sexual, sempre causam dúvidas quanto à ética, ou a postura do antropólogo em meio ao campo, isso pode também estar relacionado a questões morais ou até mesmo com questionamentos sobre as corporalidade de quem faz e como faz a pesquisa.

Diante deste possível questionamento, aponto que todo trabalho se desenvolve com uma relação pesquisador, campo e o reconhecimento dos meus participantes como alguém próximo da pegação. A proximidade vem com certas características como: ser homossexual, ser joseense, ser afeminado, possuir aplicativos de pegação e morar na cidade. Isso trouxe facilitadores, principalmente porque alguns membros da pegação moravam nas proximidades da minha residência.

Com isso, a pesquisa teve momentos constrangedores como encontrar pessoas próximas, mas também possibilitou abordar relatos pessoais mais aprofundados e desenvolver um olhar cuidadoso com os participantes que se disponibilizaram a contar suas experiências. Todos os nomes usados na pesquisa são pseudônimos, criados por mim para poder garantir o sigilo dos interlocutores, para principalmente não revelar suas identidades públicas, afinal como afirma a população homossexual joseense: “todo joseense gay se conhece”.

Portanto, no primeiro capítulo da dissertação, intitulado *O Campo Da Pegação*, destaco as múltiplas definições e aspectos da pegação, que se apresentam tanto na ocupação do espaço coletivo como também na elasticidade da terminologia da palavra utilizada para a denominação, da prática, do lugar, dos regramentos e condutas entre seus iguais.

No segundo capítulo, *O Estilo da Pegação Joseense E suas Subjetividades*, apresento a associação entre a pegação como uma prática presente no meio urbano e suas relações com a cidade de São José dos Campos-SP, a partir das experiências de Antônio, interlocutor desta pesquisa, que descreve sua vivência com a cidade e sua

experiência em relação à pegação joseense. Noto, neste capítulo, a relação entre espaço virtual e físico, com a dimensão geográfica e a descrição dos campos de pegação.

No terceiro e último capítulo, *A Pegação: em Campo de Conflito*, descrevo as experiências dos participantes em conjunto com os agentes de segurança e seus conflitos sociais, formas de repressão e controle. Evidencio os relatos etnográficos e entrevistas feitas com interlocutores que descrevem a ação de representantes legais, sobre a atuação frente os integrantes da pegação. Por fim, destaco a reflexão sobre estas condutas tidas como irregulares e indevidas, bem como forma de repressão no ato sexual em público, mas da própria sexualidade homoerótica vista como desvio moral pelos representantes da lei.

A CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Capítulo I

O CAMPO DA PEGAÇÃO

1.1 A Pegação

A *pegação*, como termo, nomenclatura ou código, vem sendo desenvolvida nos últimos anos como objeto de estudo capaz de observar empiricamente desempenhos, hábitos, costumes e práticas de masculinidades existentes no meio urbano. Isso tudo não apenas em suas ações coletivas, mas também em aspectos morais e cerceadores da sociedade que acabam por intervir em agrupamentos coletivos entre homens que se relacionam com outros homens (HSH).

A definição da *pegação* pode cruzar por uma rede de significados, conseguindo ser associada à ação de flertar, azarar, paquerar, mas também pode por assim identificar uma agência consciente de interações. Como aponta Oliveira (2015), a *pegação* possui em sua formação uma categoria linguística polissêmica, já que pode se referir a tudo, como também a nada, dentro de uma rota de encontro erótico masculino. O sistema da *pegação* vai se definindo como uma parte central em uma estética social, rompendo com uma lógica única entre indivíduo e sociedade. Ele demonstra em suas subjetividades que o “tolerado” em determinados espaços ocidentalizados e heteronormativos acabam tomando para si uma nova utilidade. Perlongher (1987, p.72) aponta os indivíduos que são adeptos às formas “*marginais de sexualidade*” ou que favorecem a possível “*permissibilidade de condutas tidas como publicamente homossexuais*” e consequentemente publicamente proibidas enquanto sexualidade pública “*naturalizada*”. Por consequência, é preciso destacá-la como um código, isto é, uma forma de interação entre os que buscam sexo em meio às vias públicas como

banheiros, shoppings, parques, ruas, galerias, supermercados e estacionamentos e a deriva que pode acabar gerando um momento de pegação (Oliveira, 2015, p.3).

Os agentes que, ao entrarem em busca das possibilidades, usam esses espaços para reproduzir práticas sexuais que, durante o estabelecimento de uma relação de troca, podem ser variadas pelas dependências de determinados locais. É usual, em um ponto de pegação, as primeiras trocas⁷ sejam por olhares, pelo aperto de genitália, por uma conversa para notar o possível interesse do outro ou até mesmo por uma aproximação mais incisiva.

Nesse contexto, o que esses atores desempenham na cartografia em que estão inseridos é romper com o esperado, mesmo que por poucos minutos. A partir disso, eles buscam construir modelos paralelos entre o que se é designado e como os participantes podem romper com a temporalidade, além de, na ausência da pegação, o espaço tem sua forma usual aceita retomada (Oliveira, 2015, p.3). Visto isso, um ponto de pegação ou uma relação de pegação podem ocorrer a qualquer momento, pois a fluidez desses pontos está associada a seus operadores que usufruem de códigos corporais simbólicos para se reconhecerem.

A pegação é amparada na possibilidade vista pelos seus participantes. Ela é elástica (Oliveira, 2015, p.3) e se molda a partir das necessidades dos seus integrantes, além de ser inesperada e rápida. Ademais, ela pode durar minutos ou horas dependendo do fluxo de homens, da localidade e de como os agentes de segurança agem nesses locais — tudo depende do contexto construído. Desse modo, o que determina um circuito erótico são as suas condições físicas, as quais compõem modelos de apropriação de determinados contingentes urbanos para o uso e estabelecimento de rotas sexuais que acabam sendo divulgadas através dos boatos⁸, que são formas de propagar um determinado “ponto” de pegação, ou dos aplicativos móveis⁹ em celulares de geolocalização, que colocam participantes em redes de contato, há também os microblogs¹⁰ virtuais e sites voltados para a temática de pegação.

⁷ As trocas sexuais nem sempre ocupam um lugar de receptividade entre os participantes, ela pode ser uma questão apenas linear.

⁸Os boatos são formas de divulgação sobre os pontos de pegação, eles ocorrem quando grupos (masculinos), se encontram em espaços fora da pegação e acabam trocando informações sobre os pontos e o perfil de homens que participam daquele espaço. O boato pode ocorrer também nos aplicativos, como em situações de sexo rápido, é muito comum pessoas da pegação marcarem de transar fora das rotas de pegação e acabar trocando informações.

⁹ Os aplicativos (App), conhecidos como “aplicativos de pegação” são usados nos pontos como uma forma de atrair pessoas na proximidade e também, para marcar encontros “relâmpagos” (rápidos).

¹⁰Os microblogs são redes sociais que permitem a divulgação como: onlyfans, twitter, myspace, facebook, etc..

Os circuitos são compostos pelo aspecto físico-geográfico dos espaços e pelas suas reverberações em outros níveis de realidade, especialmente o mundo online. É comum na pegação, através da utilização de aplicativos para celulares e redes sociais como o Facebook, alguns usuários perguntarem, avaliarem e recomendarem determinados pontos de pegação. Assim, tais redes no espaço online configuram um espaço potencial para conhecimento das potencialidades de sucesso e do perfil de usuários dos locais, como será detalhado adiante. (OLIVEIRA, 2015, p.12).

A pegação pode ser pontuada como um produto cultural singular que se apresenta com suas dinâmicas entre a vida urbana e as relações históricas da construção dos espaços citadinos. Ela também pode ser considerada como aparato para determinar organizações sociais que tais práticas permitem pensar as relações de interpretações masculinas de virilidade do que se é esperado dos corpos masculinos enquanto via pública, isto é, das estruturas físicas e cartográficas do espaço quando se determina através do heteronormativo o que é permissível e assim com os desempenhos sexuais (homo)orientadas.

O homem que se envolve em um relacionamento sexual com outro homem, então, não sacrifica necessariamente sua masculinidade culturalmente construída - pelo menos desde que ele desempenhe um papel masculino culturalmente percebido como ativo durante o ato sexual e se comporte como homem na sociedade. (PARKER, 2002, pág. 56)

Os espaços de pegação estão longe de pertencerem a uma linearidade concisa já que, na verdade, apresentam-se em uma descontinuidade. Eles são definidos não apenas pela descrição de tais práticas, mas também pelos (sub)mundos criados¹¹, o que permite que atores sociais adentrem em determinados espaços e conduzam sua utilidade para seus desejos. Esses mundos não estão desassociados do modelo social ao qual ocidentalmente a sexualidade foi desenvolvida. A pegação tem uma característica de reproduzir a masculinidade como um condutor do modelo a ser seguido, em esferas nas quais o *ser homem* dispõe das definições de gênero e de sexualidade, conduzidas por uma estética em que, quanto mais próximo de uma idealização masculina, o indivíduo tem uma sobreposição entre os demais.

¹¹ O termo Submundo usado está associado a um espaço que ganha uma nova versão com a presença dos participantes da pegação. Os locais são normalmente reconfigurados, destinados a um desejo próprio, porém não deixam de ser utilizados por agentes externos da pegações, por isso são como dois mundos sobrepostos andando em conjunto.

Na masculinidade exagerada (Barreto, 2017), os indivíduos, para ocuparem determinados espaços de desejo que estão presentes em um campo sigiloso, discreto, fora do meio e oculto, usam justificativas como “aqui é só entre homens”, “macho com macho”, “aqui é só pegação” e “tem que ser macho sem frescura”. Essas são formas de descrever, a partir dos interlocutores, que se vislumbra na pegação um lugar oportuno para a masculinidade explorar os seus exageros.

Esses locais podem ser conhecidos como *cruising*, que seriam rotas sexuais organizadas pelos participantes, nas quais é possível encontros sexuais entre homens. Essas divulgações ocorrem através dos diálogos entre os participantes em redes sociais, sites voltados explicitamente para a temática, como também entre boatos feitos entre eles e próximos sobre os locais de encontro.

Diferente de outros modelos privados como festas de orgia, saunas, casas de sexo, boates, em que podem cobrar alguma seletividade de seus clientes, a pegação de rua é uma relação aberta perante seus participantes, os quais estão inter cruzados com os variados marcadores de diferença. Nesse contexto, os marcadores sociais de diferença estão presentes no âmbito público, sendo eles um construtor de certos perfis de homens que estarão sendo associados às suas formas de se apresentarem diante dos outros participantes. Essas fixações criam diferenças enquanto uma relação de cor da pele, posição social, idade e interpretação de gênero, que estarão integrados aos interesses de determinados grupos na busca de seus parceiros, como também na não seletividade, quando um ponto está com um fluxo intenso de participantes.

Esses marcadores sociais de diferença estão também na distribuição geográfica e do público pertencente às regiões da cidade. Sendo assim, em bairros considerados periféricos, pode existir um público diferente daqueles que utilizam shoppings ou galerias em áreas nobres da cidade. Essa questão do público é um fator de distinção no decorrer da pesquisa, assim como um ponto que é considerado de grande movimento entre os participantes — nesse contexto, acaba por haver uma gama significativa de participantes múltiplos criando grupos dentro da pegação.

Portanto, esses espaços criam um território marcado pelas relações eróticas, no qual se revela um ensejo desses homens buscarem não apenas seus perfis sexuais desejados, como também oportunizar relações as quais Parker (2002), aborda como “aventuras sexuais”, que permitem a utilização do espaço coletivo e a apropriação dos aparatos urbanos para expressão dessas singularidades presentes no campo da pegação.

O modo como essas possibilidades percebidas são transformadas em *aventuras sexuais*, contudo, pode variar. A troca de olhares pode não levar a

nada, funcionando como pouco mais que meio de animar a rotina que seria, de outra forma, monótona, ou de matar o tempo enquanto se espera por um compromisso, ou outras coisas mais [...] A rua (praia, shopping center ou qualquer outro espaço essencialmente público), por exemplo, pode se tornar um local de paquera e pegação. (PARKER, 2002, p.91)

Em alguns casos, quando um ou mais interlocutores foram questionados sobre o significado da pegação, suas respostas fundava-se em uma multiplicidade de aspectos como: "Pegação é a possibilidade de fazer sacanagem, sem compromisso", "pegação é quando você vem, faz, sem deixar ser afetado", "pegação é tudo isso, aqui" e "pegação é sempre pegação, não importa o que as pessoas fazem, ou deixam de fazer para proibir, onde tiver macho com tesão vai ter pegação[...] Por isso não tem como parar, porque homem em busca de outro, tem em todos os lugares só muda o CEP e o idioma".

Portanto, a pegação, enquanto uma categoria, pode ser configurada dentro de uma lógica de associação de significados, que não estão necessariamente associados a uma única definição clara e objetiva, mas em sua fluidez e organização, em que aspectos se inter cruzam trazendo a possibilidade de analisar a ação social e cultural, como também aspectos históricos, que podem ser individuais ou coletivos.

1.2 Uma (Geo)Performance Da Pegação

Uma nova cartografia das identidades sexuais advindas de uma rede de distribuição de territorialidades, as quais são reconfiguradas por participantes que utilizam locais socialmente tidos como não possíveis para o uso sexual, modificam-se, criando uma geografia urbana do desejo (Oliveira, 2016). As produções desses contingentes promovem-se através de encontros, possibilidades, interações e demarcações, desenhando, nos meios citadinos, uma ampla gama de possibilidades subjetivas, que, através do desejo e práticas, utilizam dos espaços públicos para uma mediação de encontros que podem ter sua fixação ou apenas serem constituídos momentaneamente.

A fixação de certos pontos de pegação ocorre quando determinados percursos provêm da possibilidade de estabelecer quais itinerários são configurados e espalhados entre os seus membros, para que possam revelar dinâmicas de codificação. Isso não garante a permanência, pois determinados espaços, tidos como favoráveis para os

praticantes da pegação, acabam sendo embargados pela ação de modelos de segurança pública¹².

Sendo a pegação um modelo rotativo que identifica em suas redes uma sociabilidade, o inesperado pode levar um ponto a se tornar propício a um encontro entre homens por motivos variados, como a segurança escassa do local. Em certos pontos, a vigilância da segurança pública é menor, ou apenas em certos horários, o que faz com que, durante a madrugada, homens possam permanecer por mais tempo e diversificar suas práticas sexuais. Todavia, nem sempre ela precisa estar alojada em um lugar, pois pode ser configurada em momentos e cenários distintos, como dentro de transportes públicos (trens, ônibus ou táxis), que são usados diariamente em horários que podem favorecer a pegação.

Podemos considerar que o momento propício está espalhado pela rede de possibilidades que um espaço pode favorecer. A pegação pode ser o aperto de genitálias, a encoxada, a masturbação, o sexo oral e até mesmo a penetração em certas possibilidades. Além disso, pode ser executada através de uma olhada aprofundada ou de uma relação de flerte dentro de um espaço coletivo, o que dá um caráter de apropriação do espaço em condições de habituação são as condições do ambiente.

A busca desses agentes por trocas eróticas e sexuais servem como modo de percepção de uma reinvenção dos espaços públicos presentes na cidade, mesmo que a prática da pegação não seja uma ação nova nos centros urbanos. Segundo o que apresenta Clemente (2020), existe uma subversão tecendo novas paredes e estruturas subjetivas de delimitação do que se percebe como espaço público e privado. Nesse viés, a pegação é uma ocupação homoerótica fundante de novas formas territoriais de povoamento que rompem com ordens hegemônicas heteronormativas, criando os seus códigos e maneiras de entrelaçamento.

Magnani (1992)¹³ destaca como os cruzamentos sociais entre as perspectivas de possibilidade sobrevivem com a característica tempo e espaço. O momento pode se referir a uma experiência vivenciada ou a uma rotina diária, constituindo sistemas de mobilidade moral correspondente a certos trajetos. Perlongher (1986)¹⁴ aponta para

¹² Ação de fiscalização seja pela Polícia, Agentes de Segurança públicos ou privados.

¹³Nesse sentido, cabe pensar em territórios de familiaridade e pertencimento, trajetos e movimentos, espaços dispersos, mas conectados, como sugerem as categorias de pedaço, mancha, trajeto, circuito e pórticos.(Magnani, J. G. C. (1992). Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista De Antropologia*, 35, 191-203).

¹⁴PERLONGHER, Nestor Osvaldo. O negocio do miche: prostituição viril em São Paulo. 1986. 338f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281384>>. Acesso em: 16 jul. 2018

práticas sexuais dissidentes da lógica heteronormativa vigente nos espaços de sociabilidade urbanos, o que cria modelos de perambulação ou de desorganização de um referencial vigente normativo.

Esses desdobramentos urbanos corroboram a criação de circuitos que segregam a população citadina em locais onde as formas de tolerância sobre determinadas apropriações têm relações distintas frente à ação de repressão. Em espaços abertos o cruzamento das ocupações sociais urbanas podem ser variadas, em um mesmo local podemos encontrar, moradores em situação de rua, jovens se divertindo, pessoas praticando esportes e pessoas em busca de pegação, sendo que seus agrupamentos de ocupação se misturam entre os entendidos de cada situação.

No entanto, a pegação também pode estar restrita a ambientes em que sua incidência ocorre de maneira a permanecer certos desejos, mesmo que reprimidos por uma ação violenta. Em espaços semi públicos como banheiros, supermercados, galerias, os participantes se queixam da forma ostensiva da ação da segurança e mesmo que em muitos casos pareça um cenário “perigoso”, existe uma relação de sobrevivência destes padrões de desejo, mesmo proibidos e visto como desviante a incidência de encontros sexuais ocorrem.

As performances são parte dessas regiões, que se ordenam entre as normalidades e os desvios inseridas nas rotinas diárias dos centros urbanos e de suas adjacências, conduzindo a um entrecruzamento de interesses, entre as ocupações populacionais (VELHO, 1973). Como o lugar é codificado na permissibilidade, é possível destacar regiões de ocupação espalhadas em múltiplos espaços urbanos, dando uma aspecto de segregação sócio-espacial.

Esses conceitos elucidados pela Escola de Chicago (1910), no aspecto da Sociologia Urbana, são capazes de desmembrar um campo de circulação nas margens de uma contra regra prescrita como uso *natural do espaço*, se aglutinam em determinados pontos criando sistemas de permissibilidade de condutas públicas tidas como irregulares.

Essa irregularidade pode ser vista no próprio imaginário da homossexualidade na contribuição socio-histórica e política da determinação de certos espaços de utilização de encontros entre homens que se distanciam da denominação de homossexuais, mas que suas práticas são lidas pelos não frequentadores como invertida da lógica heterossexual. O conflito entre participantes e não participantes tem como

referencial o que é fomentado como prática sexual natural, tendo a heterossexualidade como referencial de performance aceita.

Os homens ocupam o que pode ser descrito como dois mundos, que se entrelaçam e reproduzem distinções da lógica sexual heterossexual, mas que também exercem, dentro das performances, práticas socialmente entendidas como homossexuais. Os espaços de pegação demonstram um cenário de conflito e de distribuição da homogeneidade de possibilidade que as práticas eróticas podem constituir no meio social.

1.3 Entre Dois Mundos

As demandas sexuais experienciadas a partir do que poderia ser denotado com uma cultura social da homossexualidade masculina exercem parte de uma sequência contínua dos espaços de utilização recorrentes pelos homens. Homens esses que se relacionam com outros homens, nos modelos mais contemporâneos e nas formas abruptas de se considerar a vida diária ou as experiências vividas por indivíduos e suas ações, práticas e exercício de uma economia sexual que está associada aos corpos e aos seus prazeres.

Parker (2002) dispõe sobre a vida cultural e social da homossexualidade a partir de uma topografia do desejo homoerótico, vislumbrando uma visão física das constituições geográficas de uma vida urbana. Para o autor, os centros urbanos brasileiros fundamentam uma matriz de produção da sexualidade homossexual diante do espaço público, de modo que configura as atividades sexuais masculinas diante dos traços de organização sexual entre a prostituição masculina, os travestis e a pegação, manifestando como essas delimitações são fundantes de um imaginário sobre o homoerotismo performático.

Em todos os cenários sociais, e particularmente nas grandes áreas urbanas, existe uma geografia social complexa com alto grau de conhecimento local das especificidades deste terreno. Algumas áreas da cidade são inevitavelmente os territórios de prostituição feminina, para encontros e interações sexual por parte de casal homens e mulheres jovens, e assim por diante. Em poucos casos a complexidade da geografia sexual são tão elaboradas quanto na homossexualidade masculina, onde as territorializações (bem como a desterritorialização) do espaço sexual é quase sempre excepcionalmente complexa. (PARKER, 2002, p.89)

Nesse viés, a complexidade das transformações do espaço público, a partir do século XX, distribui modelos de alocação e de distribuição dos aparatos urbanos, construindo uma figuração erotizada e sexualizada em suas distribuições para encontros sexuais masculinos diversificados e que são moralmente delimitados em cenários íntimos e do lar (privado). Todavia, a pegação na ambivalência, que diante das aventuras eróticas em formas múltiplas de paquera, flerte, olhares e pegadas, ao reconsiderar a utilização comum ou estipulada para um determinado local, começa a questionar por vezes a reorganização da paisagem neutra, que a configura para um cenário sexual (Parker, 2002, p.90)

Dessa maneira, é arquitetado um sistema erotizado pelos agentes da pegação, quando percebem as múltiplas possibilidades de encontros sexuais, os quais operam na imagem urbana e nas suas estruturas físicas, como ambientes de permeabilidade da ação da sexualidade. Isso não distancia a ordem repressiva que também se apropria desses espaços, uma normativa que reprime o sexo entre iguais, mas que é inábil por vezes em identificar as trocas e significados que a pegação utiliza para a sua permanência e propagação.

Fora daqui eu sou um homem normal, que trabalha e desenvolve minha vida, não tenho a relação que muitos de virem e ficar horas aqui. Tem gente que vive da pegação, isso aqui divide dois mundos, os que estão lá fora, e os que estão aqui dentro. Os homens aqui dentro são os da putaria, os que querem sexo, gozada e os de fora são os normais, casados, filhos, trabalhadores, que não precisam estar aqui. (Trabalho de campo- Ricardo)

O mundo presente na pegação tem suas demarcações sociais orientadas diante das práticas e da permanência dos códigos sexuais feitos pelos participantes. A fala de Ricardo, a qual opera a identificação de *homem normal*, referindo-se à sua posição fora do ambiente da pegação, revela uma divisão social entre os dois campos, mesmo que ambos estejam alojados geograficamente no mesmo espaço territorial. A usabilidade coletiva apresenta-se diante dos arquétipos de distinção.

A partir do conceito de territorialidade de Guattari e Rolnik (1986), é possível destacar que os seres organizam-se e existem dentro dos territórios, nos quais se articulam em um fluxo, sendo relativo tanto ao espaço vivido quanto a um sistema percebido (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.322). Nesse sentido, as percepções dos fluxos sociais tecem demandas habituais do espaço a partir da confluência de participação coletiva.

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.323).

Os circuitos elaborados pela pegação apontam modelos de agenciamento (Guattari; Rolnik, 1986) referentes a como os indivíduos, vão se utilizar de determinados territórios centrados no mesmo espaço da pegação (entendidos ou não), por vezes dividem o seu valor usual e criam modos de percepção sobre fluxos contínuos.

Haesbaert e Bruce (2009), ao tomarem o conceito de territorialidade e agenciamento de Deleuze e Guattari (1988), apontam para a forma como os processos de gerenciamento de *máquinas do corpo* reproduzem-se como *máquinas sociais* nas relações dos corpos humanos e nos contextos sociais nos quais os grupos se apresentam. Performando relações entre os indivíduos e o território. Com isso, os processos de permissibilidade de determinados circuitos estão associados a como seus agentes sociais apropriam-se na reconfiguração do espaço de utilização.

Os agenciamentos coletivos de enunciação, por outro lado, remetem aos enunciados, a um “regime de signos, a uma máquina de expressão cujas variáveis determinam o uso dos elementos da língua” (1995b:32). Os agenciamentos coletivos de enunciação não dizem respeito a um sujeito, pois a sua produção só pode se efetivar no próprio socius, já que dizem respeito a um regime de signos compartilhados, à linguagem, a um estado de palavras e símbolos como os brasões, por exemplo. (DELEUZE, 1988, p. 54)

Nesse viés, o que o mundo da pegação pode denotar é uma flexibilidade presente nas condutas de regramentos dos participantes — nessa percepção, o contexto que envolve as intenções condizentes com o território transforma-se a partir da presença destes indivíduos que mesmo ocultado seus desejos para o mundo externo, também demandam uma utilização presente do espaço.

Em uma das visitas de campo, meu interlocutor evidencia a concepção de “submundo”, criada no contexto de identificar a esfera de apropriação dos espaços para as práticas de pegação. “*Esse é um lugar que, além de possibilitar encontros sexuais com outros homens, regem uma ordem sensorial de lugar para poder ser quem você é*”.

Biel tem 22 anos de idade, possui estatura baixa, é branco e trabalha em um escritório de vendas de carros na região central — além disso, é morador da zona sul

de São José dos Campos. Nesse contexto, pergunto sobre o que ele procurava no ponto de pegação, o qual dá a seguinte resposta:

Estou vendo o que rola, não me atraio com facilidade pelas pessoas, vim procurar um amigo também. Eu gosto de ficar discreto, para mim isso aqui é um submundo, sabe?
Onde eu posso vir e me distanciar das pessoas, da vida do lado de fora.
Olha o que nos separa (Entre as pessoas fora da pegação) é apenas duas passadas, mas já faz toda diferença.
Podemos encontrar de tudo na pegação, mas aqui os interesses são trocados a partir dos desejos e das vontades entre cada pessoa, você pode chegar aqui e não querer nada e acontecer tudo, a pegação tem essa do inesperado.
O submundo, criado aqui é o mais interessante, porque ele permite que sejamos aquilo que nosso desejo quer, e não aquilo que devemos esconder.
(BIEL- Trabalho de Campos- São José dos Campos-SP., 2021)

Quando questionado sobre a usabilidade da concepção de *submundo*, Biel retoma a ideia de que por vezes foi até o local de pegação para esquecer do *mundo de fora* — ambos os termos remetem a um rompimento entre processos que podem retomar a categoria de normal. O primeiro, com a criação de um “submundo” proporcionado pela pegação, traz uma naturalização do espaço público de utilização, sendo ele existente em uma lógica normativa da heterossexualidade como cenário de normatização das regras. Essa lógica é justificada pela presença da categoria *discreto*, em que a ordem da aparição da homossexualidade ou dos códigos que denotam a revelação de atributos desviantes de uma ordem viril não condizem com uma disposição aceitável como normal.

Sendo assim, o submundo seria o lugar de possibilidade, no qual as pessoas, em busca de seus interesses comuns, encontram a disponibilidade de exercer suas práticas sexuais dentro de uma lógica codificada entre o permissível e o proibido. Perlongher (1986) vai apontar a relação de uma vida homossexual ativa, organizada com interesses e valores próprios, sendo eles de reconhecimento de suas práticas e vontades (PERLONGHER, 1986, p.88).

Essas construções e articulações com o espaço, instaladas por concepções performáticas, produzem cenários de trocas sexuais e afetivas, que mesmo quando não exercem o sexo, os indivíduos, através de uma economia de trocas sexuais, encontram nesses espaços a identificação com seus entendidos. Esse entendimento está nos modos com que se apropriam dos conceitos não apenas subjetivos, mas também materializados nas formas concretas e físicas que os que curtem a pegação ocupam, isto é, de promover um ambiente que aceita seus iguais. Os marcadores sociais de desigualdade podem estar presentes nesses ambientes, como já abordado — a

masculinidade, as questões raciais e a classe podem ser usados como forma de afastar certos participantes. No entanto, também existe um lugar de recepção e acolhimento, em que alguns grupos começam a se formar dentro de espaços: amigos, conhecidos e novos colegas, que se formam neste território.

Biel aborda uma relação na qual a pegação não está apenas associada a um mundo guardado e escondido da sociedade, mas revela uma relação de proximidade, já que o amigo que ele estava esperando foi um homem mais velho que ele conheceu na pegação. A relação era marcada por encontros semanais no horário em que o entrevistado saía do trabalho e, mesmo que eles não trocassem mensagens, telefones ou se conhecessem fora da pegação, construíram uma relação de proximidade dentro desse campo.

1.4 Ele Curte Ele Entende

As posições sexuais vão sendo exibidas através da resignificação do interesse e dos estereótipos criados sobre o membro da pegação. O homem que aparenta gestos corporais de femilidade ou que se remeteria à “bicha”, é percebido como passivo; em contrapartida, o “macho”, que é entendido como heterossexual, pois representa as idealizações impostas pela masculinidade enquanto gênero e sexo, encarna-se de ocupar a posição ativa.

Entre o ativo e passivo, pode-se exprimir o indivíduo que busca a versatilidade e que remonta ambas as posições sexuais, dando a ele uma nomenclatura de indivíduo que “curte de tudo”, sendo esse o que está disposto a exercer ambas as posições.

Segundo este modelo, entre atividades eróticas homossexuais, tradicionais, o homem, na giria, o “bofe”, assume o papel ativo, no ato sexual e na prática de penetração anal em seu parceiro[...] A passividade sexual deste último atribui a ele a posição social inferior da “mulher”. Enquanto o homem “passivo” é sexualmente penetrado [...]. (GREEN, 2000, p. 28)

Logo, ser entendido tem seu significado, o qual pode intercruzar com a categoria *curtir*, tendo referência a quem entende algo, tem prática, experiência e que compreende determinado assunto ou prática. O conjunto dessas categorias remete a algumas feições descritas por Peter fry em *O que é homossexualidade*¹⁵, em que é exposta a categoria *entendido*, a qual é uma especie de equivalência entre pessoas do

¹⁵ FRY, Peter; MACRAE, Edward. O Que é Homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1983

mesmo sexo que necessariamente não apresentam características ou trejeitos dados a esteriótipos sociais contruídos no imaginário cultural sobre o homossexual.

Através desse mesmo percurso Braga (2013), salienta que os entendidos são homens que se relacionam com outros homens, mesmo que estes ocupem posições sociais em outras esferas de sua vida, sendo a masculinidade aludida à prática, independente da posição ocupada ou do comportamento.

No novo modelo, que começa a ser visto nas grandes cidades brasileiras a partir dos anos 60, as categorias são divididas entre homens e “entendidos”. Assim, aquele indivíduo do sexo masculino que se relaciona com outro do mesmo sexo, será sempre entendido, independente de sua posição ou comportamento. E a categoria “homem” fica reservada aos que se relacionam exclusivamente com mulheres. (BRAGA; TEIXEIRA. 2013, p.22)

O que Fry (1983) e Braga (2013) indicam é que, a partir das novas utilizações da categoria homossexual e consequentemente do uso de *entendidos* e *não entendidos*, é possível perceber que a aplicação de determinadas nomenclaturas dentro do campo revigoram o imaginário sobre a homossexualidade, configurado nos anos 1960. O entendido então é o participante que “curte” práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, sendo *curtir* uma amplitude de possibilidades dentro das afeições de desejo sexual.

Os interlocutores usam a denominação *curtir* como forma de exemplificar sensações e práticas que podem remeter a um momento de *curtição*, que seria as trocas efetuadas entre os participantes em um determinado momento, ou a delimitação de um perfil de interesse marcada por *eu curti aquele cara*, o que dá uma viabilidade às inúmeras funções de uso.

O entendido apresenta-se como o que reconhece, vivencia, tem o conhecimento prévio, uma relação com a própria pegação e que, distanciando-se da nomenclatura da homossexualidade, prontifica-se a ser identificado como um entendido. Esse indivíduo é aquele que conceitua e executa, o qual, por vezes, está passando em determinada localidade entendida como um espaço de pegação e acaba tendo uma experiência erótica com outro participante, como pode ser visto a seguir:

Lucas: Eu venho *todos os dias aqui neste horário*, porque tem um cara casado que passa por aqui que sempre rola uma pegação com ele.

Pesquisador: Como você sabe que ele é casado?

Lucas: Ele tem uma aliança no dedo bem dourada, ele passa por aqui procurando alguém para curtir, e sempre que me vê acaba rolando algo entre nós dois.

Pesquisador: O que chama atenção nele?

Lucas: Ele tem o *perfil* casado, sabe de *macho mesmo*. Ele vem sempre depois do *serviço buscando algo rápido*, então acaba que é uma coisa bem de machão, ele me pega do jeito que gosto. Ele é aquele *ativo bem macho*, que curte uma coisa bem discreta, e eu, “*já entendi das coisas, peguei de longe*”.(LUCAS, Trabalho de Campos- São José dos Campos-SP-2021)

O ser *já entendido*, que Lucas remonta ao se colocar como uma pessoa que é capaz de identificar e caracterizar outro como uma pessoa participante da pegação, é recorrente dentro desses campos, que usam das identificações de códigos pré-delimitados, sensoriais e miméticos que podem evidenciar formas de interesses. Os códigos, por sua vez, são formas de gerenciamento dos corpos que conduzem a identificar modelos e posturas retratados em uma rede de significado de uma cultura da pegação. É incerto saber necessariamente como eles são construídos, mesmo que nos remonte a ideia de (hiper) masculinidade, como o fato de segurar a genitália para demonstrar o tamanho e espessura do pênis como algo extremamente valioso neste ambiente.

Essas configurações podem aparecer como algo depreciativo com indivíduos que apresentam códigos de feminilidade como “andar como mulher”, “falar fino” e “andar rebolando” — essas associações com performáticas de gênero atribuídas à feminilidade causam certos constrangimentos e comentários dentro do campo, no qual a identificação dada por indivíduos que apresentam esses marcadores é “bichinha”, “viadão”, “passivona”, e “aquele curte sentar”.

Nilson: Olha aquele menino, andando aqui, fica passando para cima e para baixo fingindo estar caminhando.

Pesquisador: Você o conhece?

Nilson: Não, mas dá para perceber que ele curte né, a bichinha fica passando por aqui rebolando achando que disfarça, não adianta, mesmo que ele não pare, dá para saber que ele curte “dar” olha, como ele anda rebolando forçando para parecer com macho, mas está na cara que ele curte sentar. (NILSON, Trabalho de Campos- São José Dos Campos-SP, 2021)

A passividade, enquanto posição sexual, não é vista como algo (des)valorativo em algumas ocasiões. Em situações nas quais o participante apresenta estereótipos ditos masculinos ou uma virilidade potencializada, o indivíduo pode ser exaltado por conseguir exercer o sexo anal com vários parceiros sem perder sua masculinidade ou até mesmo causar uma surpresa por preferir a posição passivo, pois sua corporidade denota alguém com postura lida como ativa.

Gustavo: Lá, no ponto do bombeiro, vai uns caras fortões bem macho mesmo, que curtem dar o cu, os caras não parecem essas bichinhas, que vemos. Eles são bem fortes e musculosos mesmo. E os caras, curtem dar mesmo, sabe?

Pesquisador: Não, como assim?

Gustavo: Há, eles vão lá e começam a transar com varios caras, e a maioria não dá conta do tesão deles, então eles fazem rodas onde vários homens ficam revezando a penetração, os caras são passivos, mas bem machos que aguentam vários.(GUSTAVO, Trabalho de Campos- São José Dos Campos-SP, 2021)

A masculinidade é apresentada como algo que pode potencializar o indivíduo que ocupa a posição de passividade sexual e, nesse contexto, os atributos estão integrados no perfil que eles exercem antes e após os atos sexuais. O fato de não aparentar ser gay ou até mesmo de não remeter a um indivíduo que possa ocupar a passividade, dão a esses a classificação de “macho” mesmo estando na posição de passivo. Isso faz com que se tornem ativos, pois controlam a potencialidade dos demais, isto é, de não conseguirem satisfazer outros participantes — nesse caso é necessária uma demanda maior de homens para as práticas sexuais.

O estereótipo da bicha é o que Fry (2002, p.42) vai analisar como uma forma de demarcar a masculinidade que está instituída no comportamento que é atribuído ao sexo. Essa nomenclatura é dada aos indivíduos que ocupam um papel desviante da construção de uma masculinidade dividida entre uma postura heterossexual binária com comportamentos fundado entre feminino e masculino, num Brasil tradicional ou popular em que os papéis de gênero são bem direcionados e definidos.

O homem que ocupa o lugar da bicha, não é definido a esse papel pela questão da homossexualidade, mas por ocupar um lugar definido para o feminino (Fry, 1983). Desse modo, a passividade, enquanto prática sexual, não o denominaria uma bicha, mas sim sua postura diante das performances definidoras de gênero. A imagem pública é significativa para a situação, mesmo que exerça, na prática sexual, a posição como passivo, sendo o prazer nas múltiplas possibilidades o que o colocaria nessa condição Fry (1983).

As performances caracterizadas por uma cultura pré-determinada dos papéis socialmente constituídos entre gênero e sexo bem como as práticas sexuais são um aparato da construção da sexualidade. O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural (BUTLER, 1990;2013, p. 25). O discurso sobre as práticas sexuais é construído dentro do campo da pegação, o qual pode ser uma valorização da masculinidade, por curtir a prática sexual ativa e ocupar o

lugar do macho dentro e fora do campo da pegação, ou pode trazer performances de sexualidades distintas da postura lida como viril.

O macho que *curte* ser passivo, mas é *entendido* e performaticamente reproduz o imaginário do *macho*, rompe com o determinismo das posturas e práticas. Isso pode ser visto a partir do caso ao qual Gustavo expõe um “passivo de verdade” isto é, aquele que exerce a passividade na prática sexual, porém prova sua masculinidade no desempenho tanto no que se remete a força, por aguentar vários homens o penetrando, quanto pela frequência de garantir prazer a uma gama de homens ao mesmo tempo. Nesse viés, “Os homens são criados para pensar a sua masculinidade, a qual sempre está sendo provada por um desempenho sexual tanto potente quanto frequente” (FRY, 1983,p. 49)”

As posturas dentro do campo da cultura gay brasileira tem sido desenvolvida como produto de uma dialética das interações e identidades da homossexualidade (Parks, 2002 p.53)¹⁶. Essa é uma natureza transitória presente nos aspectos interativos entre os indivíduos, que associados a uma relação entre sexo e gênero, determinam certas posturas esperadas do seus parceiros, mesmo que momentaneamente dentro do campo da pegação. Nessas afirmativas, é possível pensar a homossexualidade como uma forma de reprodução de estéticas definidas e orientadas por padrões e modelos sociais que reproduzem definições generificadas de que as atribuições de gênero também são impositivas nas práticas sexuais.

O senso comum sobre determinadas ações, sendo essas reveladas diante de um processo cultural e de relações de poder dentro dos encadeamentos presentes nas práticas homoeróticas, tem no macho um lugar de predominância como um ser desejado, isto é, aquele que reproduz a masculinidade sem se desviar do esperado dos padrões de gênero, codificados em uma postura de virilidade, força, resistência e aspectos corporais que justifiquem a relação entre gênero e sexo.

O homossexual em nossa cultura que define uma pessoa pelo seu “suposto gosto” por relações sexuais com pessoas do mesmo sexo[...]. O que existem nestas culturas são identidades sexuais construídas de combinações de sexo biológico e papéis sexuais. (PARKER, 2002, p.39-40)

As multiplicidades presentes na homossexualidade, em sua maioria, estão em conflito com os arranjos que as delimitam dentro da cultura sexual tradicional, que são

¹⁶ Ao mesmo tempo, se a experiência sexual está de fato em movimento constante, é fluida, flexível, e em processo de transformação, jamais permanece assim indefinidamente. Ao contrário, a experiência sexual sempre toma forma (Parker, 2002, p.53)

adquiridas através de toda uma estrutura social de vida que delimita os indivíduos em modelos binários de oposição.

Na cultura social brasileira, os regramentos entre indivíduos do mesmo sexo não os limita apenas em sua posturas e performances sexuais, mas também em suas apropriações sobre o espaço de uso coletivo. Como afirma Parks (2002): “A vida gay aparece assim coexiste na própria subcultura gay homossexual e no mundo mais amplo da cultura brasileira contemporânea limitando os direitos de território e de vida sexual” (p.81)

Capítulo II

O ESTILO DA PEGAÇÃO JOSEENSE E SUAS SUBJETIVIDADES

2.1 A Pegação Joseense: Entre A “*Ordem E O Progresso*”

A pegação em São José dos Campos não dispõe de uma data determinada, já que sua ação mantém-se presente nos espaços coletivos. Por isso, é importante abarcar, além do convencional, o contexto histórico através dos dados e estatísticas, além de retratá-la a partir de trabalhos regionais e da experiência vivida pelos interlocutores quanto à relação (homo)cultural da pegação. Dessa maneira, vislumbra-se uma descrição densa¹⁷ sobre os aspectos vistos não apenas em uma análise processual, mas na própria experiência.

O trabalho desenvolvido por Valéria Zanetti e Luiz Felipe Rossi, intitulado *ABRINDO O ARMÁRIO: TRAÇOS DA HOMOSSEXUALIDADE EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (1980-2000)* estabelece as relações de complexidade sobre homossexualidade e os seus espaços de utilização na cidade, denotando uma conexão entre o Estado e as múltiplas formas de se tentar um apagamento social dos homens que se relacionam com outros homens e de toda uma gama de personagens que compõem o campo da diversidade¹⁸.

Segundo os autores, é possível pensar numa associação entre o vírus do HIV na década de 1980 e o princípio dos debates abertamente públicos sobre a temática da homossociabilidade. A proliferação do vírus, que socialmente estava interligado às travestis e aos homossexuais como parte dos principais afetados e transmissores, aponta uma necessidade de repensar os espaços de coletividade, mesmo que reprimindo e construindo redes de marginalização. Os meios midiáticos foram os maiores precursores sobre a estigmatização da população LGBTIQA+, nos quais as travestis eram perseguidas e acusadas como uma forma de culpabilização sobre a infecção ainda pouco compreendida sobre o HIV.

As campanhas informativas sobre o vírus da Aids foram desenvolvidas em quantidades maiores no ano de 1987, quando o vírus atingiu os heterossexuais e a prefeitura de São José dos Campos criou um

¹⁷ (Clifford Geertz, 1978, pág. 24)

¹⁸ O campo da diversidade ocupa Lesbicas, Gays, Bissexuais, transsexuais, Travestis, Panssexuais, Queer, Intersexo. Assexual, + O mais serve para abranger as demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero.

departamento especial para as doenças sexuais para atender a população e informar sobre o riscos dessas doenças (Jornal Vale Paraibano, 03 de setembro de 1987). Após o surto da Aids, as travestis foram expulsas do centro da cidade e migraram para o posto da Gruta às margens da rodovia Dutra. O novo ponto passou a ter maior concentração de travestis, em local isolado da cidade (ROSSI, Luiz Felipe, ZANETTI, Valéria, 2009-2011, pág.2)

A expulsão das travestis e de transexuais dos meios de convívio público para a contenção do vírus afere uma necessidade de apagamento social sobre a real problematização da doença. Além do mais, demonstra a ocultação das formas de sexualidade e de representações sociais que vão além dos estereótipos homogêneos da heterossexualidade, construídos nas sociedades ocidentais como unidade estrutural.

Os modelos de sociabilidade no espaço público, nas décadas iniciais, foram marcadas pela violência e pelo cerceamento às ruas, que se tornaram um lugar de não aceitação das práticas homossexuais que se opunham a uma ordem de normatização, a qual direcionava a esses indivíduos uma culpabilização moral de suas práticas sexuais. Muitos homossexuais foram expulsos de suas casas e, sem o amparo público, constituíram uma cultura do silenciamento, que era uma das formas de camuflarem seus desejos e suas vivências sexuais no âmbito público. Isso recorrentemente se diferenciava para travestis e para transsexuais, que foram colocados em uma situação de ridicularização e direcionados a partes mais marginalizadas e afastadas dos centros de maior movimentação, trocando os ambientes do dia pelas experiências noturnas.

A vida noturna começou a ser encarada como escapatória para as demandas de violência que ocorriam. O centro da cidade e as regiões em suas proximidades foram utilizadas como escapatória para toda a perseguição e repressão vivida pelos homossexuais. Em 1985, alguns eventos mascararam a necessidade de maior debate sobre a população LGBTQIA+ — o primeiro concurso para *MISS GAY São José dos Campos* ocorreu no Vista Verde Clube, o qual contou com uma ampla divulgação pelas mídias mais relevantes da cidade. Ele foi organizado por Kika Medina, figura pública relevante para a construção dos direitos homossexuais e de travestis e transexuais na cidade, a qual demonstra a resistência frente às opressões vividas.

A partir dos anos 1990, diversos bares começaram a abarcar a população de homossexuais presentes na cidade. Ainda que muitos desses estabelecimentos não se intitulem como bares voltados para homossexuais, eles começaram a tê-los como um público-alvo economicamente ativo, o qual influencia na rotatividade noturna e possui

poder de consumo, fazendo com que outros bares também passassem a receber esse grupo.

Na década de 1990, diversos bares e boates foram abertos em São José dos Campos, alguns não eram denominados locais homossexuais, outros sim. O bar Cabala e Tobago, ambos localizados na Rua Major Antônio Domingues, não eram considerados estabelecimentos homossexuais, mas era grande a frequência de homossexuais. O bar Maxiburguer está localizado no centro da cidade. Era um bar homossexual com um grande público que ficavam dentro das dependências do bar ou em torno da calçada. (ROSSI; ZANETTI, 2009-2011, pág.4)

O espaço noturno da cidade foi o maior referencial gay que poderia haver nesse período. Como consequência, as baladas voltadas para o público LGBTQIA+ começaram a se desenvolver no final dos anos 1990 e no início dos anos 2000, o que deu mais possibilidade dos homossexuais relacionarem-se e estabelecerem representações que pudessem levar para a vida cotidiana.

É nesse contexto que a vida noturna toma sua disseminação como um cenário possível para a homossexualidade joseense se desenvolver. Portanto, apropriando-se dos espaços coletivos da cidade, os homossexuais constituem uma organização para a permanência desses locais.

Para retratar essa relação a partir de um contexto de desenvolvimento da homossexualidade, principalmente destacando as relações com a pegação, destaco uma experiência de campo em uma das boates mais conhecidas da cidade direcionada à população LGBTQIA+, onde Antônio tornou-se um interlocutor capaz de mensurar aspectos da vida urbana da cidade em conjunto de sua trajetória de vida.

2.2 Antônio É Uma Gay Vivida

Em uma das minhas visitas a uma tradicional boate gay da cidade, o *Alter Mix*. Esse local é reconhecido pelas festas nas quais é possível encontrar uma gama bem diversa de pessoas e das suas representações de gênero e sexualidade, a qual tem como público tanto moradores de São José dos Campos como de cidades em suas adjacências. Essa boate tornou-se famosa pelos shows de *Drag Queen* e principalmente por ser taxada como uma boate LGBT.

A casa noturna é localizada no centro da cidade de São José dos Campos, a qual fica próxima ao Banhado¹⁹ e a outros estabelecimentos comerciais que possuem suas

¹⁹ Considerado o principal cartão postal de São José dos Campos, o Banhado exerce uma função ambiental que beneficia direta e indiretamente a cidade.

funcionalidades durante o período da manhã. Durante a noite, a casa noturna toma a movimentação da rua, em conjunto com personagens externos, como alguns policiais que ficam rondando, moradores em situação de rua e alguns garotos que ocupam de atuar como michês, mostrando uma relação oposta às representações sociais das manhãs.

No dia dessa entrevista, entro no estabelecimento sem nenhuma dificuldade, principalmente por estar acompanhado de Paulo, que tinha uma certa moral no local, por já ser conhecido. Andamos em direção ao bar, onde Paulo me apresenta um conhecido, Antônio, com seus 72 anos, figura emblemática por seu trabalho como cabeleireiro — um indivíduo que tinha muito a me falar sobre a “cena gay da cidade”.

A abordagem sobre Antônio²⁰, não deve apenas estar em suas características físicas, mas em sua elegância, postura ereta e forma calma de falar. Usava um óculos quadrado em que deixava um aspecto de olhar clínico para todos que passavam ao seu redor. Gostava de falar de suas conquistas e toda vez que referia à sua independência, levantava o queixo e arrumava seu cabelo, como um sinal de vitória.

A música tocava e o bar já estava aberto; nele, homens de faixas etárias distintas dançavam e faziam o consumo de bebidas alcoólicas. O local é escuro, o que facilitava que algumas pessoas estivessem tendo uma relação de paquera e flerte ao me aproximar do bar com meu amigo. Ele me aproxima de Antônio, colocando minha pesquisa como algo que poderia nos conectar.

De início não estava interessado em etnografar naquele momento, mas a ocasião constituiu o ambiente adequado para poder desvendar algumas informações sobre a pegação e a própria vida homossexual na cidade. Meu colega, que me apresentou Antônio, fala sobre minha pesquisa e curiosamente faz uma definição do meu papel como cientista social:

Meu amigo é essa gente que estuda sociedade, que gosta de saber de tudo, Antônio: (Rindo da situação, fala com muito entusiasmo) Esse “tipo de pessoa” está em falta no mercado. (PAULO - Trabalho de campo- São José dos Campos -SP, 2021)

Ao iniciarmos a conversa, perguntei sobre sua trajetória de vida marcada como uma relação de sucesso. Pelo que meu amigo havia me informado, Antônio possuía um destaque nas questões sociais e econômicas com um salão de cabeleireiro em um dos

²⁰ Sobre Antonio; Magro, branco, cabelos lisos grisalhos, alto de uma estatura entre 1,80, olhos claros, era longilíneo no modo de se comportar, gesticulava com as mãos, e sempre de forma muito elegante e jocosa comentava das pessoas à sua volta. Sobre os apontamentos, mostrava-se uma pessoa de classe média, não era joseense de nascimento, mas orgulhava-se que a cidade o acolheu junto com sua família (Mineiros).

principais *shoppings*, além de morar em um apartamento no centro da cidade, o que demonstrava uma independência financeira estável.

A conversa foi iniciada com minha pergunta sobre sua relação com a vida joseense e familiar, já que queria buscar, em sua própria trajetória de vida, aspectos que poderiam ou não associar a pegação a todo um desenvolvimento histórico da cidade de São José dos Campos. Segundo ele,

São José é uma cidade que acolhe as pessoas, vem gente de todo lugar para tentar ganhar a vida aqui, as pessoas tentam seus sonhos, assim foi com a minha família. Os meus pais conseguiram manter uma vida boa para nós, não que fossemos ricos ou algo do tipo, porém nunca nos faltou nada. Por isso conseguimos ter uma educação de qualidade, até porque na minha adolescência as questões eram bem diferentes de hoje.

As escolas eram mais regradas, tinha uma cara de regime militar, sabe? Ligado ao período, mas também a uma ideia de tecnologia e desenvolvimento que a cidade sempre prezou.

Fui ter experiências e vivências com homossexuais, mas no final da adolescência para a vida adulta, para você ter noção, dos 16 anos aos 18 tive um relacionamento com uma mulher, não lhe digo que não gostava dela, mas eu sentia algo que poderia ser lido mais como afetivo do que sexual. (ANTONIO- Trabalho de Campos-SP, 2021)

Posteriormente, Antônio discorre sobre um período ainda obscuro sobre as relações sexuais entre iguais na cidade, onde o cenário advindo de uma ideia de progresso muito instigada na ditadura militar dava, para as relações sociais joseenses, uma orientação mais conservadora sobre formas de expressão da sexualidade que se desviavam da heterossexualidade. Além disso, ele retoma um imaginário de progresso presente na época, em que a ideia de uma cidade do futuro industrial, com grandes empresas e poder tecnológico, alçaram um futuro promissor.²¹

O município, reconhecido atualmente como polo tecnológico e industrial, com relevância nas atividades científico-industriais no setor aeroespacial, ganhou notoriedade, sobretudo, a partir da década de 1920, com a implementação de infraestrutura urbana para tratamento da tuberculose, doença muito temida em todo o país à época (ZANETTI, 2008). Foi desse modo, com os importantes subsídios econômicos, e, sobretudo, estruturais, provenientes da “fase sanatorial”, que a cidade passou a investir, na década de 1950, na chamada “segunda fase da industrialização” (PDDI, 2017). (LEITE; MS; ZANETTI; PAPALI, 2022, p.149).

Nesse contexto, é instigante pensar que o próprio sentido de “progresso”, “inovação” e “desenvolvimento” são aspectos que não se rompem com uma tipificação

²¹O título deste capítulo está associado a este período no qual os ideais positivistas ordenam a construção moral da sociedade joseense constituindo uma ideia do futuro, baseado inclusive em ideologias cristãs e heterossexistas.

moral sobre a representação da sexualidade. Isso é marcado em alguns momentos (não apenas históricos), quando associamos que São José dos Campos é uma cidade onde suas bases religiosas e de desenvolvimento urbano dispõem grande parte da matriz cristã²², mas também de como o progresso apenas é efetuado para questões econômicas.

São José dos Campos possui população estimada de 737.310, sendo a sétima maior população do Estado, com Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 53.615,25, o que caracteriza o município como maior e mais rico da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista e Litoral Norte (IBGE, 2019). Ainda que a cidade tenha se desenvolvido tecnológica e economicamente, a cidade se mantém tradicional nos costumes. Dados do IBGE (2010) apontam que, do total da população estimada, 422.667 são católicas e 142.826 evangélicas. Embora esses dados não definem características culturais, eles reforçam a predominância de uma moral baseada nos preceitos cristãos (Leite; Zanetti; Papali, 2022, p.150)

Nesse sentido, o fato de Antônio, em seu discurso, destacar a questão econômica como um fator que rompe com o preconceito, mascara a sexualidade e o próprio preconceito. Isso não afasta uma diferenciação sobre a própria ideia de masculinidade, em que o bem-sucedido, que economicamente pode se sustentar, em sua maioria são reformulações de um sistema patriarcal, no fato de poder ser gay, se for bem-sucedido. Logo, a permissão está no *status* e não nas relações sexuais ou de gênero.

Antônio, quando aborda sua relação familiar ou quando anuncia sua homossexualidade, destaca que houve uma aceitação, mas que isso só ocorreu pelo fato de já estar “emancipado financeiramente”. Portanto, através da retomada de uma relação com a formação da cidade, as questões econômicas se sobressaem sobre as questões individuais e sexuais, não possuindo uma relação com o questionamento sobre as moralidades, mas sobre as relações de classe e de posição social.

Eu tive o privilégio de ter uma mãe que entendia minha relação com outros homens, isso não quer dizer que foi mais fácil, quando apareço com meu namorado em casa, isso com meus 20 e poucos anos, já estava com uma remuneração financeira, já era um homem formado como diziam na época, que poderia bancar suas contas e se quisesse viver fora de casa poderia por opção própria

²²São José dos Campos, município sede da Região do Vale do Paraíba e Litoral Norte, possui características intrínsecas relacionadas ao cristianismo desde sua formação. Isto se deve muito ao fato de a aldeia de São José, no século XVI, ter sido fundada não somente por um padre jesuíta, como este, também é reconhecido como seu patrono, além do *nome do município, ser em homenagem a um santo*, assim como muitos outros municípios no Brasil. Desde sua fundação, portanto, preserva características acentuadamente cristãs (SILVA;VIEIRA;ZANETTI;MARTINS;RIBEIRO, 2010).(Leite, M. S. Zanetti, V. R. Papali, M. A. C. R. . 2022, pág.149)

A relação quando revelo o meu namorado para minha mãe é bem diferente de quando a pessoa precisa se assumir, porque está ligado à família economicamente. Quantos amigos aqui na cidade, quando os pais descobriram, colocaram seus filhos para fora ou foram humilhados pela família, que também é vítima, naquele tempo a falta de informação também era uma forma de condenar não apenas os pais, mas os próprios filhos.(ANTÔNIO- Trabalho de Campos-SP, 2021)

Sob essa perspectiva, a emancipação econômica é um impulsionador para poder se falar sobre sua homossexualidade, a qual permite que ele possa relacionar-se com uma pessoa do mesmo sexo, visto que, antes do seu namoro com o rapaz, ele apenas havia assumido relacionamentos heterossexuais. Antônio ainda faz a relação entre sua “aceitação familiar” e suas experiências com amigos, quando afirma que a questão de *status* financeiro é um fator decisivo nas relações sociais de aceitação.

É importante evidenciar que sua associação sobre a falta de informação da época também é um instigador pela ação repressiva, sendo então uma questão que entra em conflito com o imaginário de desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico da época. O fato de, nos espaços midiáticos, ainda haver uma repressão da homossexualidade ou até mesmo de discursos opressivos que potencializavam a opressão sobre formas de relacionamento distintas da heterossexualidade, conduziram um parcela dos homossexualis a sofrerem uma repressão familiar e social.

Acabei tendo experiências sexuais com homens mais tardiamente quando com 18 anos me alistei no serviço militar, foi servindo ao exército que as coisas começaram a aflorar naquele lugar a onde a masculinidade está presente, mesmo que tivesse uma questão de repressão da homossexualidade, não era incomum ver homens se relacionando com outros homens no espaço, nada que fosse assumido ou de maneira exposta, mas ocorria.

Quando estava no exército aqui no Tiro de Guerra, foi quando encontrei meu primeiro parceiro sexual, tivemos um relacionamento, que durou um tempo, até eu pedir minha dispensa do serviço militar, porém foi um momento de muitas descobertas internas, penso que fui sempre gay, mas as representações da sexualidade e questões de identificação não eram como hoje.(ANTÔNIO- Trabalho de Campos-SP, 2021)

Antônio, ao relatar questão do espaço de sociabilidade masculino quando pontua sua relação com o alistamento militar ou no Tiro de Guerra, no qual serviu ao exército. Nesse contexto, sua primeira relação sexual com outro homem foi no ambiente de exclusividade masculina, em que essas interações não eram inusitadas e sim recorrentes.

Quando trazemos esse contexto para os pontos de pegação, podemos fazer algumas associações, principalmente pela super valorização da masculinidade. Isso não

ocorre apenas em lugares seletivos como o quartel militar, mas também em banheiros, nos quais, em muitos casos dentro dos serviços públicos, são separados a partir de uma relação binária entre o masculino e o feminino. O banheiro como ponto de pegação, denominado como *banheirão*, é uma prática em que se utiliza de banheiros, em sua maioria públicos, para realizar encontros sexuais masculinos.

O banheiro sendo um lugar público assim como outros espaços, tem uma abordagem delimitada pelo território, mesmo estando em uma rodoviária. O que causa estranhamento quando apresento que dentro dele relações de práticas homoeróticas. (B.H.R.Oliveira, 2019, page.8)

A restrição de público nesses locais à masculinidade é o ponto central. Não importa se ele será destinado a sexo, a necessidades fisiológicas ou ao serviço militar, mas sim a usabilidade que esses participantes vão fazer destes locais. O que garante a permanência desses espaços de exclusividade masculina e, em simultâneo, de usabilidade pública ou coletiva (inclusive com a heterossexualidade) é a demarcação da descrição, atitude decisiva para que as relações de pegação ocorram. A descrição não é apenas o “não saber” o que ocorre nesses ambientes, mas a seletividade de como outros indivíduos vão receber tais demandas. É importante pensar que muitos homens reconhecem que a pegação ocorre, mesmo que não utilizem essa nomenclatura, mas existe um reconhecimento que certos espaços de uso coletivo da masculinidade vão sendo apropriados para relações de trocas sexuais.

Antônio destaca esse envolvimento do “saber sobre”, principalmente quando certifica que a pegação é uma prática que está na relação espaço e tempo, demarcando uma atemporalidade e evidenciando que as relações de homens que se relacionam com outros homens é de reconhecimento coletivo, principalmente da masculinidade.

Sobre os espaços além das boates e bares, como a pegação, isso não é do nosso tempo né, ainda fico bobo com as pessoas pensando que a pegação é algo anormal, é às vezes mais normal que a própria prostituição. Pensa bem, aqui, por exemplo, tem aquele garoto, ele faz programa, ele chega, entra, usa seu *padê* e bebe suas bebidas, depois ficam ali na esquina esperando alguém passar para pegar ele, transar ou usar drogas. Na pegação a ação é outra, você vai andando pela rua e de repente vê um cara e se relaciona com ele, usa a rua mesmo, carro, árvore e se for tarde na noite, nem liga para quem pode ver, aqui no centro as pessoas esperam ver de tudo um pouco.

Fora os locais de pegação, né? Como o Parque da Cidade, que foi sempre um ponto de pegação de homens, as pessoas sempre me falaram daquele local, aquilo ali é antes de mim, e deve ser antes de muitos outros, os parques e as ruas sempre vão ser usadas por homens que querem algo a mais. Fora, que tem Sauna, Cinema “hétero”, né?

O lugar passa filme heterossexual, mas só tem gay fodendo com gay. Isso é a incoerência do que se espera e o público que vai, ou até mesmo a maior

prova, esperava que todos fossem iguais, machos, heteros, pais de família, mas quando vamos ver quem frequenta os espaços públicos é muita coisa além do esperado.(ANTÔNIO- Trabalho de Campos-SP, 2021)

Ao evidenciar que a pegação *não é do nosso tempo*, o interlocutor aguça a pensar as formas de interação restritivas das relações (homo)orientadas, em que indivíduos do mesmo sexo realizam práticas sexuais nos aparatos urbanos. Desses, ele destaca o Parque da Cidade (O Parque da Cidade Roberto Burle Marx), que é o parque central de São José dos Campos, inclusive dos eventos que envolvem o nome da cidade.

Em sua abordagem, ele afirma que a pregação é de conhecimento público e, nesse caso, apurando a sua afirmação, aludia ao imaginário da usabilidade do espaço público como um território masculinizado, ou seja, de poder público da masculinidade em sua forma social. Em uma sociedade patriarcal, em que o desejo masculino é priorizado frente a outras demonstrações de gênero, o *fazer sexo na rua* é mais permissível para o homem do que para uma mulher e isso abrange também a homossexualidade. Nesse sentido, o que esses homens escondem não é o sexo em público, mas a marginalização e a condenação social da homossexualidade, que romperia com o ideal de discrição necessário para as práticas sexuais na pegação.

Retomando essa potencialidade da discrição como um fato necessário para que a pegação ocorra, Antônio aponta que a cidade de São José dos Campos seria um local propício para a pegação ocorrer. Isso se dá não pela permissibilidade, mas por uma questão de que, segundo o interlocutor, o joseense *gosta de se passar por aquilo que não é*, sendo assim, sabe omitir duas identidades e desejos. Sua expressão sátira pode ser conectada com os ideais morais já apontados em seus discursos já analisados, como a questão da cidade ter em suas matrizes o cristianismo, fazendo com que a homossexualidade fosse vista como desviante. Com isso, há necessidade da ocupação de espaços públicos ou de locais destinados ao sexo entre iguais, tendo o anonimato como impulsionador da discrição.

A condução dos ideais de progresso e desenvolvimento promovidos em um emblemático discurso positivista, os quais estiveram presentes na ditadura militar, tornaram-se bordão de um futuro promissor para a cidade. No entanto, esse progresso, como já destacado, não tinha os discursos da sexualidade ou da (homo)cultura como ideal, mas sim o da masculinidade heteronormativa.

A cidade de São José, talvez não seja o pior lugar quando se pensa a questão da pegação, aqui as pessoas gostam de se passar por aquilo que elas não são e isso acaba às vezes sendo inerente a nós mesmos, sabe?

Uma coisa que o joseense sabe fazer é se compor em todo lugar, e isso é uma questão ímpar da pegação, uma coisa é o que você faz fora dela e o que você faz dentro dela.

E mesmo que você (pesquisador), tente descrever todas as formas que dão existência para ela, vai acabar caindo em um círculo que é exatamente o comum, as pessoas fazem isso, e o que tem de tão inovador?(ANTÔNIO-Trabalho de Campos-SP, 2021)

Portanto, os pontos trazidos por Antonio nos fazem remontar todo um imaginário possível de ser analisado enquanto o campo da pegação joseense, assim como retratar uma breve construção histórica, vivenciada pelo interlocutor. Ele ressalva o que busco de inovador frente à pegação, sendo esta uma prática tão “comum” para a homossexualidade. Dessa forma, é nessa faixa de estranhamento que me debruço a entender tais modelos de relação vivenciados pelos participantes da pegação joseense.

2.3 A Descoberta

Domingo, dia 17 de janeiro de 2021, por volta das 17 horas, considerei iniciar meu campo de investigação etnográfico depois de 9 meses de incertezas²³ de como aconteceria a retomada dos circuitos de pegação diante as dificuldades e impedimentos acarretados pela crise sanitária da covid-19. Para minha segurança pessoal, o uso de máscara e álcool em gel tornaram-se aliados para enfrentar a nova empreitada que se apresentaria diante da observação de alguns pontos demarcados como sendo recorrentes os encontros eróticos entre homens que se relacionam com outros homens. Nesse primeiro momento da pesquisa, meu interesse não era uma definição rápida de uma fixação em um campo, mas de estabelecer uma compreensão sobre como os aglomerados de organização urbana constituídos a partir dos agentes da pegação elaboravam-se no uso dos aparatos urbanos presentes na vida cidadina joseense, concedendo assim uma *congruência distributivas regionalmente de circuitos de encontros homoeróticos*.

A localização inicial foi o Parque da Cidade, rememorado por alguns interlocutores²⁴ como um dos locais de maior recorrência de encontros

²³ O momento da pandemia trouxe uma insegurança se seria possível investigar os pontos de pegação presencialmente, principalmente pela alta vigilância dos espaços de uso coletivo públicos.

²⁴ O Parque da Cidade ou Parque Roberto Burle Marx - Parque da Cidade, foi o local citado por Antônio como um lugar histórico de pegação.

(homo)orientados²⁵ da cidade de São José dos Campos. O parque está situado na região central, ocupa atualmente uma dimensão territorial de 960.160,17m² (área esta que foi parte da antiga Fazenda da Tecelagem Parayba) e possui obras arquitetônicas assinadas pelo Arquiteto Rino Levi (residência de Olivo Gomes, a usina de leite e galpão gaivotas). O tratamento paisagístico de Roberto Burle Marx (incluindo os painéis existentes na residência), formam um dos mais importantes trabalhos da arquitetura moderna brasileira, que deu ao Parque reconhecimento internacional.

A importância do local funde-se à utilização para eventos como o aniversário da cidade, movimentos de juventudes e uma diversidade de ações culturais e de lazer. Com as novas formas de regramento previstas na utilização do âmbito público na cidade por conta da crise sanitária, o parque foi fechado no dia 19 de março de 2020 e apenas reaberto no dia 6 de junho de 2020, tendo o seu horário reduzido para utilização das 6 horas da manhã às 18 horas da noite, exigindo o uso de máscara e álcool em gel nas dependências.

Parque da Cidade reabre com regras de distanciamento

Secretaria de Manutenção da Cidade

A Prefeitura de São José dos Campos vai reabrir o Parque da Cidade a partir deste sábado (6). Foram definidas regras de acesso e algumas restrições de uso para garantir o distanciamento social e um ambiente seguro para os frequentadores.

A decisão foi tomada com o aval do Comitê de Prevenção e Enfrentamento do Coronavírus da cidade. O espaço estava fechado desde 19 de março, com a adoção da quarentena no Estado de São Paulo. Os demais parques municipais e centros poliesportivos permanecem fechados.

Na entrada principal e em outros pontos, a Prefeitura instalou banners com todas as regras e orientações para os usuários, além de aviso de interdição de áreas.

O uso obrigatório de máscara, a higienização das mãos com álcool em gel 70% e o distanciamento mínimo de dois metros durante a circulação no parque, inclusive na prática de caminhada e corrida, são algumas das regras de segurança adotadas.

Para assegurar o distanciamento, foram demarcados círculos brancos no gramado, onde as pessoas poderão relaxar, tomar banho de sol e realizar outras atividades.

Estão proibidos a prática de futebol e atividades com contato físico; eventos ou celebrações que causem aglomeração de pessoas; e a entrada de trailers e food trucks para comércio de alimentos.

Também foram interditadas várias áreas do parque: Galpão Gaivotas (exceto banheiros), todos os bancos e mesas, sacada da Casa Olivo Gomes, academias ao ar livre da Vila Terezinha e próximo ao Galpão Gaivotas,

²⁵ Homens que possuem práticas homossexuais'

parquinho infantil, Casa da Ilha, Casarão (exceto banheiros) e o Espaço Quatro Patas.

O Parque da Cidade funcionará em horário normal das 6h às 18h, diariamente.

Manutenção

O Parque da Cidade está pronto para receber a população. Durante o período em que ficou fechado, a Secretaria de Manutenção da Cidade não alterou a rotina diária de serviços de limpeza, jardinagem, pintura e conservação de equipamentos em toda a área do maior espaço público de lazer da cidade. (Parque da Cidade reabre com regras de distanciamento, Prefeitura de São José dos Campos, Atualizado em 08/06/2020 - 09:01)

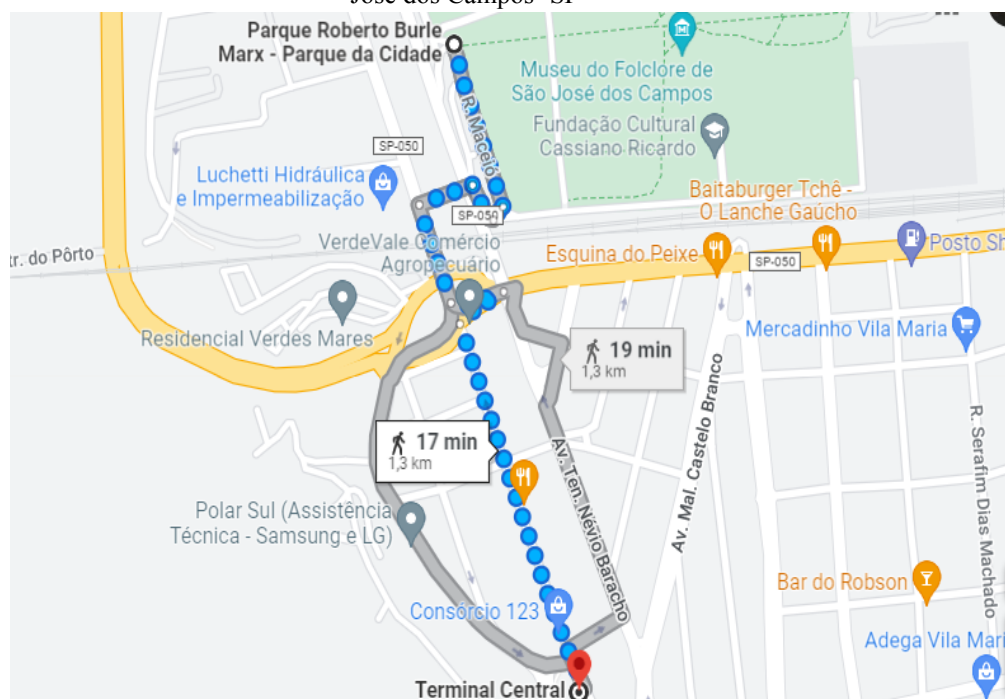
Durante o dia, não é incomum os cidadãos joseenses utilizarem o espaço para práticas esportivas, passeando de bicicleta, com seus animais de estimação ou fazendo alguma atividade interligada aos itinerantes culturais de formação que o ambiente disponibiliza. Já no entardecer, o parque concentra novos personagens que repetem diariamente rotinas e hábitos de perambulação pelas trilhas escuras, que cobertas por árvores, construções e sem iluminação, tornam-se um novo cenário possível de ser operado nas possibilidades de uso além do esperado. Não à toa, a vida nos espaços de pegação mistura-se e se organiza com homens de diversas faixas etárias e geracionais, que vão se agrupando no espaço.

As formas ditas “marginais”, como moradores em situação de rua, e as “trombadinhas”²⁶, isto é, usuários de entorpecentes, vão se misturando aos praticantes de pegação, quando esses ainda não se incubem de vontades e acabam fazendo trocas por alguma remuneração ou até mesmo pelo desejo. O parque só se revelou a mim com essas características quando meu olhar não estava posto sobre as esferas de utilização tidas como “naturais” — a partir da compreensão das redes de significado e códigos, expus-me a desvendar novas potencialidades em frente do que se entende como pegação.

²⁶ O uso do termo trombadinha é recorrente pela Guarda Municipal, que quando o parque está escurecendo comunica a algumas pessoas que existe o risco de algum, trombadinha fazer algo de errado (seriam jovens meninos que fazem assaltos no local)

Chegando à região central, desembarcou no terminal localizado na Vila Santa Helena, caminho em direção ao parque em uma caminhada de 15 minutos pela Av. Rui Barbosa, até chegar à Rua Maceió, onde está posicionada a entrada principal do Parque. Passando a Avenida Rui Barbosa e a Rodovia Monteiro Lobato, é possível notar uma movimentação residencial com moradores sentados em frente às suas casas ou com a própria população andando pela região. A Rua Maceió é coberta por um viaduto movimentado em sua parte inferior, de onde já é possível avistar o Parque.

Figura 3 — Mapa da distância em minutos do terminal central para o Parque da Cidade de São José dos Campos- SP



Fonte: Imagem retirada do google Maps (2022)

Na fachada que cobre o Parque, há uma guarita e um carro da Guarda Municipal que fica usualmente estacionado ao lado da entrada, para iniciar as rondas noturnas que cobrem toda a dimensão. Adentro ao local faltando alguns minutos para o fechamento, mas não tive nenhum empecilho, até porque a guarita encontrava-se vazia. Desse modo, caminho por uma grande estrada de terra que dá vazão para a parte interna onde é possível avistar um campo de futebol, um parque canino, um borboletário, o galpão coberto onde ocorrem os eventos e toda uma extensão de propostas que o parque oferece.

Não versando acerca de onde permeiam-se os praticantes de pegação, apenas tinha uma pequena noção de que o parque era utilizado por estes sujeitos, mas que havia uma maior probabilidade de encontros nas trilhas. Durante um longo período,

andei em círculos procurando em qual lugar teria a maior viabilidade. Em minha cabeça, só transpassa o questionamento sobre qual lugar seria o “*ponto de pegação*”. Entrei em algumas trilhas e acabei não encontrando nada, só algumas placas dizendo que “existiam incidentes com carrapatos” associadas aos animais silvestres que ficam alojados no local. No intercurso, tentei achar evidências ou rastros de pegação, vestígios de noites passadas como: *preservativos usados ou as suas embalagens*, o que acabou sendo em vão pois, não encontrei nada. Além disso, fui ao banheiro por duas vezes e não encontrei ninguém fazendo prática de “banheirão”.

O parque já estava fechado internamente por conta da pandemia, as passagens estavam escuras, me senti amedrontado, e pouco conseguia enxergar os aspectos físicos do ambiente. A iluminação escassa também dificultava a locomoção, desse modo, optei por trajar o caminho de retorno à entrada principal. Em direção à saída, atento-me à existência de uma parte iluminada na lateral direita da antiga Fundação Cultural, um estacionamento reformado que dispõe de alguns *escombros tombados pela COMPHAC*²⁷ (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural)²⁸. Visto isso, direciono minha atenção até o estacionamento que estava com uma movimentação maior, em que havia algumas famílias, pessoas bebendo e andando de patins. Elas usavam o espaço aberto para as suas atividades, por isso percebi que a ordem de vigilância não era dada para aquele espaço, pois a guarda somente vigiava o que se denominava como patrimônio público, que estava no Parque.

Entre os escombros, alguns homens passavam e outros estavam sentados. Fiquei a observar por alguns minutos, quando percebi que esses homens andavam e entravam na vegetação, da qual saíam tempos depois — alguns sozinhos, em duplas e até mesmo em grupo. Se para os de fora não era perceptível aquela organização, para mim estava visível um circuito de pegação.

Nesse momento, encontrava-me na parte de trás dos escombros que ficavam em frente à entrada com a vegetação e as trilhas, do outro lado estava o estacionamento iluminado onde um grupo de 6 homens com perfis distintos estavam conversando. Ao meu ver, parecia que já se conheciam e, como em algumas situações, falavam sobre a pegação e sobre outros praticantes. “*Sabe o Marquinhos? Está casado agora*”.

²⁷Os escombros fazem parte de um antigo estábulo de cavalos da fazenda de Olivo Gomes. Hoje se encontra em ruínas, muito utilizada para sessões de fotos durante a manhã e de noite funciona como um local propício para a pegação.

²⁸ A Residência Olivo Gomes e os jardins de Burle Marx são tombados pelo Condephaat.).

Fiquei por volta de 1 hora sentado e vendo inúmeros homens indo e voltando. Havia um grupo conversando e dando risada, quando chega um homem negro de 1,90 de altura, com uma camiseta azul e careca, ao qual vou chamar de Ricardo. Ele se aproxima, a ponto de sentar ao meu lado, com o olhar fixado em mim, esperando que houvesse alguma resposta da minha parte sobre as trocas de olhares pela qual ele estava submetendo aquela interação.

Não esbocei nenhuma reação inicial, mas isso não o impediu de encontrar outro homem que o correspondesse e, com a mesma “tática” de um olhar aprofundado, ambos se correspondem e começam uma pegação:

Ricardo começa a masturbá-lo, logo chega mais dois meninos (que estavam de camisa vermelha e regata branca) ambos voltando da trilha param do lado e começam a ver os dois se tocando.

Ricardo fica incomodado com o voyeurismo vindo dos rapazes e tampa a visão dos dois deixando apenas o meu lado à mostra. (RICARDO-Trabalho de Campos-São José dos Campos-Sp, 2021)

Eles ficam por poucos minutos, pois logo todos se dispersam. Ricardo passa novamente me olhando, em direção aos escombros. Nesse momento, os dois meninos de vermelho e regata branca ficam em frente às ruínas. Então decidi levantar e dar uma volta na estrada ao lado dos escombros. Quando percebo, Ricardo aparece do meu lado e começamos a puxar um assunto:

Pesquisador: Eai, suave?

Ricardo: De boas, você curte o que ?

Pesquisador: Então, não sei. Essa é minha primeira experiência, nunca vim aqui neste ponto de pegação, como funciona?

Ricardo: Nunca, sério? (Olhar de espanto)

Pesquisador: Não, então eu não sei bem, como as coisas funcionam aqui.

Ricardo: Então, funciona assim, eu tenho interesse de mamar seu pau e se você quiser vamos para dentro do mato, não existe muito segredo *entre nós*.

Pesquisador: Nós quem?

Ricardo: O pessoal daqui, da pegação.

Pesquisador: E o pessoal que está ali no estacionamento?

Ricardo: Eles não conseguem ver, é tudo escuro. (RICARDO-Trabalho de Campos-São José dos Campos-Sp, 2021)

Ricardo é um homem de 36 anos, negro e com uma altura entre 1,87-1,90. Consegui conversar com ele por um momento inicial, depois fomos em direção a uma trilha onde ele foi guiando o caminho. Perguntei-lhe se frequentava o parque recorrentemente e ele disse que não inicialmente, porém conta que frequentava antes, mas estava há uns 5 meses sem ir ao parque já que, por conta da pandemia, acabou se afastando. Ele insinuava que essa era uma questão boa, pois ir com recorrência ao

parque o transformava em uma "carta marcada". Isso acarretava uma insegurança não só pelos participantes, mas pela possibilidade de encontrar alguém conhecido.

Tentei por um período conversar, mas as investidas dele eram intensas. Quando perguntei onde ele morava, afirmou que era na zona sul, fato que corresponde dizendo ser a mesma região na qual ficava minha moradia. Perguntei, nesse momento, se ele tinha algum perfil de homem por quem se interessava e então ele me respondeu que preferia pessoas barbudas e com cara de macho, assim como a minha. Percebi a dificuldade de manter a discussão visto que todas as suas respostas estavam voltadas a buscar ter um contato físico comigo.

No meio da conversa, uma luz vinda da saída do parque começa vir em direção ao estacionamento — com a escuridão presente nas trilhas, é possível claramente ver qualquer ponto de luz externo. Ricardo, ao percebê-la, diz: *“Olha a moto da fiscalização vindo, é melhor a gente sair ou entrar mais para o dentro da mata, onde a Guarda municipal não consegue ir com o carro, mas se eles conseguirem enxergar você com a lanterna você vai ver o alarde que vai acontecer”*.

Saindo da trilha, me perco de Ricardo e percebo que várias pessoas começam a sair em conjunto e vão em direção ao estacionamento. Um menino faz uma ligação e diz: *“Eles estão descendo”*, enquanto outros ficam à minha volta e começam a *disfarçar*. Esse disfarce é quase desnecessário, pois é visível que os *fiscais de vigilância do parque sabem o que ocorre*. A grande questão é sempre não ser pego em flagrante fazendo a prática de pegação. O turno da polícia dura por volta de 10 a 15 minutos e quando ela desaparece, o grupo de amigos começam a zombar da situação e, para isso, ligam a lanterna do celular e falam *“olha a ronda aí”*. Um homem, que estava de camiseta estilo esportiva preta e usava óculos, ligou uma lanterna e começou a rir dizendo: *“a ronda está voltando”*.

Assim que a polícia deixa o estacionamento, as práticas voltam, já que as pessoas começam a ir para as trilhas e cada vez mais o número de homens aumenta. Ricardo, mais uma vez, aparece e pergunto se ele pode me levar para ver a trilha, então seguimos novamente andando até as trilhas que tinha inúmeros caminhos. Quando passei por dois homens, consegui ver nitidamente que, ambos encostados em uma árvore, trocavam carícias e passadas de mão em meio à escuridão, os quais estavam iluminados apenas pela claridade vinda da lua. Então, eles se beijam em uma cena marcada por uma certa sensualidade presente no contexto.

Ficamos rondando até Ricardo dizer que existem vários locais em que as práticas podem ocorrer dentro da mata, mas que é preciso ficar atento para não acontecer nenhum acidente com bichos ou então alguma queda. Pergunto a ele a respeito da fiscalização e ele diz que é só ficar ligado que *“na mata dá para ver o farol do carro, é só ficar tranquilo”* e continua *“eles só pegam em flagrante”*. Perguntei se ele já foi pego ou se já presenciou algum caso, então ele respondeu que nunca tinha visto alguém ser pego nessa situação.

Nos despedimos e ele ofereceu uma carona para mim até a rodoviária, pois meu ônibus sairia às 22h30 e, nesse momento, o relógio já marcava 22h10. Então aceitei a carona e, diferente das investidas dadas dentro do espaço de pegação, Ricardo contou-me que trabalhava como promotor de eventos há mais de 10 anos, que tinha feito faculdade de administração, porém, na área de atuação, fez apenas estágio. Além disso, afirmou que morava com sua família para cortar gastos e que as coisas da pegação não afetavam sua vida. O que ele fazia na pegação ficava escondido até porque, como ele apontava, *“fora da pegação sou homem normal”*.

A relação entre os mundos que a pegação vai consolidando com a presença dos participantes também é uma feição que me chamou a atenção durante o percurso inicial da minha pesquisa. A relação da vida *“fora da pegação”* é remontada como distinção do homem dentro da pegação. Isso ficou perceptível não apenas nos aspectos do comportamento, como também do discurso. Quem são esses homens, dentro do campo da pegação? E quem são eles, fora da atmosfera que cobre as relações entre homens? Esse questionamento é necessário, mesmo que, para responder, seja necessário uma imersão na vida e nos discursos proferidos pelos membros da pegação. Aqui, enquanto olhar empírico, ouve-se mais do que fala e se percebe mais do que participa.

Desse modo, o relato de Ricardo já me revelava essa situação, em que o participante aparenta ter diferentes formas de agir e reagir dentro e fora da pegação. Dentro da pegação, Ricardo falava baixo e com um tom de voz mais grave, mantinha um olhar aprofundado, sempre em busca de alguém que pudesse fazer alguma troca sexual com ele. Outro ponto é que, dentro da pegação, ele pouco falava sobre a sua vida, pois estava mais focado em demonstrar que era um homem ativo em busca de sexo.

Quando saímos da pegação em direção a seu carro, para que ele pudesse me dar a carona, ele já demonstrava outra feição: ele sorria e comentava sobre as vezes que foi para a pegação antes da pandemia. Com um sorriso no rosto, abriu a porta do carro

para mim, a fim de poder ajeitar algumas coisas que estavam no banco do passageiro; e, com ótimo humor, pediu para que eu não me incomodasse, pois ele não esperava visitas.

O Ricardo, fora da pegação, possui uma família, profissão e buscava uma estabilidade financeira — isso, em contrapartida, com o homem (Ricardo), que, dentro da pegação, apenas estava em busca de uma relação sexual e não importava se ele possuía relações ou não com a homossexualidade. No que se refere à pegação ao ar livre, a performance do “ser homem” vai desempenhar maior relevância.

O mundo da pegação permite os desempenhos e as representações, como ele mesmo apontou. Todavia, existe o mundo da pegação, onde ele se relaciona com outros homens pode aparentar ser um problema, em que é preciso ter posições e ocupações distintas em um sistema normativo. Essas contrapartidas são pontos elaborativos para pensar sobre os pontos de pegação, que não são apenas locais destinados à busca incessante pelo sexo, já que existem aqueles que criam redes, encontros, amizades e que não necessariamente são apenas membros da pegação, pois possuem suas trajetórias fora dela.

2.4 Os Caminhos se Cruzam

A busca por um campo de pegação no qual a minha relação fosse capaz de desenvolver um trabalho empírico foi por vezes interrompido por conta da crise sanitária do covid-19, que atingindo os espaços de interação sexual coletivas, remodelou as formas de se pensar as práticas sexuais entre homens que se relacionam com homens.

Desse modo, o campo de pegação concentrou-se mais em perceber como se solucionaria os empecilhos para os encontros públicos, o que fomentou uma potencialização das redes sociais e em alguns espaços onde era possível assim encontrar pessoas em busca de alguma pegação mesmo com o risco de contaminação. Os riscos fazem parte do contexto da pegação, mesmo que esses estejam ligados a uma contaminação epidemiológica.

Mesmo com a proibição, um vídeo publicado na rede social twitter, o qual demonstrava dois homens se relacionando sexualmente em um banheiro público, chamaram-me a atenção, principalmente pelo uso de máscaras e por haver um terceiro homem filmando a cena sexual, o qual fazia comentários sobre ela.

No dia 13 de maio de 2020 um vídeo com cenas sexuais entre dois homens em um banheiro masculino, viraliza no twitter o tema que encarregava de denotar a categoria feita por estes participantes era; “Pelo menos estão usando máscara” o vídeo até o momento tinha 3,3 milhões de curtidas e 526 compartilhamentos e 57 comentários falando sobre as relações que os homens ocupavam de fazer dentro do banheiro. Outro ponto é que o vídeo tinha sido postado às 9h da manhã do dia 13 de maio de 2020, sendo que minha visualização foi às 18h do mesmo dia, neste intervalo de tempo o vídeo possui 91,9 milhões de visualizações (Nota do meu trabalho de Campo – 13-03-2020).

O vídeo tinha como título a sugestiva frase “pelo menos estão usando máscara”. O modo como a cena foi “viralizada” trouxe questionamentos sobre a ideia de uso do espaço público não apenas no contexto da pandemia, mas também pensando as questões de outros cuidados sanitários, visto que, nas cenas expostas na filmagem, os dois homens fazem a prática de penetração e não aparentavam usar preservativos.

Os comentários públicos na rede pontuaram questões como: *“eu queria estar ai”, “prevenção é tudo”, “se não estiver usando camisinha, não me surpreenderia”, “onde que é este lugar?”*, etc. As sequências de fala de usuários diferentes ora trouxeram um tom jocoso em algumas situações como “prevenção é tudo”, ora uma conotação acusatória como “se não estiver usando camisinha, não me surpreenderia”. Além de pontuar que existe uma recorrência de sexo sem camisinha, esse último comentário também qualifica uma prática sexual.

Algumas coisas me causaram surpresa nas reações ao vídeo: as controvérsias sobre o uso ou não da camisinha como atrativo para esses usuários, bem como que o sexo no banheiro é “natural” e o “estranho é não usar camisinha”. Por último, também atentei-me ao interesse de outros homens em saber os locais onde as práticas estavam ocorrendo.

O fato das práticas estarem sendo efetuadas mesmo com o contexto de intensificação da pandemia (2020-2021) deram o impulso necessário para que, percebendo um novo rumo de analisar a pegação com os gerenciamentos e reclusões, era trazido o desafio da ocupação do lugar enquanto pesquisador. Com esse desafio posto, retomo uma nova atividade de campo.

O cenário da pegação joiense nunca teve uma finalização por conta da covid-19. Ele passou por momentos de maior dificuldade, visto as informações ainda pouco esclarecidas sobre o contágio da doença, como também uma intensificação sanitária para não haver aglomeração nos espaços públicos e coletivos da cidade. Porém, em 2020, a cidade já havia retomado alguns espaços de uso coletivo, como

parques, ciclovias e espaços de ação para a saúde que eram usados para a prática de exercícios físicos.

Com a retomada das atividades físicas, muitos homens que buscavam as relações (homo)orientadas viram, nos espaços de pegação, a oportunidade de se relacionar e de experimentar seus desejos, já que se sentiram por vezes incumbidos no seio familiar. Isso porque, no momento da quarentena, ficaram em isolamento e não puderam assim sair para suas aventuras sexuais, principalmente porque as chances de encontros antes das retomadas foram mais dificultadas.

Uma das questões que mais atingiram esses homens, no momento em que a pandemia se instaurou, foi a retirada dos momentos de "fuga", ou seja, as escapadas durante as rotinas diárias que eram usadas para fazer a pegação. Sendo assim, os participantes, que antes conseguiam sair no horário do almoço, final de expediente, durante o serviço, ausência da esposa ou ida ao supermercado, agora tinham uma rotina mais privada e cerceada no ambiente de isolamento social.

O perfil de homens que passam pela pegação são variados, por isso é necessário pensar na gama de possibilidades que esses homens têm de utilizar os espaços públicos para o sexo. Com isso, a rotina é um auxiliador para poder ocorrer esses encontros, visto que ela garante que os participantes organizem um estilo de vida que ocupam dentro da pegação. A rotina está ligada a uma sequência de procedimentos, hábitos e costumes diários, na qual esses homens acabam por desenvolver brechas em que a pegação acaba por ser uma prática em seu dia a dia. Os pontos de pegação têm seu maior movimento no final da tarde até o anoitecer — isso não está apenas ligado à questão do espaço noturno ser mais adequado para esses encontros no sentido de esconder as práticas, mas também está interligado à questão do horário em que muitos homens saem do serviço ou que estão fazendo sua caminhada, indo para a faculdade ou indo buscar a esposa no serviço — esses motivos podem levar um homem a passar pela pegação.

Os motivos são apenas as casualidades, que podem levar um participante a organizar sua vida diante do próprio sistema que a pegação ocupa. Podemos assim pensar essas *regiões como erotizadas* MORANDO (2008), em que o perfil masculino conduz ao desejo e o cunho erótico do ambiente fortalece esse imaginário no qual a pegação seria a possibilidade. Dessa maneira, os espaços urbanos são usados como aparatos para a sexualidade, o desejo, os encontros, as paqueras, a sedução, o flerte e o sexo em sua variedade de número de pessoas, modalidades sexuais e formas de

encontro. Essas formas só podem ser executadas pela ação de uma democrática utilização desse espaço, em que as proibições de uso acabam por interferir nessa “democratização de acesso”, causando algumas restrições. No entanto, com a retomada das atividades, a pegação se ocupa de seus espaços, em que se reformula e faz suas modalidades e ajustes necessários.

Em São José dos Campos, a pegação está presente em diversos pontos espalhados pela cidade e, por isso, algumas estratégias foram necessárias para que o trabalho de campo fosse eficaz e pudesse realmente ter uma continuidade. Nos primeiros meses de 2021, foquei na área central para poder ver a dimensão de locais consolidados da pegação, como banheiros rodoviários, shoppings e o Parque da Cidade. No entanto, a minha fixação mesmo no campo ocorreu em abril de 2021, no ponto conhecido como PEV, o qual ficava nas proximidades da minha casa, auxiliando assim um trabalho de campo intenso e frequente.

No próximo subcapítulos, desenvolvo um panorama dos circuitos de pegação joseenses que apareceram em minha pesquisa e foram pontuados pelos meus interlocutores, para termos um panorama de distribuição regional. Foi notório, ainda no início das participações dentro do campo, que os participantes possuíam conexões entre os territórios de pegação — dificilmente se conheceria um participante que tenha conhecido apenas um ponto de pegação. Essa relação de conexão entre os territórios é parte central do que se pode entender como uma vida sexual (homo)orientada, mesmo que pareça desconexa por questões dos não envolvidos. Por sua vez, ela se mantém em uma rede de conexões, hoje intensificada pelos aplicativos e pelas redes sociais, por onde são divulgados esses locais de encontro.

2.5 Os Circuitos Joseenses: Os Setores De Divisão

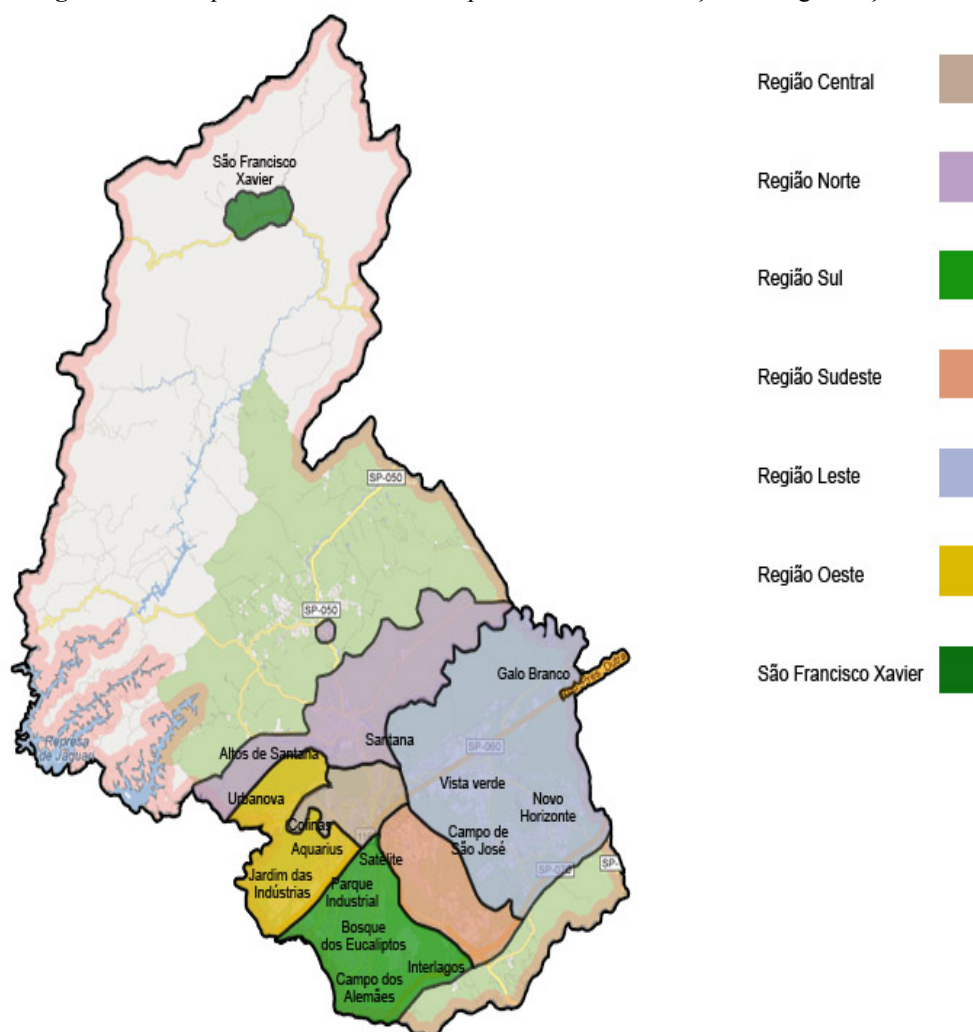
Os pontos de pegação masculinos estão difundidos em diferentes rotas, na distribuição territorial em uma área de 1.099,409km² [2021]²⁹, tendo uma população estimada em 737.310 pessoas [2021]. A subdivisão geográfica/territorial da cidade recebe o nome de: *região sul*, *região norte*, *região leste*, *região oeste*, *região sudeste*, *região central* e *São Francisco Xavier*. Essa distribuição pode ser conhecida como zonas, por exemplo: Zona sul (zs), Zona leste (ZL), Zona norte (ZN), etc.

A maior incidência de pegação está localizada na região central, marcada pelo maior fluxo de pessoas durante o dia e noite, registrando pontos de pegação em

²⁹ instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

banheiros, shoppings, parques, galerias e em locais de cunho privado, como saunas e o cinema pornô. Esses espaços privados funcionam em horário programado³⁰, normalmente entre o período vespertino e o noturno. Um fato recorrente nos últimos anos, principalmente pelo artifício da divulgação pelos aplicativos de pegação, são as chamadas “festas caseiras”, nas quais homens organizam encontros sexuais pagos, em um valor por vezes menor do que os locais privados de pegação. As festas caseiras são um atrativo para alguns homens, que curtem sexo grupal.

Figura 4 — Mapa de São José dos Campos com sua distribuição de Organização territorial



Fonte: Censo 2010 - IBGE e estimativas IPPLAN/PMSJ.

A maior incidência de pegação está localizada na região central, marcada pelo maior fluxo de pessoas durante o dia e noite, registrando pontos de pegação em banheiros, shoppings, parques, galerias e em locais de cunho privado, como saunas e o cinema pornô. Esses espaços privados funcionam em horário programado³¹,

³⁰ O funcionamento dos espaços normalmente é entre 17h às 22 horas.

³¹ O funcionamento dos espaços normalmente é entre 17h às 22 horas.

normalmente entre o período vespertino e o noturno. Um fato recorrente nos últimos anos, principalmente pelo artifício da divulgação pelos aplicativos de pegação, são as chamadas “festas caseiras”, nas quais homens organizam encontros sexuais pagos, em um valor por vezes menor do que os locais privados de pegação. As festas caseiras são um atrativo para alguns homens, que curtem sexo grupal.

Um de meus interlocutores praticante da *pegação de rua* também é um organizador de festas privadas em sua residência. Em nossas conversas, ele acaba explicando essa relação, associando o momento com ao intervalo e à retomada das festas, porém salienta que na pegação a interrupção nunca existiu.

Maciel: Eu organizo festas aqui em casa, a *suruba do ohloko*³², vem homens de todos os lugares e partes da cidade, a entrada normalmente varia entre 10- 25 reais. Na pandemia dei uma parada (Novembro de 2020), mas com a volta das atividades vou começar a me organizar.

O povo fica ainda muito receoso com o cenário da pandemia, mas logo eles vão voltar. Na verdade se eu colocar que tem o povo vem, mas estou me cuidando também.

Pesquisador: As festas você não está organizando, mas a pegação você vai, né?

Maciel: Fiquei um tempo, rola as vezes quando tesão estava muito alto chamar alguém pelo aplicativo e tals, mas agora já estou indo na pegação, sem problema algum, diferente dos estabelecimento a pegação nunca acabou, ela foi variando, mas acabar por conta da pandemia não. (MACIEL, Trabalho de Campo, São José dos Campos- SP, 2020)

Em janeiro de 2021 as festas foram retomadas pelo Maciel, que faz a divulgação pelos aplicativos de pegação, *twitter*³³ e *WhatsApp*³⁴. Além do texto escrito, ele envia fotos de homens nus fazendo práticas sexuais, como forma de instigar os participantes.

Quem não gosta de uma boa festa com muito sexo, beijos, chupadas, cuzinhos gulosos e porra de rola? Venha hoje transar com a gente na Suruba do ohloko . Relaxar, foder, gozar e conhecer gente nova. Edição especial cheia de tesão e safadezas. Aguardo todos vocês para curtir com vários machos hoje à noite.



Hoje: das 18h às 22h.

³² Nome figurativo

³³ O twitter é um microblog que surge em 21 de março de 2006, é uma rede social e um serviço de microblog, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 280 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento (/wiki/Twitter-

³⁴ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet (wiki/WhatsApp)

Entrada: R\$ 25

Dinheiro ou Pix: Se não quiser mais receber convite, responda com SAIR.

(mensagem retirada do whatsapp , janeiro, 2021)

A pegação acaba sendo difundida em agrupamentos interligados, já que os mesmos participantes que estão consumindo os locais privados também apropriam-se dos pontos de pegação públicos. Nesse contexto, as seletividades são os desejos, os fetiches e as condições físicas e sociais buscadas.

Muitos se sentem mais seguros nos setores privados, por estarem em um espaço que demanda um *gerenciamento do local físico*. Os organizadores desses estabelecimentos estimulam a concepção de segurança e a administração, com isso, há regramentos como: horário para entrar e sair, local para guardar seus objetos pessoais, estacionamento e segurança caso ocorra alguma instabilidade. Os benefícios, como a possibilidade de tomar banho no caso das saunas, a venda de bebidas alcoólicas e a segurança de encontrar apenas pessoas em busca dos mesmos interesses, são atrativos.

O que podemos chamar de pegação pública, isto é, de rua ou de uso dos aparatos coletivos e urbanos, possui uma forma de *gerenciamento do local social*, que seria um gerenciamento urbano coletivo, formado não apenas pelos que efetuam o sexo ou as práticas sexuais, mas de um campo amplamente urbano da vida cidadina. Nesse gerenciamento, os atores sociais não são apenas aqueles que fazem o sexo, mas todo um grupo que organiza as permissibilidades e as proibições.

Em um campo de pegação aberto (público), quem conduz as práticas são as possibilidades, pois é preciso que exista um gerenciamento dos que não praticam. Por exemplo, na pegação em rodoviárias, os membros da limpeza do local, quando percebem que um grupo de homens está permanecendo por muito tempo no banheiro, entram nos locais; não para "expulsá-los", mas para alertá los sobre "irregularidade" que pode implicar uma pena, como a ridicularização da exposição ou até mesmo a chamada da guarda municipal ou da segurança local.

Desse modo, o papel do membro externo pode ser de auxiliar ou até mesmo de algo prejudicial, como no caso de uma das ruas onde ocorre a pegação em São José dos Campos (ponto do Bombeiro). Essa localidade fica próxima a uma área residencial com o fluxo de homens entrando e saindo da vegetação que cobre o local, do qual os moradores diariamente faziam denúncias, que faziam com que a polícia militar atuasse de forma rigorosa e até mesmo violenta no local. Ao contrário do que se pensa, os casos de denúncia não vêm apenas do exterior, como também da relação interna — no caso um participante relata um caso em que os próprios membros denunciam:

Um dia estava aqui com os rapazes, o clima estava tenso porque um casal que estava fazendo sexo com os grupos, acabou brigando. O cara acabou

fazendo um escândalo chamando a atenção para a rua, ficou bem ali na frente, fazendo um escarcéu.

Isso é péssimo, porque acaba estragando toda a pegação e chamando a atenção para o local, que já é visado, sabe?

Neste dia, o próprio namorado que se sentiu “traído” ligou para a polícia para poder acabar com a pegação, e isso não é a primeira vez, quando um cara fica descontente com algo e quer ferrar todos, liga para a polícia para acabar com o barato de geral. (GUSTAVO, Trabalho de Campos, São José dos Campos-SP, 2021).

Nesse contexto, o gerenciamento social está associado à organização coletiva dos membros em um determinado espaço, pois depende exclusivamente da ação dos grupos internos e externos, que vão reagindo a determinadas ações que podem permitir o uso, (amplamente admitindo certas ações) ou desprezá-lo (fazendo que ocorra um silenciamento das práticas). Ambos os gerenciamentos se cruzam, porém possuem objetivos de uso distintos — no caso privado, o espaço físico é um atrativo que possibilita uma seguridade e a participação coletiva mais controlada. No público, o uso social será o direcionador, porque a pegação só ocorre se os membros se apropriarem do lugar.

O conjunto que engloba as práticas da pegação estão divididos em modalidades, dependendo de onde estão situadas. Segundo o site Gays-cruising.com (site de mapeamento de pegação), na pegação joseense, podemos delimitar as seguintes categorias:

(i) *Regiões comerciais*: as características comerciais estão presentes em espaços com o gerenciamento administrativo externo ao participante. Os estabelecimentos privados que aderem à pegação de uma forma rentável, como as saunas, cinema porno ou festas caseiras, detêm uma relação comercial com a pegação, com suas regras determinadas pelos estabelecimentos. No campo ainda das áreas comerciais, temos os espaços de livre acesso, como shoppings, supermercados, galerias e locais que, mesmo tendo um gerenciamento e uma segurança privada, os participantes ocupam-se de organizar métodos e uma administração para que o sexo possa ocorrer.

(ii) *Lugar natural*: composto por ruas, terrenos, parques abertos e casas abandonadas, uma característica desses locais é a vegetação, que pode auxiliar nas práticas de pegação. Os locais naturais têm como centralidade espaços em que não existe um "gerenciamento privado", tendo como modelos de cerceamento agentes externos/internos à segurança pública.

(iii) *Lugar esportivo*: estão associados a academias, centros esportivos, campos de futebol e academias ao ar livre. Essa característica está muito vinculada à ocorrência

de sexo nos momentos de saída dos esportistas, em que os relatos sempre estão em volta do "fetiche" encontrado no perfil de homens atléticos ou que usam adereços como calções de futebol ou treino de musculação.

(iv) *Estações de Transporte*: são usadas para demarcar terminais rodoviários ou pontos de embarque e desembarque de passageiros e estacionamentos.

(v) *Outros*: está associado a novos pontos de encontros que ainda não se fixaram, mas que estejam construindo seu espaço na pegação.

No campo online, é possível encontrar a distribuição dos espaços de pegação tornando-se um facilitador para os participantes, pois os aparatos tecnológicos auxiliam a encontrar rotas sexuais na cidade, além de facilitar o acesso para quem não possui um contato direto com a cidade. Esses sites funcionam como guia, roteiro, mapa e instigador, já que possuem informações privilegiadas sobre a ocorrência de pegação na cidade.

É possível perceber que o site possui uma organização e conta com a participação externa dos membros para que os locais possam continuar sendo atualizados. Trago o exemplo de uma das descrições feitas pelo site.

Pegação em São José dos Campos, São Paulo

Mapa pegação de São José dos Campos (São Paulo) com locais e pontos gay onde fazer pegação ou cruising de forma anônima.

Se você é gay e quer fazer pegação ou cruising em São José dos Campos e forma anônima e respeitosa, aqui poderá encontrar e compartilhar com a comunidade gay locais como praias, parques urbanos, descampados e bosques, além de locais públicos como banheiros e áreas de descanso nas estradas, onde poderá fazer pegação em São José dos Campos, São Paulo.

Aqui um mapa pegação de São José dos Campos com todos os locais e pontos que nossa comunidade gay compartilhou. Clique nos marcadores no mapa para obter informação detalhada de cada local.

Na ficha de cada local você encontrará um mapa de localização com indicações de como chegar ao local: de carro, a pé, transporte público ou bicicleta. Você poderá votar no local e deixar um comentário para que os demais membros da comunidade conheçam sua opinião. Além disso, se você quer que saibam que está no local, não deixe de fazer o check-in. (gays-cruising.com, 2022)

O site ainda permite a colaboração do usuário, dando a ele a oportunidade de descrever em sua página locais onde é possível encontrar a pegação:

Se você conhece mais locais ou pontos de pegação ou cruising em São José dos Campos, introduza o endereço no mapa para compartilhar com o mundo gay no seguinte link: (Gays-cruising.com, 2022)

Nos últimos dois anos, principalmente entre 2020 e 2021, o campo da pegação teve mudanças significativas, enquanto sistema de distribuição e principalmente nos locais de circulação noturna. Com os estabelecimentos fechados (locais privados), a pegação de rua tornou-se uma alternativa viável para os encontros sexuais. O uso das redes sociais para a divulgação da pegação tornou-se um novo espaço de integração desses homens, que utilizando do campo online, conseguem fazer a divulgação de novos locais e construir regramentos publicizados, como destacar se um ponto está tendo maior participação ou menos atividade.

Como já salientado, muitos desses homens possuem vidas opostas à homossexualidade, pois ocupam uma posição social da heterossexualidade, ou seja, possuem uma esposa, filhos ou estão em união estável com uma mulher. Quando eles estão vinculados ao seu núcleo familiar através da moradia, também recorrem aos espaços de circulação, muito pelo fato de não possuírem a liberdade de levar seus parceiros sexuais para sua casa.

Essa demanda de não possuir um “local” para o sexo é uma justificativa usada pelos participantes quando buscam a pegação, pois referem que essa prática seria sua escapatória para poder ter os encontros. Com a pandemia, essa relação ficou ainda mais acirrada, porque agora os núcleos familiares estavam por completo em suas casas, dificultando não apenas o sexo em sua residências, como também a saída desses homens. Com o início da liberação em São José Dos Campos e principalmente dos locais públicos, a *pegação de rua* tornou-se o ponto de encontro — locais como parque, ruas, travessas, terrenos baldios ou lugares naturais foram sendo reformulados e ocupados por novos grupos, que viram na pegação uma das únicas opções.

Esse novo contingente ou a superlotação dos espaços fizeram com que as formas de controle e fiscalização do serviço público aumentassem sua atuação pela denúncia vinda por parte de pessoas externas ou até mesmo pelos próprios participantes em certos cenários.

Aqui nesta pesquisa, pretendo fazer uma breve apresentação sobre três pontos de pegação, os quais foram essenciais para poder desenvolver meu trabalho de campo, na complexidade que foram se desdobrando e se redirecionando. Durante a minha pesquisa, o *Parque da Cidade* foi um estopim para poder pensar como a organização ocorria e principalmente pela relação de “tradicionalidade do local”, como já pontuado. Ao mesmo tempo, era necessário observar os impasses que o local me trazia, primeiro pela distância da minha moradia, o que trazia dificuldades não só para chegar ao local, mas também no momento de ir embora.

Por outro lado, o ponto do Bombeiro fica localizado na zona sul, o que facilitava minha aproximação com o lugar, no entanto, a intensa batida policial fizeram com que o local fechasse. Ainda é possível encontrar pegação no local, porém com menor intensidade. Contudo, no período da pandemia, o local sofreu muito com as denúncias vindas da vizinhança, o que acabou também por afetar as interações.

O PEV, por sua vez, é um ponto de coleta de recicláveis próximo à minha residência, o qual foi descoberto por mim em uma experiência vivenciada em 2016, logo quando minha família tinha se mudado para as proximidades do local. Com a pandemia, o trajeto foi popularizado principalmente pelas quedas de energia que deixavam o caminho na escuridão, dando a possibilidade de uma maior descrição. O campo então tornou-se o meu local de maior intensidade de trabalho, conseguindo organizar uma abordagem ampla sobre a pegação.

Nesse contexto, os campos estão interligados pela trajetória cruzada desses participantes. Nenhum deles ocupa apenas um lugar, na verdade, a deriva conduz a levar em uma perambulação noturna, sendo possível encontrar homens em locais de pegação diferentes em uma mesma noite. Por isso, é recorrente, nos discursos cruzados, aparecer mais de um ponto de pegação, quando os participantes exploram suas vivências.

Existe, portanto, a relação com o espaço de mobilidade, através do estabelecimento de uma configuração transitória — não apenas de um local para outro, como também de permanência e de fixação desses pontos de pegação, o que se refere a uma cultura de apropriação pela própria experiência possível de adaptação da pegação. Isso pode estar associado ao que Parker (2002) destaca como *circunstâncias locais*, que dependerão das ações econômicas, culturais e ecológicas para a formação de um estilo de vida.

Neste sentido, apresento os três campos de pegação apontados Parque da cidade, Ponto dos Bombeiros e PEV. Farei uma breve apresentação para que assim possa se pensar a categoria estilos de vida dentro do campo da pegação.

2.5.1 O Parque da Cidade Roberto Burle Marx

O *Parque da Cidade Roberto Burle Marx*, localizado na região central da cidade, ocupa uma área de quase um milhão de metros quadrados, que foi parte da antiga Fazenda da Tecelagem Parahyba. Sua dimensão abriga uma diversidade de espécies vegetais, jardins, palmeiras-imperiais, lagos, ilhas artificiais, bosques e alamedas. O parque possui trilhas e ruínas da antiga fazenda de Olivo Gomes, que foi arquitetada por Rino Levi. Segundo o site oficial da prefeitura de São José dos Campos:

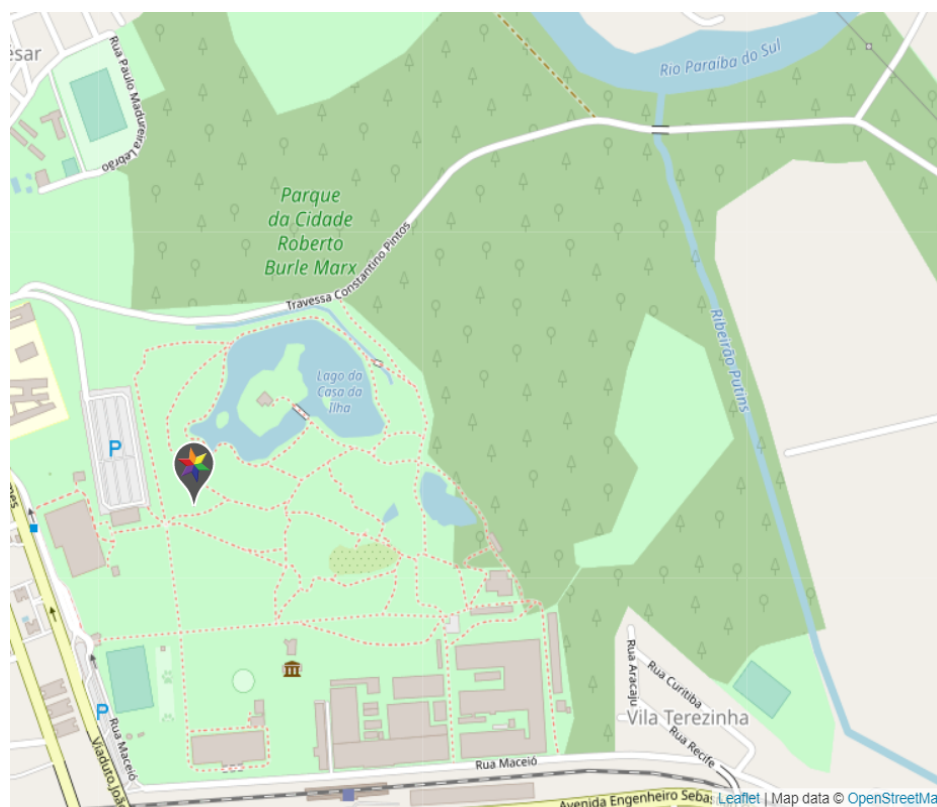
Os jardins, de autoria de Roberto Burle Marx, e a Residência Olivo Gomes, projetada por Rino Levi, compõem um importante trabalho da arquitetura moderna. Um dos principais atrativos do parque é o contato com a natureza. Ele proporciona ao usuário agradáveis passeios em caminhos cercados por densa vegetação constituída de espécies nativas e exóticas e habitada por uma rica fauna silvestre.

O parque é também um local privilegiado para a prática de exercícios físicos, da recreação e de atividades culturais e de educação ambiental. O complexo foi transformado em parque municipal em 1996. Seu patrimônio é tombado pelo Comphac – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural. A Residência Olivo Gomes e os jardins de Burle Marx são tombados pelo Condephaat. (Prefeitura de São José Dos Campos. Parque da Cidade: Santana (norte) – Patrimônio histórico, espaço para prática de esporte, cultura e lazer, 2021)

Como apresentado no fragmento em sua dimensão de possibilidade e atrativos, o parque tornou-se um dos pontos mais conhecidos de pegação da cidade de São José dos Campos, tendo em suas trilhas e ruínas pontos estratégicos para circuitos homoeróticos variados, que reúnem moradores da proximidade, de outras regiões e de cidades próximas.

O local é conhecido como ponto de possibilidades múltiplas, onde a pegação se experimenta de diversas práticas sexuais: sexo oral, penetração, relações em conjunto, rodas de masturbação e penetração grupal assistida. No Parque da cidade, a pegação é reconhecida como a mais famosa da cidade e, segundo alguns interlocutores, não teve uma parada com a pandemia, pois o local sempre possui pegação, durante o dia até o período da noite, apenas com intensidades diferentes.

Figura 5 — A imagem demonstra a demarcação do local onde se concentra a pegação no Parque da Cidade, marcado pela vegetação e ao lado do estacionamento principal (Ponto P) .



Fonte: Retirado do site: Gay Cruising (2022)

“Lugar bom para pegação. Bastante trilhas e matinhos. Good area for cruising: there you'll find a lot of trails and spots with in the woods”(texto retirado do site Gay Cruising).

2.5.2 O Ponto do Bombeiro ou EATON

O segundo ponto é o “Ponto do bombeiro”, localizado na região sul da cidade, uma rua ao lado de um corpo de bombeiro e uma área de preservação da zoonose. A rua é cercada de vegetação e, segundo relato de alguns participantes, há tempos atrás o circuito não apresentava nem asfalto ou iluminação, facilitando a incidência de práticas sexuais no local. João, um menino de aparência jovem, magro, com o corpo coberto de tatuagens, o qual foi interlocutor da pesquisa, pontua que o ponto era um dos melhores da cidade:

João: No ponto do bombeiro rola de tudo mano, lá o povo vai para foder. Sempre tem uns caras bonitos. Você acaba fazendo de tudo, dando,

chupando as vezes rola de transar com várias pessoas no mesmo dia.

Pesquisador: Como faz para entrar, ou participar?

João: Cara, você entra na rua, e vai ver uma cerca que está toda furada com aberturas que o povo faz lá, aí você entra e vai dentro do mato. Sempre tem alguém no mato esperando ou já fazendo uma putaria. O foda é que agora, lá está iluminado e asfaltado. Principalmente por conta da reclamação das pessoas, a polícia acaba indo lá e botando geral pra correr, o ponto já está marcado.(JOÃO, trabalho de campos, 2021)

A partir desse relato, João destaca algumas questões importantes sobre a pegação. A primeira é que a possibilidade múltipla presente no campo acaba transformando o lugar em um ponto de frequência assídua dos participantes de pegação, o que caracteriza que não é apenas as condições de construção (homo) orientadas que afetam o território, mas também se cria uma relação entre transformação social deste lugar. Segundo AGIER (2009) (parafraseando com Clifford Geertz), aponta ser necessário observar a cidade não apenas como um ponto que afeta o cidadão, mas também como os cidadãos estão em uma relação de apropriação dos meios urbanos, criando possibilidades de uso dos territórios.

O próprio ser cidade não surge então, não como um dado, mas como um processo, humano e vivo cuja a complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações práticas de “fazer cidade”.(AGIER, 2009, p.38-39)

A incidência de participantes cria uma cartografia marginalizada do espaço, o que faz por vezes a ação policial ser constante. Mesmo que uma pessoa esteja apenas olhando as práticas e não efetuando um pegação, ela pode ser afetada pelo lugar, pois um ponto de pegação “marcado” pode gerar modificações externas principalmente pelos meios de reformulação de práticas denominadas como “desviantes ou impróprias”.

É evidente que, mesmo a ação policial sendo constante, a pegação não deixa de acontecer — ela pode ter suas interrupções, mas é um ponto de encontro por conta do cerceamento. Isso é muito marcado pelo discurso policial, que determina as práticas como “prostituição”, “atentado ao pudor”, ou até mesmo de “safadeza”, mas quais aparatos legais podem ser usados contra estes participantes, visto que o próprio atentado ao pudor está associado a atentar sobre algo ou alguém? Aí surge a primeira incoerência, pois muitos desses homens estão em vias públicas, no entanto, não estão em exposição das práticas sexuais — evidencia que a discricção é parte fundamental da pegação. A abordagem policial baseia-se em um cercamento dos integrantes, em encurralar e questionar, chegando por vezes à violência física.

2.5.3 O Ponto do PEV

O ponto de pegação conhecido como "Ponto da urban" ou "Pegação do PEV", que se localiza também na região sul da cidade, está associado a uma ciclovia que se encerra próxima a um ponto de coleta da Urban. A ciclovia possui 4,1 km de dimensão, sendo que existem relatos de pegação em diversos pontos, pois a rota é dividida entre uma avenida fragmentada entre um córrego (córrego da senhorinha) com vegetação e o outro com uma ciclovia e espaço para pedestres.

A imagem retirada Google Maps (Página 40), sistema de geolocalização da empresa google, demonstra parte da rota e a sua distância, a qual espalha várias possibilidades de encontros homoeróticos, tanto na vegetação que fica entre o córrego quanto na calçada da avenida. Porém, o ponto que mais tem recorrência da prática da pegação é uma pequena rua nas proximidades da PEV (Posto de Entrega Voluntário), em um pequeno percurso onde os participantes denominam como "ponto da urban".

Figura 7 — Foto da entrada do ponto de pegação PEV



Fonte: Fotografia retirada pelo pesquisador 2021

“O local tornou-se conhecido amplamente na cidade pelos membros da pegação devido à divulgação no twitter da relação de pegação no local, principalmente porque o “ponto do Bombeiro”, que se localiza na mesma região (em bairros diferentes), estava passando por intensas rondas policiais”.

Esse ponto de pegação tem suas particularidades, por exemplo, na questão de ser um ponto que acaba tendo ampla divulgação no período da pandemia. Por ser um espaço conhecido pelo trajeto de pessoas que buscam se exercitar, acabou sendo um bom atrativo para esses homens, os quais usavam as práticas esportivas como forma de se aproximar do ponto de pegação.

Para minha pesquisa, o local foi um facilitador, por estar na proximidade da minha residência, fazendo com que a minha permanência no campo pudesse ser mais duradoura, o que fez com que eu conseguisse uma relação mais próxima com os meus interlocutores, que acabaram por se aproximar de mim durante a pesquisa. Essa “aproximação” veio a partir do meu próprio estranhamento sobre o espaço, o qual eu já conhecia pela recorrência de pegação em períodos variados, porém não havia uma certificação como um ponto fixo de pegação.

De início, o lugar tinha um perfil masculino marcado por moradores da região sul, que passavam pelo local para ir a um hipermercado que se encontra na proximidade ou que usavam o trajeto para ir ao trabalho e praticar esportes. Com isso, muitos homens *casados* ou que apresentavam um padrão de virilidade e hipermasculinidade eram recorrentes nesse trajeto.

Em 2021, as intensas chuvas de janeiro até março fez com que parte da ciclovia ficasse sem luz por 45 dias, fazendo com que se intensificasse a pegação. Com a divulgação em massa, os padrões estéticos e de atuações de masculinidade começaram a se multiplicar, vindos de outros pontos de pegação, como o “ponto do Bombeiro”, e também de outras cidades, como Jacareí e Caçapava.

Nós 45 dias sem luz, a movimentação de pessoas de fora da pegação era quase nula durante a noite, o que fez a pegação ir em direção à rua, onde era possível ver homens se masturbando ou recebendo e fazendo sexo oral. Outra mudança é que agora se aglutinavam grupos, que paravam em uma pequena caixa de água da Sabesp para conversar e falar das suas experiências sexuais.

Com o retorno das luzes, a “iluminação” revelava a pegação com seu rastro, já que havia diversas camisinhas encontradas pela rua e até mesmo peças de roupa perdidas pelo caminho. Contudo, a volta da energia não incubou de acabar com as práticas — quando pergunto para João se agora poderíamos chamar aquele espaço, mesmo que curto, de ponto de pegação, ele pontua:

Os pontos de pegação espalhados pela cidade correspondem a uma dinâmica de intercruzamento. Esses pontos, mesmo tendo suas próprias formas de interação e ação coletiva, acabam por se transpassar nas experiências dos interlocutores. É raro um participante que não tenha tido experiências sexuais em mais de um ponto, principalmente aqueles que fazem da pegação parte da sua lógica de vida, os quais buscam nestes múltiplos espaços experiências e vivências distintas.

Os discursos sobre a pegação são fundados naquilo que é vivenciado e compartilhado. Nos espaços não existem apenas encontros sexuais, já que se constrói uma rede de afinidades, parcerias e coleguismos entre os participantes, principalmente os mais assíduos ou aqueles que mantêm contato via redes sociais. Por mais que o campo da discricção seja um dos regramentos necessários, essas coletividades são importantes para que as regras de determinados espaços sejam consolidadas.

Com base nessas informações, é possível afirmar que é na coletividade que se constitui os melhores horários de pegação, quais os perfis mais usuais que aparece no local, como é ação da segurança pública frente a estes locais e principalmente como é a organização necessária para que o ponto de pegação, em um determinado território, não acabe fechando por conta da exposição feita pelos membros da pegação.

Capítulo III

A PEGAÇÃO: EM CAMPO DE CONFLITO

3.1 Uma breve discussão sobre Espaço Público

Este capítulo evidencia uma multiplicidade de experiências de conflito entre os participantes da pegação e a relação de administração dos espaços coletivos de uso da cidade, a qual é, em sua maioria, a ação de cerceamento e controle das práticas sexuais. Ela é restrita a agentes de segurança pública, que através dos modelos de controle social, constituem um sistema de constrangimento dos participantes, o que não é feito através de uma relação legal, mas de uma reafirmação do poder nas mãos dos controladores de segurança do estado.

Desse modo, o que foi observado durante o período da pesquisa é que a ação por parte dos controladores da segurança sempre estava ligada a situações de ocultação dos casos ou de uma abordagem expositiva e violenta. Nos casos de ocultação, os participantes eram conduzidos a se retirarem do local, sem serem questionados quanto ao que estavam fazendo. Além disso, quando esses eram abordados em pleno ato, os agentes de segurança apenas direcionam a lanterna e não os prendiam, usando os jogos de luzes para sinalizar que eles estavam no local.

Quando a abordagem policial era repressiva, não havia escapatória para os participantes, a não ser correr ou se esconder, pois os policiais cercaram o local com carros e motos, além de entrarem na mata à procura dos participantes. Quando um membro da pegação era encontrado, sempre seria levado à exposição, seja encostado no muro, no meio da rua ou com os policiais falando alto e perguntando o que aquele indivíduo estava fazendo naquele espaço.

Nesse contexto, os participantes não reagem à atuação da polícia quando são “pegos” ou até mesmo quando não estão se relacionando e são abordados. Isso porque existe um medo sobre como a perversidade do agente pode atuar sobre um membro da pegação:

Em dias de uma abordagem “legal”, eles entram com a luz, mas não procuram ninguém. Porém, isso quase nunca acontece, a polícia vem todos os dias, fica esperando os homens passarem por aqui, ficam escondidos, e abordam com violência, nos encontra na parede e revista, quando acha preservativo, gel ou algo sexual, nos chama de viadinho.

Eu estava sentado fumando, um policial passou e me mandou embora, falando para eu sair do espaço público, pq não pode fumar no escuro ali, a onde está escrito isso? Eles são os donos da verdade, porém você questiona? Óbvio que não, eles tem drogas nos carros, eles podem nos incriminar. (João otávio- Trabalho de campo)

O fator incriminar, nessa situação, tem uma relação direta com que Lima (1999), aponta como *verdades judiciárias*³⁵, destacando que o argumento da autoridade vale mais, pois ele conduz o discurso autoritário e o domínio das leis. Nesse sentido, o discurso do agente de segurança vale mais do que o do cidadão, principalmente quando este ocupa o lugar do possível incriminado: “*Aqui predomina o embate escolástico de teses opostas, em que apenas uma deve ganhar, por ter saber mais autoritativo do que o da outra. Vale o argumento de autoridade, em prejuízo da autoridade dos argumentos (LIMA, 1999, P.25)*”.

A pergunta a ser feita é: quem é o culpado na pegação? Os argumentos utilizados para a incriminação são variados. Ela pode ser caracterizada como *atentado ao pudor* (apresentado como artigo 214 do código penal)³⁶, *postituição*, *safadeza*, *viadagem*, *uso inapropriado do patrimônio público ou ato contra a moral* entre outras denominações que a abordagem vai caracterizar. Sobre o atentado ao pudor, existe uma relação quando se pensa o espaço público, a qual os participantes vão questionar: a quem eles estão atentando? Sendo que quem está na pegação busca os mesmos desejos.

As nomenclaturas utilizadas na seletividade criminal ou na acusação em sua maioria são conduzidas por uma moralidade socialmente constituída no imaginário brasileiro, nisso podemos destacar que a partir de 1830 a homossexualidade não é vista como um “crime ou fator que lesaria a majestade”, as acusações de sodomia, pederastia, devassidão e imoralidades se torna condenador social presente no discurso repressivo nacional.

Porém, é nos anos de 1964, em plena ditadura militar, que a relação entre Estado e Repressão pode ser vista diretamente associados a discursos moralmente

³⁵ REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA Nº 13: 23-38 NOV. 1999

³⁶ Atentado violento ao pudor Art. 214. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal: Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos. * Pena com redação determinada pela Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990. Parágrafo único. (Revogado pela Lei nº 9.281, de 04/06/1996). (www.camara.leg.br/, 2022, capítulo I, Artigo 214)

condenadores, pois mesmo a homossexualidade ou a relação entre indivíduos do mesmo sexo, não sendo consideradas crime, muitos homossexuais foram perseguidos pelo discurso da moral e bons costumes. Tendo como motivador das ações violentas e repressivas a justificativa de atentar o pudor, crime de vadiagem ou até mesmo como imorais.

Na Holanda, há um parque (Vondelpark.) foi liberado para fazer pegação, e tudo começou a ficar mais organizado. Sabe por quê? A própria segurança do espaço, protege os participantes, criando uma discussão sobre de quem é a cidade. Bruno, as pessoas são retrogradadas até com o debate, ninguém se propões a falar sobre, porque é interessante que ninguém saiba, não só da pegação, mas da homossexualidade, gay e viado, não é do interesse político do Estado e por isso não devem estar no espaço público (JOÃO OTÁVIO- Trabalho de campo, São José dos Campos- SP, 2022)

Os participantes evidenciam e reconhecem que a pegação é vista como algo repressivo, não pelas questões legais, mas por uma associação violenta e diretamente associada ao preconceito e à discriminação contra as práticas que se desviem da heteronormatividade. O que é apresentado não é apenas as contradições da ocupação do espaço coletivo, mas a harmonia social — o fato não está no uso apenas para o sexo, mas quais indivíduos vão ocupar esse espaço.

A hierarquia e a complementaridade entre elementos substantivamente diferenciados do sistema, produtor de regras gerais, sempre interpretadas particularizadamente pelos detentores do saber privilegiado para fazer justiça adequada a todos esses segmentos diferenciados. (LIMA, 2001, p. 15-16)

Desse modo, para dar seguimento à experiência de campo, é necessário trazer uma reflexão feita por João Otavio, quando se refere à apropriação dos espaços sexuais quanto à prostituição feminina e à pegação, as quais são duas práticas opostas, das quais os interesses na sua manutenção estão em oposição no que se refere à ocupação:

Em São Jose dos Campos, a prostituição masculina ocorria na Praça do Sapo, a intervenção da polícia fez com que acabasse ficando reclusa a sites e locais privados, onde se troca dinheiro por sexo gay. Porém, ninguém na cidade para a prostituição feminina e de Travestis, o que estou apontando, não é que não ocorra violência, mas por que existe um esforço para regulamentar e aceitar?

A resposta está em quem consome, macho que come puta, transa com travesti, pegação masculina é para discreto, fora do meio, que come viado, goza e nunca fez nada. Só se divertiu com outro macho. (JOÃO OTÁVIO- Trabalho de campo, São José dos Campos- SP, 2022)

Nesse sentido, o que João Otávio retoma é uma relação de como a cidade vai marginalizando os indivíduos e criando formas de manutenção dos espaços públicos, já que, em todas as situações sexuais noturnas apontadas, existem graus de marginalização, porém o questionamento é quanto à manutenção da repressão. Desse modo, a pegação está na ocultação do debate público, não apenas pela discricção pela qual os participantes prezam, mas também pela ocultação pública sobre o debate (homo)cultural, fazendo com que seja certificada a violência vinda dos agentes de segurança.

3.2 A aproximação.

Jonas: A pegação tem a ver com esse negócio, de querer um igual, um homem sabe? Mulher gosta de ir em restaurante e homem gosta de gozar, de botar o pau para fora, e chegar a vários orgasmos. Está ligado, naquele negócio das casas de banho e até uma referência à Grécia, do corpo do homem, do menino jovem e do mestre. A pegação está ligada neste sentido, sabe, da possibilidade, da liberdade de encontrar os iguais aqui.

Pesquisador: Então faz parte de um estilo de vida?

Jonas: Sim, mas faço outras coisas, trabalho, estudo, e vivo a minha vida, a questão é que outra parte dela apareço aqui, faço putaria, quero gozar. A pegação cria um sistema no local, por exemplo, aqui tem várias caras legais, igual no ponto do bombeiro. Já no parque da cidade é uma confusão, o povo quer de tudo, é tipo lugar sem lei.

Nas vezes em que consegui uma aproximação mais prolongada com alguns participantes, verifiquei uma sequência de motivações e de configurações tanto do ambiente como das ações e das pessoas que poderiam influenciar seus interesses pelas relações homoeróticas. Nesse contexto, o erotismo é um sinal que conduziria essa permanência da pegação em locais públicos tidos como de risco.

Seus desejos variam entre maior ou menor intensidade, com práticas sexuais que flutuavam sobre as imprevisibilidades dos espaços públicos, atravessadas por uma sucessão de regramentos instituídos por códigos de postura. Esses códigos orientavam os participantes a seguirem identidades ritualizadas ao pertencerem a uma rede de significado erótico, que conduziam a deliberações contrárias a uma idealização da homossexualidade convencional.

O que direcionaria um indivíduo à pegação passa pela ordem de diversos setores, que associados aos desejos sexuais, fetiches e acontecimentos inesperados, orientam uma variedade de aspectos utilizados para apontar as motivações que

levariam um participante a estar diariamente nesses trajetos e, por vezes, em mais de um local.

Em uma das minhas visitas ao ponto de pegação do PEV, encontrei Eduardo, um jovem morador da zona sul de São José dos Campos, que avistei andando pelo trajeto de pegação. Sua aparência chamava a atenção dos demais participantes, por ser um homem jovem, loiro, de olhos claros, corpo atlético e com um perfil de masculinidade preferível por não apresentar trejeitos femininos. Em nossa conversa, Eduardo parecia muito aberto para destacar suas experiências e, por isso, eu o questionei sobre como era sua aproximação com os circuitos de pegação, como ele os reconheciam e também se ele já havia feito alguma pegação no ponto do PEV. Com essa indagação, meu real interesse era presenciar tais motivações que o levariam a estar naquele espaço na busca ou na deriva das possibilidades que poderiam ocorrer durante o período, em que se encontrava na busca por algum parceiro.

Eduardo não era nenhuma novidade para mim no campo, pois eu já o havia visto inúmeras vezes no lugar em busca de sexo com outros homens. Ele aparecia sempre com roupa de academia, dizia estar fazendo caminhada e por isso acabava passando pelo local. Nossa aproximação ocorreu após essa entrevista, visto que diariamente conversávamos sobre suas experiências sexuais.

Pesquisador: E quais modelos de circuitos de pegação você já presenciou?

Eduardo: Olha, eu sei que existe, mas não é uma coisa que participo com frequência. Não é uma coisa que frequento, é muito mais uma fantasia, do que uma prática, sabe?

Porque, na fantasia, você imagina um monte de coisa. Porém, é bem perigoso né? Tudo pode acontecer, sabe, eu não concretizo muita coisa, não. Porém, eu curto o flerte, não só o flerte, mas a.. Caça! (EDUARDO, Trabalho de campo, São José dos Campos- SP, 2022)

O interlocutor, ao destacar que sua presença nos pontos de pegação não é uma situação recorrente, demarca, assim como muitos outros participantes, o distanciamento como um indivíduo que ocupa a presença diária na pegação, afastando-se da ideia de ser algo "frequente". Para ele, a pegação é uma questão esporádica ou ocasional, que não o afeta. A postura de afastamento é uma forma de não ser confundido como uma pessoa que depende da pegação, o que teria uma função sexual que apenas aquele espaço poderia satisfazer. Essas denominações de afastamento, ou no caso do que eles vão apontar como "vício na pegação", são modelos moralizantes das práticas, exercidas inclusive pelos próprios membros da pegação. Isso evidencia uma relação de seletividade e acusação entre seus pares, que

agem com afastamento por serem rostos já conhecidos e, por isso, são afetados por uma desvalorização.

Em contrapartida, existe a fantasia como algo instigador, isto é, aquilo que alude a mente do indivíduo levando-o a imaginar como seria. Por isso existe a vontade de se estabelecer nesses locais a realização da prática sexual, a troca do flerte como a sensação de estar em um cenário de caça e a busca por outro que reconhece suas técnicas corporais³⁷.

Pesquisador: O'Que seria a caça, para você?

Eduardo: Essa coisa de olhar, será que é ou não é?

Isso tudo é excitante, concretizar a descoberta também, porém o mais excitante é sentir o momento, isso que realmente impulsiona.

A pegação é algo da nossa cultura. Quando me observo nas situações, quando encontro outros homossexuais, em baladas, centros comerciais, em todos os lugares possíveis, me pergunto quando não é pegação, sabe?

Nossas experiências não começam agora estando na pegação, tenho uma experiência da minha infância quando estava em supermercado, e um homem chegou perto de mim com sua genitália a apalpar, e ele aparentava ser um homem normal, que não tinha estereótipos de ser homossexual, mas aquela cena que me deixou assustado, nunca saiu da minha cabeça. Tem um certo fetiche neste contexto, que me chama para um desejo, sabe?

O olhar dele para mim, é como posso explicar a caça, naquele momento eu era a presa, sedenta para ter ele, e ele querendo me devorar. A pegação, está em todos os âmbitos na nossa vida enquanto homossexuais, mesmo que não a denominamos em certos momentos da nossa vida, mas os olhares do caçador sempre estão sobre nós, seja para nos acusar ou pegar.

Longe, destes pudores, que possamos falar "você era uma criança", eu tive tesão, tanto tesão que até hoje me masturbo pensando na cena. Aquilo era assustador, mas também era um desejo misturado.

Nós (homossexuais) estamos acostumados com isso, até porque, não temos na televisão ou em outras esferas modelos que nos expliquem ou falem sobre nós.

Não temos exemplos de como ser ou pelo menos crescemos sem. Hoje suponho que tenha mais.

A caça tem esse negócio do olhar, ver e sacar, a pergunta que fica é: será que vai rolar? Será que é, ou será que não é?

Este contexto é excitante, concretiza também, mas enfim, vai de como você está se sentindo ou não. A pegação não é apenas prática, é fetiche.

Para mim, a coisa mais exótica, foi chegar a transar em uma cama porque o meu tesão foi desenvolvido, não na cama, mas fora dela, nas casas abandonadas, em construção, nos banheiros.

O banheiro é um espaço de uma caça, mesmo que não aconteça nada ou ocorra alguma relação, existe uma questão de caça ali.

Então, vamos construindo uma tesão sobre estas experiências de risco sendo revelados em cenários fora do âmbito familiar (hétero) normativo, ou em vista do uso coletivo como o banheiro, praças, ruas, shopping, etc.(EDUARDO, Trabalho de campo, São José dos Campos- SP, 2022)

A experiência do inusitado, a busca pelo desejo, a dúvida e as incertezas quanto a se um indivíduo curte ou não a pegação — assim como toda ação, o momento é o

³⁷ É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: É pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente pela sua transmissão oral. [...] O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. (MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In:_____. Sociologia e antropologia. São Paulo: Casac Naify, 2003, pág.218)

que permite analisar as perspectivas das possibilidades de reação dos indivíduos. A caça, por sua vez, não está apenas nos locais de pegação, mas em todos os espaços onde uma cultura homossexual pode se estabelecer. Além disso, até mesmo aqueles que não ocupam o lugar da homossexualidade, como homens que não aparentam se reconhecer na homossexualidade, também exprimem o olhar do caçador em busca de prazer e de desejo.

O desejo e a fantasia são mecanismos utilizados como forma instigadora da ação coletiva, sendo a pegação parte das formas corporais, em que um indivíduo exerce sua conquista. A fantasia é a imaginação que pré-dispõe o ato sexual, isto é, a instigação inicial. Muitos interlocutores, antes de efetuarem qualquer relação sexual com outro parceiro do mesmo sexo, passaram por situações nas quais as trocas de olhares fizeram criar um cenário sexual — em banheiros, nas ruas ou, como no caso abordado no supermercado.

Ao destacar o risco, demonstra ser um impulsionador, algo que pode construir a fantasia, o desejo e a vontade, além de instigar a relação da caça dentro da pegação, produzindo assim o campo de possibilidades, demandas e condutas corporais onde a pegação se apropria nos territórios ocupados. Isso afere a demissão ampla que o campo da pegação pode estar em atuação, não apenas no local, mas na ação dos indivíduos que reproduzem uma lógica sistematizada de códigos e regramentos que a pegação conduz em sua (re)ocupação dos espaços de uso.

O risco é também a sensação corporal, o calafrio, o medo, o corpo trêmulo, o suor nas mãos, isto é, uma variedade de sensações que determina a pegação e que é associada ao medo e ao desejo pelo outro. Nesse sentido, o risco tem um papel fundamental para a organização lógica do participante, que usufruindo dele, adere a condutas — seja das posturas necessárias para a não revelação das práticas sexuais ou preenchendo o lugar do ser dominado, tornando-se a caça.

Pesquisador: O sentimento de emoção e risco, são questões que você sente quando se propõem estar aqui na pegação?

Eduardo: Existe, todo um sentimento físico, um coração batendo rápido, de repente um suor, tem reações físicas, né?

As pernas bambas, tudo pelo contexto da incerteza mesmo do “E, nessa altura, vai acontecer algo ou não, será que vai”. São coisas que você pode sentir também com pessoas que você encontra fora da pegação, julgo que dá para sentir estas emoções também, mas é outro lugar é outro, categoria de emoção também.

Pesquisador: Você pontua sobre o lugar. O que seria o lugar da pegação para você?

Eduardo: Os lugares da pegação fazem parte da minha vida de certo ponto, podemos pensar modelos ortodoxos como bares, ‘shows’, para paquera em

situações convencionais, mas perceber o matagal, como aqui no ponto da (PEV), um lugar mais de pegação mesmo. Não que a paquera, não esteja presente em ambas as situações, a questão principal é perceber que na pegação isso tem interesses além de um beijo.

E meio isso mesmo, você voltando de um bar a noite bêbado, encontra alguém, é flerte ou pegação? É o ambiente ortodoxos, ou fora dele, mas se torna quase uma besteira tentar encontrar um limite que possa separar ambos os espaços. Talvez tenha mais a ver com as suas intenções mesmo.

Se eu saio da minha casa para ir ao ‘show’, minha intenção é ir ao ‘show’, então aí! Pode ser que eu encontre alguém e me interesse, ou algo assim. Agora sair de casa para ir para o mato, é sair de casa pensando na pegação, tem um pouco da intenção e de como você vai se apropriar deste lugar.

O lugar diz tudo para você, o que é muito diferente do acaso. O acaso pode acontecer em qualquer lugar, ele pode estar presente em qualquer rota que você estiver, então você vive a emoção do desconhecido, do flerte da caça e de tudo, mas não é o “lugar da pegação”.

Vamos colocar cenários diferentes, se eu estiver no tinder passando as pessoas eu sei que a maioria ali é gay, ou curte pelo menos se relacionar com homens, então tem um público já pré-selecionado. Aqui (PEV), se um cara me olhar de volta, a hipótese dele curtir é gigante né, diferente de estar no shibata³⁸, e o caso aconteceu no banheiro.

Olha, que louco. Acredito que existe algo seguro, nesta coisa insegura que é o mato, com o desconhecido, se for um mato onde ocorre a pegação, talvez seja “menos” inseguro por conta das intenções.

Não penso muito sobre o lugar, mas na intenção, sabe? A intenção constrói o lugar, essa intenção coletiva as pessoas que frequentam aquele lugar, constroem aquela “selva” para ser um espaço onde as pessoas se reúnem e nós vamos entendendo como essa organização se forma na medida que vamos ficando neste lugar.

Você observou o tanto de gente que passou? E você sabe o que elas estão procurando, suponho ser isso.

Pesquisador: Pelo que você me apresentou, existe uma organização para estar aqui, uma rotina. O indivíduo acaba criando, para poder estruturar cruzamentos sociais que vão, direcionar e redirecionar um participante a chegar em certos pontos de pegação.

Se pensarmos logicamente, você tem uma vida fora da pegação, com estrutura familiar, você trabalha, lê livros, lava-louça, toma café, e tem toda uma vida. O que faz, você sair do seu bairro e vir para a PEV. Porque na lógica, o bairro onde você mora é um pouco distante do local, o que faz você vir andando para este lugar?

Quais rotinas e hábitos, são precisos criar, para desenvolver uma prática de pegação, que necessariamente, não estão apenas no acaso?

Eduardo: É sobre, o aqui né? e não outro lugar!

Para as pessoas que são fora do nosso meio, às vezes é nos lugares da pegação o lugar onde elas se sentem vivas, pois elas vivem vidas em que elas se negam o tempo todo, e quando elas estão aqui com outros caras elas se sentem vivas na hora de realizar aquele desejo que está tão travado. (EDUARDO, Trabalho de campo, São José dos Campos- SP, 2022)

As experiências com circuitos de pegação podem ocorrer de diversas formas e de maneiras distintas na vida dos participantes, reveladas ainda na infância com trocas sexuais com primos e com pessoas próximas. Além disso, elas também podem se revelar na adolescência e na vida adulta, já que não existe uma ordem cronológica da

³⁸ Shibata Supermercados é uma rede de supermercados.

experiência — isso estará relacionado com os caminhos individuais de cada participante nas trajetórias que se inter cruzam com as vivências da pegação.

As sensações de adrenalina, medo, tensão, desconforto e desejo são recordadas quando incitam as suas experiências corporais que se repetem nos locais de pegação. O inusitado também aparece nesses contextos sexuais, pois estão alçadas inteiramente no âmbito externo à casa, já que, quando se executa o sexo no privado como o lar, a cama e o quarto causam uma sensação de deslocamento.

Compreender as demandas de vida além do ato de estar dentro do campo, mas de perceber que estes indivíduos possuem direcionamento e vivências que ancoram tais locais, que trazem trajetórias cotidianas e rotinas que organizam o espaço coletivo. A pegação, então, torna-se parte do itinerário de muitos homens que mudam as suas rotas para terem experiências sexuais nesses locais. O contexto em que um participante constrói suas relações com o meio demonstra como determinados aspectos de socialização são contínuos em transformação. No banheiro público, pode haver uma maior intensificação de pessoas externas à pegação e, dessa forma, o risco se intensifica na delação de tais práticas, como também em um parque que pode ser usado para sexo, mas que possui a presença da guarda municipal gerindo a segurança do espaço e criando um cenário de risco e emoção.

Não acho que é muito sobre o lugar, mas na intenção, sabe? A intenção constrói o lugar, essa intenção coletiva as pessoas que frequentam aquele lugar, constroem aquela “selva” para ser um lugar onde as pessoas se reúnem e nós vamos entendendo como essa organização se forma na medida que vamos ficando neste lugar (EDUARDO, Trabalho de campo, São José dos Campos- SP, 2022)

O contexto de "selva", descrito pelo interlocutor, determina a necessidade de observação do que está ocorrendo naquele lugar — se é possível um sexo coletivo com três ou mais homens ou apenas uma masturbação nos mictórios. Tudo depende das possibilidades de serem utilizados, das demandas externas e internas e de quando ocorre este rompimento, o qual pode gerar o desconforto em outros participantes que entendem o ato como uma exposição do local.

Se um participante quer fazer penetração em um banheiro de shopping, onde os demais participantes estão fazendo uma roda de masturbação, pode ocorrer um estado de exclusão deste e até mesmo de negação: ele está inserindo no espaço uma prática não permitida, pois a sua ação pode afetar o coletivo e transformar aquele lugar em um

espaço visado. É o perfil de prática sexual permitido nas negociações de ocupação que vai delimitar as práticas sexuais nesses múltiplos espaços utilizados.

A pegação é um sistema codificado que detalha modelos de vida marcados com indicadores sociais e parte dessa construção tem suas implicações no desejo oculto daquilo que aparece como algo que socialmente não é exposto. Desse modo, a sexualidade entre iguais nesse espaço torna-se permissível por suas redes de interlocução e regramentos. Os aparatos urbanos, por sua vez, modificam sua usual forma para dar aos integrantes uma possibilidade maior de liberdade enquanto suas vontades — o modo como os sistemas midiáticos, legais e moralmente construídos em nossa sociedade, reprimem tais condutas ainda são fatores associados a esses encontros.

É importante salientar que mesmo que a "discrição" das práticas nos locais de pegação seja um elemento importante para a manutenção e permanência do lugar, Eduardo denota que os fatores que impulsionam a conduta tem a ver com uma falta de representação na sociedade. Ela é voltada principalmente para uma questão moral, pois a pegação torna-se um dos poucos locais possíveis para muitos homens realmente se aventurarem e exercerem os seus desejos sexuais. Se para muitos as práticas homoeróticas em âmbito público revelam um desvio do padrão de vida heteronormativo culturalmente aceito em sistemas ocidentais, a pegação é então a transgressão, mesmo que momentânea, desses aspectos normativos. Esta representa a vontade, o desejo e a existência de determinados sujeitos que, fora desses espaços, não podem exercer suas reais intenções.

O estilo de vida que a pegação cria é simultâneo. Existe o risco, a emoção e a liberdade das imposições normativas entre determinados grupos, que condenam as atividades sexuais entre homens que se relacionam com outros homens, negando as suas existências. Todavia, eles são atores sociais que atuam como parte fundante dos cenários urbanos e de codificação, além de resignificarem as possibilidades de desterritorializar o cenário construído em um modelo heteronormativo.

A pegação significa então uma representação das formas de interação entre indivíduos que, através das práticas homoeróticas, criam um sistema de (homo)cultura, resignificando o espaço coletivo através de suas ações, organizações, códigos e regramentos. Entretanto, essas representações acabam sendo rotuladas como pegação a partir do momento em que indivíduos se reconhecem como agentes da pegação, no

entanto, parte dos interlocutores aqui apresentaram experiências prévias que poderiam ser descritas como pegação.

A presença dos espaços públicos reformulados já impulsionava algumas vivências prévias, em que eles relatam que a pegação sempre esteve presente na vida deles. Todavia, o estado de consciência vem quando ambos começam não apenas a entender os códigos, como também os reproduzir. Essa consciência individual e coletiva exprime-se em processos de reorganização do modo de vida — esses participantes arquitetonicamente criam um estilo de vida que se expressa na pegação.

Se cria formas de operar as possibilidades percebidas, transformando a pegação em um cenário de aventuras sexuais ou como parte de uma rotina diária, é indispensável pensar que esses sistemas estão se chocando e reconfigurando a todo instante. Dessa forma, é possível perceber expressões do desejo que possibilitam a erotização das trocas corporais com o próprio lugar.

A rua (praia, shopping center ou qualquer outro espaço, essencialmente público), pode por exemplo, se tornar um lugar para paquera e pegação, para fazer contato e escolher alguém antes de voltar para seu apartamento, ou, na ausência de um espaço particular, um hotel ou motel (PARKES, 2002, p.91)

As intenções individuais de cada participante, em conjunto com suas trajetórias de vida e experiência, vão realocando, sentindo e constituindo socialmente uma cartografia dos desejos nos espaços urbanos e coletivos. As situações vão sendo atuantes para diferenciar as múltiplas formas de se perceber como será a melhor abordagem que um indivíduo na pegação possa vivenciar suas aventuras sexuais. Tensões homoeróticas, que vão sendo construídas através dos participantes, vão definindo locais rotulados pelos múltiplos agentes. Sendo assim, a pegação é levada, instaurada e negociada por seus pares, mesmo que muitos não estejam nas formas coletivas de interações sexuais — as organizações têm seus coadjuvantes como: agentes de segurança, vizinhança, agentes do serviço público, moradores em situação de rua e uma multiplicidade urbana, codificando em conjunto com a pegação no espaço urbano.

O que interessa nessas definições é perceber como a pegação se apresenta frente a estilos de vida que vão se cruzando e se resignificando na própria pegação. As intenções e desordem acarretam situações de conflito tanto com os participantes como com o externo. Definir a pegação é vivenciar e experienciar a vida, intenções, trajetos, práticas, códigos, trocas, afetividades, emoções, sensações e um itinerário de vida que

se apresenta como uma modalidade, isto é, um estilo diário compartilhado coletivamente.

3.3 O proibicionismo na pegação.

Em outra abordagem, conheço Lucian, um homem de 31 anos, 1,75 de altura, bronzeado, cabelos encaracolados, corpo atlético e que também morava na zona sul de São José dos Campos. Ele havia descoberto o ponto de pegação da PEV pelos aplicativos de pegação e estava no local em busca de alguma relação em grupo com outros homens.

Para Lucian, a pegação quebraria com a questão do proibicionismo, pois o fator *proibir* seria um instigador para as práticas de pegação, sendo uma conduta de organização desses homens, ainda mais quando se utiliza dos espaços coletivos públicos.

Lucian: O lance proibicionista sobre a pegação não rola, o proibido é gostoso e sempre será o mais gostoso da pegação. Eu sou super liberal, acho que sexo deveria ser liberado, assim como trepar na rua, igual cachorro, porém entendo o pessoal careta que não quer ver dois homens metendo.

Pesquisador: Você, então, é um adepto da pegação?

Lucian: Eu sou um adepto, da pegação, a muito tempo inclusive. Há muitos anos que me encontro como alguém que vive a vida que a pegação gosta. Eu iniciei todas as minhas experiências sexuais dentro do banheiro, sabe aquele despertar?

Tudo começou no banheiro, com as trocas com os caras que passavam pelo banheiro no qual eu frequentava, sabe? Foi dentro daquele espaço que tudo começou, a minha primeira gozada real, sem ser na punheta. Eu comecei a ir lá, todos os dias depois da escola, chegou uma época que encontrava as mesmas pessoas, já sabíamos quem dava, comida ou só batia.

Eu entrava naquele espaço, com meu uniforme da escola, umas 17 horas normalmente, e logo chegava os trabalhadores e outros homens, que no decorrer dos itinerários passava pelo banheiro.

Vou dizer uma coisa, a verdade é que parecia um mundo dentro de outro, como se você tivesse um amante ou um vício, onde tem que saber disfarçar em certos momentos, mas quando estava lá, é prazer puro. (Lucian, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

O proibicionismo é retratado aqui como um instigador para as práticas sexuais. Isso porque um local de pegação só continua a existir se houver regras que vão conduzir a postura e o comportamento dos seus membros, que são definidos conforme as necessidades de cada local. Quando os locais quebram esse espaço de regramento, as tensões com o ambiente externo começam a ocorrer.

O sexo entre homens é uma categoria histórica e socialmente proibida pelas relações morais em uma sociedade heteronormativa, mesmo que essa proibição não

venha de questões legais no contexto atual — isso porque existe um deslocamento moral que reformula os lugares os quais a homossexualidade pode ou não ocupar. No que etnograficamente se observa com os estudos sobre a própria cultura da homossexualidade, a pegação de rua e os espaços noturnos foram sendo ocupados dentro do campo do proibicionismo e das transgressões desses espaços comuns.

Essa relação de ocupação é tão intensa que é possível constituir o que muitos interlocutores já destacaram, que é a relação de mundos separados: *“a verdade é que parecia um mundo dentro de outro, como se você tivesse um amante ou um vício”* (João, *Trabalho de Campos* 2021). No entanto, a comparação é feita com uma relação de traição ou de vício, duas categorias que são moralmente condenadas nos aspectos sociais brasileiros.

O amante, o indivíduo que rompe com o laço matrimonial, que serve aos desejos da carne e que desmembra os desejos patriarcais e cristãos, é alguém que desmonta o esperado pela normatividade. O vício, por sua vez, é aquilo que biologicamente não possui controle, algo impulsionador, selvagem e sem domínio e, dessa forma, como amante deve ser escondido. Essas denominações, trazidas pelo interlocutor, fazem parte do discurso cultural opressivo sobre a homossexualidade, moralidades as quais mesmo indivíduos que praticam relações homoeróticas acabam por reproduzir.

O despertar para a sexualidade oculta ou até mesmo para os desejos reprimidos e escondidos só podem ser constituídos no âmbito externo ao lar em uma esfera de proibicionistas morais, que delimitam a pegação. Ela se reformula, estabelece limites e desenvolve um espaço de interações que pode despertar em indivíduos os seus desejos. Lucian destaca essa dinâmica nos locais em que suas experiências foram sendo construídas — é perceptível, assim como com Eduardo, que o espaço público conduz uma vida homoerótica.

Mesmo que as experiências de vida desses participantes estejam associadas a uma vida pública com seus preconceitos e regramentos estabelecidos, o sigilo é uma categoria que se baseia na ideia de proibicionismo. Sem a discrição, o campo da pegação acaba sendo levado a uma exposição, em que seus praticantes são cerceados pelos agentes de segurança pública e, com isso, acabam tendo seus territórios vigiados e até mesmo fechados.

Para o interlocutor, estabelecer a ordem no campo da pegação e garantir a sua permanência é a ordem do sigilo ou o que garante que apenas o público da pegação ou

seus entendidos ocupem um lugar aceitável dentro desse espaço. Portanto, é no sigilo que os códigos e regulamentos da pegação são fortificados, fazendo com que seus participantes assumam uma postura frente às adversidades que o local pode conter.

Lucian: O sigilo é usado para separar esta questão do público e criar uma atmosfera de vida, dentro da pegação. Se você usa o banheiro público sem sigilo, sem entender essa regra, você acaba não entendendo toda a intensidade que é estar dentro da pegação.

Agora, se você entra no banheiro, parque, rua e sente a mão tremer, o corpo suar e fica com tesão nos machos olhando e se masturbando, você deve manter o sigilo para poder estar naquele espaço, então você sai deste público e cria a sua vibe, o seu lugar coletivo entre os que são iguais a você

Eu adoro, a química do olhar, e até do cheiro, tudo que remete aquele espaço de concentração de homens. Não adianta, você vai ao Parque da cidade e vai andando pelas trilhas, você sente cheiro de sexo e homem, isso é familiar porque nos crescemos com isso, com a pegação passando por nós. Aqui no PEV, não difere, os caras usam esse espaço, e é perceptível o cheiro de sexo e metecão, a vida sexual, é isso. (Lucian, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

Isso demonstra que o sigilo parte de uma separação do que é realmente público para uma ação coletiva de seus membros, a qual ele determina como uma atmosfera, que separa os membros da pegação do que é externo a ela. Essa também é uma condição para se permanecer no local, pois, sem o sigilo, o indivíduo acaba se distanciando dos aspectos necessários para se estabelecer no campo da pegação, criando um afastamento do esperado.

Isso pode ser um fato diferente quando se pensa em locais privados em que o sigilo pode estar mais ligado a um desempenho de masculinidade do que com métodos para ocultar tais práticas sexuais, tendo o sigilo como um condutor dos encontros (homo)orientados. Para Lucian, São José Dos Campos apresenta uma característica muito marcada pela condição de cidade de médio porte, em que é possível identificar participantes com as mesmas características físicas em espaços públicos e privados.

Lucian: O que estou dizendo é que na pegação os homens são parte daquele momento. Então, não adianta, as pessoas constroem suas vidas duplamente com a pegação e a vida normal.

Minhas experiências em Saunas, por exemplo, são bem parecidas com a pegação, mesmo que ambos os públicos sejam diferenciados, porque quem paga, já sabe o produto que quer encontrar.

Aqui em São José dos Campos, esta questão acaba se misturando em todos os lugares, não apenas nas Saunas, Cinemas ou na Pegação, o público é variado até pelo fato da pouca distribuição de possibilidades.

Então, na sauna você vai encontrar de tudo, os velhos, novinhos, bêbados, gordos de tudo você encontra lá, como na pegação também.

Diferente dos centros urbanos, como São Paulo ou Rio de Janeiro, onde algumas festas não deixam certas pessoas entrarem ou que em alguns pontos de pegação uma pessoa mais velha acaba sendo humilhada quando aparece.

Fora que aqui na cidade as pessoas se conhecem, mesmo que você não tenha muito contato com ela, em algum momento você pode encontrar ela. Então as pessoas preferem coisas mais rápidas, uma gozar e sair. Tudo depende do momento e das possibilidades que o lugar pode nos oferecer. (Lucian, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

As possibilidades estão presentes na pegação, que podem ser utilizadas como demarcadoras das rotinas diárias. O participante é conduzido por sua própria rotina e, mesmo que muitas vezes esses procurem se afastar de serem associados à prática, é a permanência nesses locais que orienta como determinados ambientes, antes não vistos como possíveis de interação, sejam ressignificados.

As rotinas vão se misturando sabe, nada necessariamente é fixo, ou fechado né? Porém é inevitável não pensar que as pessoas se programam para estar nestes locais, eu mesmo quando sai de casa hoje para ir na psicóloga, já coloquei o lubrificante e a camisinha dentro da bolsa, já fiquei pensando como seria trepar com o pessoal e tudo mais. A gente fica cheio de intenção, né? Então acabamos criando formas e rotinas para poder se inteirar e participar. Até mesmo de fugir, os homens casados adoram falar de suas esposas, mas quando você aprofunda, eles nem transam mais com elas, e ficam justificando isso para ir no ponto de pegação.

A grande verdade é que todos estão ali sabendo o que vão encontrar e não importa se vai ser na segunda ou na sexta eles vão se organizar e dar o jeito de se encontrar ali, e buscar formas de construir relação com o espaço e pessoas. As pessoas podem se organizar de várias formas, mas sair da rotina da pegação é difícil, muitos usam a desculpa de estar namorando ou apenas mudam de local, mas a pegação essa eles não deixam. (Lucian, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

O caso apresentado por Lucian tem apontamentos significativos para analisar todo um contexto que envolve performances e rotinas elaboradas pelos participantes da pegação, a fim de garantirem que suas demandas pessoais encaixam-se nos seus desejos sexuais desviantes, desaprovados ou transgressores do padrão.

É possível compreender a atração por pessoas do mesmo sexo, em determinados contextos, também como algo proibido, já que, como diversas pesquisas apontam, o exercício do homoerotismo pode sintetizar uma série de transgressões: transgressão das especificidades criadas pela natureza (esta fez o homem e a mulher e eles se completam na busca pela procriação), transgressão dos princípios da boa moralidade (o indivíduo com inclinações homoeróticas pretende ser uma coisa que não é; o homoerotismo é um problema de falta de caráter) (GASPAR, Neto, 2013,p.150)

A rotina que muitos desenvolvem ocupa uma parcela dos seus dias, principalmente nos momentos noturnos, em que esses homens utilizam de histórias bem estabelecidas para poder estar em alguns momentos no ponto de pegação — para

essa finalidade, eles usam de seus trajetos pessoais: o fim do expediente do trabalho, o horário de almoço, a saída para o supermercado e as práticas esportivas, que aparecem recorrentemente como solução para ir em direção aos pontos de pegação.

Muitos, em suas conversas, apresentam suas alianças e certificam de serem homens casados ou comprometidos com uma mulher e que usam de pouco tempo para poder chegar a um orgasmo, fazendo interações mais rápidas e que são usualmente constituídas de um sexo oral ou masturbação coletiva, em que necessariamente eles não exerçam a responsabilidade de fazer o outro gozar. As intenções, assim como apresenta Eduardo, pode criar uma rotina inicial — os participantes por vezes vão em certos pontos de pegação na intenção de conhecer ou averiguar a movimentação e acabam se interessando pela ambiente, fazendo com que voltem com frequência, aderindo às demandas do espaço, conhecendo o território e sabendo os melhores horário e locais para as interações.

Não é difícil encontrar pessoas que nunca tenham ido a certos espaços e, quando esses “novatos” chegam ao ponto de pegação, eles podem ter várias percepções ao desbravarem o lugar por sua própria vontade, até encontrarem alguém que queira interagir ou apresentar os espaços. Além do mais, eles também podem encontrar um grupo e começar a tirar suas dúvidas sobre o funcionamento.

A pegação demonstra a impossibilidade de definir um tipo ideal de indivíduo que seja propício ou que possua predisposição a estar na pegação. Esse indicador de modelo estereotipado é um pensamento ultrapassado, marcado por discursos biológicos sobre os aspectos sociais muito presentes no século XIX e sobre uma noção de desvio patológico para os indivíduos “invertidos”, que se ocupavam de práticas imorais e avessas à heterossexualidade.

Os participantes da pegação conduzem a quebra de um indivíduo idealizado nos espaços coletivos de interação homoerótica entre homens que se relacionam com outros homens. Nesses espaços, os rótulos sociais são variados, os quais podem ser exaltados ou reprimidos, não possuindo uma única ou determinada forma de ser.

Nesse contexto, o inesperado estabelece as múltiplas formas e estilos de vida que se entrecruzam nesses blocos de espaço-tempo que a pegação permite por estar alojada em espaços públicos. Homens casados e solteiros, brancos e negros, baixos e altos, com pelo sem pelo, com barba ou sem barba, cabeludos e carecas, gordos e magros, com genitálias vantajadas ou bundas empinadas — na pegação suas identidades não precisam estar fixas e com papéis bem estabelecidos.

Dessa forma, eles podem exercer formas momentâneas para cada situação. Porém, assim como o próprio espaço público e o desenvolvimento da vida urbana, que em seu estado físico possui formas nas quais a utilização social remonta outro imaginário, os membros da pegação exercem ambos seus papéis sociais familiares, únicos e aceitos moralmente. Eles desterritorializam não apenas o lugar e espaço localizado pela pegação, mas desmontam seus papéis públicos para exercerem a própria vida que a pegação proporciona.

Dentro deste imenso, quase sempre impessoal e extraordinariamente complexo sistema urbano, foi, em geral, por meio de seus desejos e práticas sexuais compartilhados, e da geografia sexual complexa presente no relativo anonimato da vida urbana, que diversos tipos de homens que se relacionam com outros homens conseguiram encontrar outro e estabelecer um mundo social (PARKER, 2002, p.73)

3.4 O patrulhamento.

A atuação por parte de *agentes de segurança*³⁹, são conduzidas através das experiências dos participantes com o espaço ocupado, fazendo com que os agentes cerceiem atos sexuais tidos como “impróprios”. É recorrente a ação policial assegurar-se na lei do atentado ao pudor como forma de reprimir os participantes — no caso da pegação em locais abertos, essa atuação não é aceita pelos participantes, que não veem como uma questão de atentado contra o outro.

Eu não entendo, porque eles ficam nos pressionando quando somos pegos, fazendo sexo aqui. Primeiro que não estamos atingindo ninguém porque quem está aqui, quer estar aqui, então não existe “atentado a outro”.

E se o espaço é público, ele não pode me tirar. (MIGUEL, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2021)

Como já apontado, as denúncias podem vir de diversos agentes externos e por isso o reconhecimento do local conduz as maneiras como a atuação é efetuada. Em espaços como Parque da Cidade, por exemplo, a ação da GCM ocorre durante o dia e vai até o anoitecer, sendo que durante o dia, ver dois homens andando nas trilhas não causaria um estranhamento quanto durante o período noturno. Ademais, mesmo que fossem pegos durante a manhã, não teriam a mesma atuação repressiva que o espaço noturno possibilita.

No caso do Ponto do Bombeiro, as relações ocorriam de uma forma intensa

³⁹ Vigia dependências e áreas públicas e privadas com a finalidade de prevenir, controlar e combater delitos.

pela recorrência apenas de pegação durante o período noturno — os homens entravam na vegetação ou ficavam na rua esperando alguém passar de carro a fim de que os conduzisse para outro lugar ou na proximidade dentro do automóvel. As denúncias vindas da vizinhança, que diariamente delatavam situações de sexo ou medo da contingência de homens que entravam e saíam das trilhas, fizeram com que a pegação fosse interrompida em 2022, pela criação de um Half (uma pista de skate). Desse modo, o local foi totalmente cercado, impedindo que os participantes entrassem na vegetação.

O ponto do bombeiro tinha uma das pegação mais intensas aqui da zona sul, o perfil de homens era alto, as pessoas eram bonitas de verdade lá.

Eu pelo menos durante uns 10 anos fui na pegação no ponto do bombeiro, que teve sempre seus problemas com a vizinhança porque sua entrada fica de frente para a parte residencial e como eles ficavam desconfiados, ligavam para a polícia.

Porém, de uns 5 anos, passaram a desconfiar porque já tinha muitos resquícios do que acontecia, camisinha, cenas de sexo na rua, escândalos, situações internas como brigas, isso tudo passou a "queimar" o ponto de pegação.

Na pandemia eles(Polícia), estava no ponto do bombeiro, todos os dias fazendo batida, em algum horário da noite a polícia acabava indo lá. Até que, anunciaram a nova construção no local no início deste ano. (DUDU, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

O fechamento das entradas que davam acesso à parte com vegetação no Ponto do Bombeiro não impediu que esses homens fizessem a pegação em outros espaços. Esse momento da intensa batida policial, como o interlocutor aponta, foi o período entre 2020 e 2021 — o mesmo momento em que o ponto da PEV se estabelecia como local de pegação.

Muitas vezes quando tinha a batida policial no ponto do bombeiro as pessoas saíam de lá, vinham em direção aqui (PEV), para poder continuar a pegação. Um dia estava lá transando quando a polícia chegou, vim andando junto com um amigo até aqui e quando cheguei tinha uns 30 caras de lá, aqui metendo já.

O que está ocorrendo aqui na PEV hoje (08/09/2022) é reflexo da atitude das pessoas nos espaços, hoje quando cheguei o cara de regata estava sendo chupado aqui no meio da rua, mesmo que durante a noite diminua o movimento, ele ocorre né cara, as pessoas veem e vão reclamar. (DUDU, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

Dudu é um participante frequente nos pontos de pegação, o qual conheci em 2021 quando passava com seu amigo Fernando, andando na pegação da PEV. Ele exibia sua genitália, marcada em seu short, convidando todos que passavam para fazer um sexo grupal com ele e seu amigo. Durante o momento em que se

relacionava com os participantes dentro da vegetação, pouco conversava, ficava na “caça”, como ele mesmo aponta, em busca de quem pudesse o satisfazer.

Esse interlocutor apontava algumas questões: como as vezes em que se relacionava com um determinado parceiro, o tamanho da genitália, como transava ou até mesmo se um participante era ou não casado — isto é, informações pessoais que colhia durante suas conversas na pegação ou quando esse homens frequentavam sua casa, em que ele fazia os *atendimentos*.

O atendimento possui várias definições no campo e como suas formas usualmente vão ser aplicadas. No caso de ir *atender um boy*, é quando o participante vai ao encontro de outro, que necessariamente pode ou não chegar a uma relação sexual. Em alguns casos, o atendimento pode ser coletivo, ou seja, quando há um compartilhamento entre 2 ou mais participantes sobre o mesmo homem.

Quando avistei o motoqueiro andando na pista, indo e voltando buscando uma putaria já fique atenta sabe, com o que poderia acontecer, ele passou e falou se eu queria mamar, estava com os outros rapazes, foi quando fizemos um atendimento coletivo, enquanto um mamava o outro ficava de olho para ver se alguém vinha na nossa direção.(DUDU, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

Contudo, o atendimento pode ser tido como um parceiro que ouve a vida de outros participantes. Dudu, que fazia o atendimento sexual na sua casa, apresentava quase um tratamento terapêutico, pois após o sexo, os homens aproveitavam o momento para falar sobre sua vida pessoal.

Os caras vão fazer o atendimento lá em casa e quando vejo, já estou sabendo da vida deles, me contando que são casados que se relacionam com x, pessoa, mas que gostam da pegação pela putaria. Me sinto às vezes como um psicólogo atendendo na minha casa.(DUDU, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

Dudu apontava esses homens como uma forma de autovalorização do seu desempenho sexual, pois sempre se colocava em uma condição de homem dotado, como o maior atrativo — ele sempre apontava sua "genitália" como uma potência : *“Às vezes os caras nem querem se relacionar comigo de primeira, não que eu seja feio, mas não sou o padrão, quando eles veem minha rola, já se aproximam”*.

Por sempre estar se relacionando com outros homens em pontos distintos, acabava conhecendo como se organizava a passagem da policial e os riscos dos locais, quais participantes tinham potências diferentes e também toda uma relação com o ambiente, que o colocava como um agenciador quando conversava com

outros membros.

Cada ponto de pegação tem um esquema, no Parque da Cidade é onde rola solta as pessoas já perderam a vergonha lá, tem camisinha espalhada por todo o espaço, as pessoas transam a todo o momento. O perigo está na ronda, que pode chamar a Polícia, aí você está fodido, porque lá eles podem dar voz de prisão. Como depois das 20 horas o parque fecha, qualquer pessoa lá dentro pode ser incriminada, até como invasor.

No bombeiro, o melhor horário é a noite, lá o pessoal fazia de tudo, hoje o que funciona mesmo é os carros, você passa pela rua e espera um carro parar e você faz a sacanagem, só que tem muita maricona no local, elas vão lá em busca do que quiser, não tem mais os machos gostosos de antes. Com o fechamento, a batida policial diminuiu, agora eles só fazem uma ronda.

Já aqui no ponto da PEV, a situação vem sendo recorrente e as formas de ação são distintas, por exemplo, esses dias a polícia chegou colocou todo mundo na parede, revistou e começou a chamar o pessoal de bichinha, questionando o que aquele bando de homem fazia no escuro. Diferente de hoje que a polícia só passou a lantern e não entrou, depende muito do dia e de como eles vão fazer.(DUDU, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

Os interlocutores vão apontando as relações policiais como uma forma variável, que depende do momento, do período do dia ou até mesmo de como cada agente de segurança vai agir diante dessas situações. Em alguns casos, pode ocorrer uma menor repressão física e verbal, porém não contém o medo de uma ação oposta, como a incriminação.

A ação pode ocorrer caso a conduta violenta do agente de segurança seja questionada ou até mesmo quando um interlocutor o conduz a perguntas sobre o porquê da apreensão, quando estão apenas andando pela rua. Alfredo, um participante de 42 anos de idade que frequenta a pegação há mais de 23 anos (como ele mesmo aponta), afirma esta *métrica violenta* que é medida a partir da vontade dos agentes de segurança.

Olha, existe uma métrica da violência vinda destes policiais, são eles que vão conduzir como toda a operação vai ocorrer no espaço de pegação, não adianta acharmos que a situação vai mudar. Olha bem, já é uma dificuldade para falarmos que gostamos de homens, as pessoas arrumam milhares de desculpas para estarem aqui todos os dias e tudo bem. Só que, quando a polícia vem, ela quer tirar você deste local por questões de uma repressão contra a homossexualidade e não pela ocupação apenas do espaço.

O que é medido aqui são como outros homens nos reprimem, mesmo, dificilmente é uma mulher que nos ataca, reprime, até mesmo na ação policial, são outros homens que veem aqui nos atingir. Olha, as mulheres acham estranho o número de homens entrando e saindo, ficam com medo, tem medo de ser outra coisa, ou até mesmo sabem, porém quando denunciam está mais associado a insegurança do que a moralidade.

No caso dos homens, a questão é moral porque eles medem o ódio, a forma de reprimir, as condutas que devem ser tomadas a partir da violência. Se espera uma repressão vinda de outros homens, até porque eles sabem o que ocorre no local, da forma que acontece. (ALFREDO, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

O que Alfredo evidencia é uma cultura da homossexualidade formada a partir da repressão vinda da masculinidade heteronormativa, a qual, conduzindo a ação policial, desempenha uma métrica violenta, que está associada à moralidade dos indivíduos e a suas condutas. Isso não só na forma de agir, como também nas abordagens e na fala — o que está sendo discutido não é o fato do sexo acontecer em público, mas de haver ocupação do espaço pela (homo)cultura.

Portanto, o que conduz as atitudes é um senso de vingança, que alojado na masculinidade e na normatividade, ocupa de condenar o que está em oposição à hegemonia. Duda, ao apontar que, dependendo dos policiais, as práticas são distintas entre mais ou menos violentas, evidencia uma não regularidade na forma de abordagem, pois muitos alegam a pegação como uma conduta próxima à prostituição e punível pelo atentado ao pudor.

Nesse viés, o atentado ao pudor para os participantes só ocorreria em locais fechados, nos quais existe o informativo sobre tal “punição”. Em locais abertos, por outro lado, a atitude não é aceita, pois toda a forma de pegação se passa na ocultação da prática sexual. Devido a isso, um dos questionamentos levantados pelos próprios membros é *“o que estávamos fazendo de errado?”*.

Uma dia eu estava sentado aqui, quando os policiais vieram com suas motos, chegaram rápido, e começaram a me perguntar o que estava fazendo, falei que estava fumando. Mandaram eu sair de uma forma grosseira, e como você reage?

Não adianta falar que vamos responder, porque estes caras implantam drogas nas pessoas, fazem maldade, quantas vezes não presenciei eles maltratando e ameaçando o pessoal da pegação.

E o que estávamos fazendo de errado? Uma coisa é transar em um banheiro e ser pego, entendo. Porém aqui na rua, e outra história, nós estamos no espaço público, fazendo pegação com quem quer também, então não tem atentado tem prazer. (ALFREDO, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

No campo da pegação de rua, os participantes se veem em muitos casos na liberdade do espaço e por isso os atos em sigilo e discrição são conduzidos como um fato importante, pois as denúncias vêm a partir do descomprimento destes

reguladores do espaço. Se a polícia ou os agentes de segurança só atuarem a partir da incidência das denúncias, a regulação depende dos participantes.

3.5 Os participantes e seus tensionamentos.

Adriano: Daqui a pouco isso vai acontecer aqui, a polícia entrando e tirando tudo e o ponto de pegação vai e acaba. E a gente se muda para outro lugar e mais uma vez eles vão atrás de nós.

Gustavo: Mas você concorda comigo, que o povo dá os motivos para a polícia descobrir? Eu fico horrorizado com o povo que joga camisinha em qualquer lugar, o que custa jogar no lixo, ou no bueiro, mas fica deixando rastro, tem que ter postura. Fica marcando o lugar com os rastros e deixa evidente para as pessoas o que acontece ali.

Adriano: Fico pensando que logo, vai ser aqui (na PEV). A gente fica conversando debaixo da janela das casas, daqui a pouco vão chamar a polícia para a gente. Aqui já está ficando visível o pessoal comentando sobre este lugar.

Gustavo: O pessoal já está falando sobre este lugar no twitter, outro lugar que rola bastante é no parque da cidade, nossa lá fica cheio de camisinha e rola de tudo, sexo de todas as formas, as pessoas perdem a postura na aquele lugar, um dia estava passeando com meu filho pelos trilhas e tinha um cara andando com um shorte transparente e uma calcinha fil dental mano.

Os conflitos que correspondem à pegação, estão nas formas e dinâmicas que os participantes desempenham — não apenas em relação às demandas externas, mas também entre seus próprios pares. O regramento que compõe a pegação é elaborado em bases amplas, que são as condutas que os seus membros conhecem em uma maior intensidade, como exemplo, a descrição sobre as práticas, os modelos de se vestir, a não exposição na hora do sexo e o sigilo frente às relações sexuais com o outro. Existe uma etiqueta a qual os participantes estabelecem quando estão alojados em um campo de pegação, que corresponde às exigências necessárias e específicas de cada modelo e que necessariamente não será a mesma forma de regramento em um campo de pegação semelhante. Essas condutas podem causar conflitos internos entre os membros caso ocorra uma desordem nos acordos estabelecidos.

No campo da pegação, os acordos estão no campo oculto e vão se desdobrando na medida em que é necessária uma intervenção que virá sempre de participantes já conhecidos do espaço ou considerados mais “antigos”, os quais fazem o papel de

regramento de novos participantes ou daqueles que estão transgredindo as normas do ambiente. As normas não são bem estabelecidas porque dependem das situações impostas naquele momento, que podem exigir maior ou menor regramento para que o circuito de pegação não seja corrompido.

Essas posturas são reguladoras tanto corporais como do próprio espaço de convívio dos participantes da pegação. Visto isso, o descarte de desejos usados nas práticas sexuais, como camisinhas, papéis, roupas, lubrificantes e outros artifícios que acabam sendo acumulados nos locais usados para sexo, chamam a atenção. Isso tudo causa um incômodo, fazendo com que certos interlocutores abordem a questão não apenas nas trocas de conversa presencial como também nas redes sociais, a fim de chamar a atenção dos frequentadores.

A ação pode ocorrer de diversas formas, isto é, com diálogos amigáveis demonstrando a importância de se manter a preservação do espaço sem nenhuma intervenção, ou também pode ocorrer uma chamada nas redes sociais como forma de alertar a respeito das irresponsabilidades dos participantes com os descartes que acabam por deixar o “espaço queimado”.

Figura 9 - Imagem retirada da rede social twitter. O participante fez uma reclamação sobre o descarte indevido de preservativos.



Fonte: Rede social twitter

Os atravessamentos não ocupam apenas o campo online, como também podem aferir a um descontentamento dos participantes frente a atitudes que eles vão descrever como posturas inadequadas e “sem noção”. Nesse caso, as posturas repressivas podem ser atribuídas a participantes que não cumprem uma postura no campo, fazendo com que formas de repressão externa corroborem o cerceamento do local.

Nesses espaços, quando os interlocutores percebem uma movimentação proibicionista sobre o ponto de pegação, manifestam sobre as atitudes dos demais. Jorge, um interlocutor de 45 anos, frequentador do ponto da pegação no PEV, conduz uma discussão sobre como os participantes foram responsáveis pela presença da polícia no ponto de pegação, afirmando que existe uma dupla responsabilidade sobre a ação. Ele levanta que, mesmo que a atuação repressiva e irresponsável da polícia seja desagradável, os homens que participam da pegação precisam estabelecer uma relação de responsabilidade no local.

O pessoal exagera aqui também, esses dias eu vi um grupo de homens conversando aqui embaixo das janelas do pessoal, falando alto que havia transado com outros homens esses dias, isso chama muito atenção. O pessoal fica entrando e saindo da rua, passando pelas partes de luz e acha que ninguém está tendo, depois a vizinhança chamar a polícia ficam reclamando, mas a postura não está tendo com o local (JORGE, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

Em outros casos, quando os participantes começam a romper com a discrição, há uma justificativa para uma repressão maior. As brigas entre participantes, os escândalos ou as situações de extrema exposição são ações que constantemente acabam por serem tidas como tensionadores e, com isso, implicam uma situação de desconforto.

No ponto do bombeiro uma vez dois namorados saíram na porrada lá no meio da rua, foi uma gritaria o pessoal começou a sair do local porque sabia que a situação iria dar polícia, e não deu outra, juntou um monte carro de polícia no local.

Aqui, no PEV tem aquele homem doidinho que vem transar com o pessoal, um participante estava brigando com ele, fazendo escândalo aqui. Cheguei falando para ele não tratar ele assim, porque se você não quer, não precisa fazer show. (JORGE, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

A ação não contida (ou a exposição) é auxiliadora de uma repressão sobre os participantes. Isso não apenas é conduzido pelos discursos como também influencia uma ação policial silenciosa e opressiva. Segundo os relatos dos interlocutores, a polícia, em alguns pontos, reprime a conduta dos participantes, mesmo que ele não esteja praticando sexo no local.

Quando tem muita exposição a polícia acaba com o barato total, você pode estar aqui conversando, fumando, passando ou até sozinho. Eles vão chegar reprimindo você fazendo você sair do espaço, e mesmo que você tenha consciência que aqui é uma via pública e eles não podem agir desta forma com você, a gente sair, né?

Porque eles são mau caráter, sujos e escrotos, se você contrária eles, começam a ameaçar e para eles colocarem droga no seu bolso não custa nada. (JORGE, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

O sexo em público não é o maior dos problemas enquanto incentivador das ações dos meios de segurança. Seguindo a prática de contenção da ação coletiva sobre a pegação, é a quebra do “silêncio”, isto é, quando a denúncia sobre as práticas começam a ser constantes e advindas de agentes externos à pegação.

3.6 A pegação e seus modelos repressivos.

Os espaços sociais ocupados pelos agentes da pegação no meio urbano são conduzidos em muitas situações por uma ordem de vigilância moral, vigente não apenas em aspectos da justiça enquanto órgãos de segurança, como também da própria população, que incumbida de reprimir a prática, incerne de denúncias sobre os locais onde a pegação pode estar instaurada.

A atuação dos meios repressivos, portanto, pode ser variada e, dessa forma, também associada à modalidade de pegação em que o participante está inserido. Isso faz com que, em cada ocupação urbana, certos atores vão sendo encarregados de conduzir regramentos opressivos em que os participantes da pegação reagem com estratégias para que os meios de interação coletivos permaneçam e assim a pegação presente no local não acabe.

Quando os espaços são abertos e de uso coletivo da cidade, como os parques, a vigilância é feita pela Guarda Civil Municipal (GCM), que em sua atuação, preza não apenas pela segurança e bem-estar dos participantes do Parque, como de garantir em conjunto com a administração do local a preservação do patrimônio público e histórico da cidade. Em muitos casos, a atuação pode ser feita com outros agentes de segurança, tendo como argumentação a necessidade de pedido de apoio frente às situações.

Em muitas situações no Parque da Cidade de São José dos Campos, os interlocutores relataram suas experiências nada convencionais com a atuação da GCM. Isso, pois nos horários noturnos em suas rondas, quando encontravam um participante da pegação em meio à mata, o expulsavam de forma vergonha e até mesmo jocosa, falando alto e questionando os motivos do indivíduo estar em meio às trilhas. Toda essa abordagem é feita de uma forma expositiva, contrariando a lógica da discrição sobre as práticas.

Os cenários noturnos são atravessados por inúmeros personagens que exercem uma vida orgânica noturna nos ambientes onde a pegação está instaurada. Inclusive, nos parques, o número de jovens que buscam sexo por alguma troca financeira ou que realizam pequenos assaltos é recorrente e, em muitos casos, a guarda do local não se responsabiliza quando um participante da pegação é atingido em meio às trilhas, afirmando que a responsabilidade da Guarda é apenas de cuidar do patrimônio do local.

O horário de permanência dos membros da pegação no local também afeta o discurso dos agentes de segurança, que não se responsabilizam pela presença de indivíduos nas trilhas após as 20 horas, fazendo com que todos os participantes encontrados neste horário tenham que ser retirados das dependências do parque. No entanto, o uso do estacionamento no horário noturno é ressignificado pela população em geral, onde é possível ver jovens reunidos com instrumentos, carros de som, pessoas fazendo atividades físicas e até mesmo participantes da pegação que ficam na área do estacionamento e vão revezando com os que entram nas trilhas.

Durante as noites, as rondas feitas pela GCM duram em média 20 a 30 minutos, as quais podem ser feitas de carro ou de moto, sempre acompanhados de dois ou mais guardas que adentram as trilhas e trajetos que passam pela parte interna do espaço. Em alguns casos, eles descem de seus carros e vão averiguar pontos estratégicos, como os escombros ou algumas trilhas abertas — nessa prática, o uso de farol alto e lanterna ajuda a ver qualquer movimentação na escuridão que cobre o local.

O que é perceptível sobre a ação da guarda é que existe um mecanismo de alerta, isto é, um acordo subjetivo pré-estabelecido. Essa condição é uma estrutura que garante a permanência da pegação em muitos espaços, mesmo que nenhum acordo seja firmado e que não exista uma publicidade que afirme que os agentes de segurança saibam o que é a pegação. Os próprios membros denotam que os seguranças fingem que não observam as situações de pegação.

Todo mundo sabe o que acontece aqui dentro, até mesmo os seguranças do espaço. Às vezes alguns guardinhas também vem fazer sexo são acordos. Um cara fazer putaria e ser policial, não interfere no fato dele ter que reprimir para passar uma ideia de machão, ou até mesmo para cumprir ordens. Não existe uma relação de ocultação com os agentes de segurança, eles sabem que o povo faz sexo, porque eles não procuram um suspeito, eles querem regular a situação e nos tirar do local. (CLEBER, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

Segundo os meus interlocutores, a moderação é uma condição para que se estabeleça esse acordo entre as partes, pois se um ponto como o Parque da Cidade que tradicionalmente ocorre pegação começa a expor suas práticas, a ação policial vai sendo maior. Isso se dá porque o incidente não apenas das relações sexuais, mas, por exemplo, de assaltos, violência ou até mesmo de escândalos, podem causar uma notoriedade para o local e, assim, a operação da polícia ser maior.

Cléber, um participante assíduo dos pontos de pegação da cidade e principalmente do Parque da Cidade, afirma que nos dois últimos anos, com questões da pandemia e o esvaziamento de alguns locais, o parque acabou sendo uma fuga nos horários noturnos. Com a reabertura dos espaços abertos, isso se intensificou, fazendo com que muitas pessoas buscassem sexo, o que acabou causando um desajuste, pois mesmo que a retomada tenha acontecido muitos homens estavam perdendo o pudor. Segundo ele, pessoas andavam completamente nuas pelas trilhas, como se estivessem em suas casas. Essa instabilidade causou uma necessidade de intervenção, em que ele percebe como violenta, mas também notória como algo necessário para que se possa manter a organização do local.

A segurança do parque faz a ronda todos os dias pelas trilhas, durante o período noturno em média 4 vezes em horários distintos, sempre começando após as 20 horas. Em dias acalorados como esse a intensidade do patrulhamento aumenta, pois se sabe que o contingente de pessoas aqui é maior.

Porém a GCM faz o papel principal da segurança do local, mas quando a situação passa dos limites ou quando tem um incidente no local, a polícia civil vem aqui fazer ronda e bota os viados, tudo para correr. Quando eles chegam, não querem saber, começam a bater nas pessoas e expulsar do parque e já até algemou pessoas aqui.

Eu estava sendo um dia junto com meus amigos, estava uma noite quente como a de hoje, tinha ainda um cara que já tinha visto ele várias vezes aqui, andando somente de calcinha no local, os caras estavam bravos com ele porque chamava muito a atenção. Neste dia, foi quando umas 21 horas os caveirão chegaram os da rocam, fecharam tudo aqui, você só via o povo correndo desse mato.

Quem eles pegavam apanharam sem dúvida, devem ter levado alguém, e isso sempre acontece de forma inesperada e eles sabem a onde tem que ir, principalmente porque eles cercam o local, e não tem como sair, só se enfiando dentro do mato e torcendo para eles não encontrarem. (CLEBER, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

As ações intensivas da polícia apresenta-se sempre em contradição com os participantes que as veem como uma postura violenta, pois marca uma situação de humilhação, são perseguidas e expostas em meio a uma ridicularização pública. Nesse

contexto, quando os participantes são pegos, são levados a múltiplas conotações, à expulsão do local ou até mesmo à agressão física.

Em outra ocasião, conversei com Júlio, o qual discutiu a respeito das situações de risco que ocorrem nos espaços de pegação. Segundo ele, a ação policial não tem intuito, em momento algum, de prevenir alguma ação que possa ser entendida como delito, e sim de conter os participantes da pegação de seus encontros no espaço.

A vigilância não cuida dessas coisas nem liga (sobre a relação de assaltos), é só não ficar perto quando eles chegam e disfarçar. Eles às vezes dão dura até batem, ficam dando lição de moral nas pessoas, já tiraram gente pelada de dentro da trilha.(JÚLIO, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2021)

Para os participantes, os agentes de segurança possuem um papel da exposição e da humilhação e não operam em momento algum pela segurança desses em locais públicos. Nesses casos, os assaltos aos participantes são vistos como forma de punição pelos agentes, já que, quando um indivíduo busca ajuda frente a uma situação em que foi assaltado ou agredido por algum infrator, é recebido com risadas jocosas e desmerecimento, sendo questionados a respeito dos motivos de estarem no local naquele determinado momento.

Esse cenário da ação violenta não ocorre apenas nos parques, mas também quando se apresenta a relação da pegação em espaços como shoppings, galerias e supermercados. Em uma determinada situação, um interlocutor comentava sobre sua experiência em um banheiro em que um homem, após aparentar querer ter relação sexual com ele, o ameaçou e tirou dinheiro da situação com a afirmação de que, sendo policial, poderia dar voz de prisão para o participante.

Esses dias no Shopping, fui fazer uma pegação e encontrei um homem nas cabines comecei a me masturbar e acompanhar ele, que em um determinado momento me pressionou na parede e disse que iria me levar preso, me mostrando sua identificação como policial. A situação foi bem violenta e ele só não me levou pq pediu para que eu desse dinheiro para ele. (LEANDRO, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2021)

Quando a pegação está na rua, as ações de cunho repressivo vão sendo variadas e severas, pois ocorrem de forma mais inesperada diante das denúncias externas que corroboram com a prática punitiva “justificada”. Isto é, quando um policial chega a alguns pontos onde a denúncia veio por parte da vizinhança, ela atua em busca de um suspeito, e ao encontrar um número significativo de homens, acaba agindo de forma

inteiramente vingativa, fazendo com que os participantes tenham que se esconder e até mesmo se colocarem em situações de risco físico.

O senso de vingança vem carregado de uma relação de higienização social do espaço Quinalha (2021), o espaço coletivo como conhecemos possui uma gentrificação isso conduzido pela homossexualidade em oposição ao masculino, Louro (2004). Neste sentido, ver corpos masculinos que exibem a masculinidade em espaços buscando sexo com outros homens exercem uma contradição entre corpos e ocupação, gerando um senso de “higienização vingativa” por parte dos agentes de segurança e da própria população, destacam as práticas como “sem vergonhice”, vagabundagem, nojento, porcos e sempre tratando os participantes como algo a ser descartado.

Gustavo, um interlocutor que conheci no ponto de pegação no PEV, casado com uma mulher e que possui três filhos, relata sua experiência com a abordagem policial no ponto do bombeiro, em que teve que se esconder em meio à vegetação e até mesmo atravessar um córrego para que a polícia não o pegasse no local.

Uma vez eu estava no ponto do bombeiro fazendo pegação e a polícia bateu no local, eles entraram com as viaturas nas rua não deixando espaço para ninguém sair, eram várias viaturas que ficavam com a luzes do farol acessa de frente para o mato que cobre o ponto do bombeiro.

O lugar ficou todo iluminado, o povo saia correndo, se rasgando nos arames das cercas que fecham o local, a vizinhança tudo no portão vendo como a polícia iria agir.

Eu me joguei no córrego lá e fiquei escondido até a polícia sair, acabei cortando a minha perna e tive que arrumar uma desculpa para minha mulher sobre o que tinha acontecido até porque ela não poderia imaginar o que havia ocorrido. (GUSTAVO, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2021)

As formas como os participantes reagem são variadas, mas sempre expressam a tentativa de fugir da ação policial, pois se sabe que essa tem por objetivo não uma apreensão apenas, mas a exposição e a humilhação. Muitos desses homens, inclusive, temem ser descobertos nos espaços de pegação e por isso acabam por fugirem quando veem ou sabem que a polícia está nas proximidades do local.

Quando iniciei essa pesquisa, o Ponto do Bombeiro estava em seu auge por conta de se tratar de uma pegação em via pública e de rua. Visto isso, há anos, muitos homens buscavam sexo nesse local, sendo a localização mais famosa da zona sul de São José dos Campos. Contudo, na pandemia, com intensas intervenções da polícia militar e da Guarda Municipal, o local hoje é conhecido como um *ponto morto*.

Os pontos mortos são aqueles onde a intensidade da pegação não ocorre com um fluxo contínuo, pois existe uma interferência externa — nesse caso, foi a ação da vizinhança com as denúncias sobre os participantes e a ação policial, que constantemente abordava o local violentamente, chegando a levar um homem preso após ele ter sido espancado pelos agentes para mostrar a correção caso alguém fosse pego no local novamente.

Olha o ponto do Bombeiro, morreu, a polícia foi tanto naquele lugar que agora só rola pegação se for por acaso mesmo. E agora está sendo construída uma pista lá, e foi tudo fechado. Nas últimas vezes que fui, logo antes de fecharem eles cercaram um homem que estava fazendo pegação no local, levaram ele para o meio da rua e o espancaram e ainda o colocaram detido no carro, faziam isso e falavam que se encontrassem alguém lá iriam fazer igual.(GUSTAVO, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2021)

O fim de um ponto de pegação pela ação policial não extingue seus participantes, já que esses continuam seguindo o fluxo em que os cruzamentos presentes entre os espaços de pegação são condicionados. Com o cercamento do Ponto de Pegação do Bombeiro e a ação repressiva e violenta, houve um momento de migração para outros pontos de pegação onde a ação policial fosse menor no período.

Com o surgimento do ponto de pegação da PEV em 2021 e localizado na zona sul, o fluxo foi direcionado para esse novo espaço, que contém uma estética urbana muito próxima do ponto de pegação do bombeiro, sendo ambas de rua e com vegetação, em que os participantes conduziram uma nova organização dos espaços coletivos. No PEV, durante o ano de 2021, não foi constatada nenhuma aparição da polícia ou de outra forma de segurança pública, ainda por se tratar de um ponto novo de pegação.

Entretanto, os membros mais antigos que já faziam pegação no local apontavam para as chances da ocorrência da polícia em algum momento, pois a rua, mesmo que escura pela falta de iluminação, apresenta uma pegação de baixo contingente. Com o fim do Ponto do Bombeiro, o pequeno percurso que corresponde à pegação no PEV começou apresentar um aumento significativo, o que foi evidenciado pelos homens que buscavam sexo no local durante todo o período noturno, os quais deixavam seus carros em volta nas ruas, além de principalmente haver o aumento de dejetos no local, como camisinhas, roupas, maços de cigarro, que deixaram o espaço em evidência.

No dia 06/08/2021 um acontecimento coloca em evidência a pegação da PEV. Mesmo que o fato não tenha tido grande repercussão externa, alguns participantes

ficaram receosos de irem ao ponto após o corpo de um garoto ter sido encontrado no local — o fato deixou os participantes assustados por alguns dias, pois pensavam que esse garoto poderia ter alguma relação com as práticas da pegação.

Quando o carro da polícia havia chegado no local, fui avisado por um interlocutor sobre o ocorrido, o qual me informou sobre todo o acontecimento e que estava inicialmente preocupado em ser alguém próximo ou até mesmo de encontrarem algo que denunciasse a pegação no local.

Passei lá, agora no ponto de pegação cara tinha um cara morto no local, fiquei preocupado imaginando que poderia ser você lá, ou alguém que eu conheço. Imagina cara?

Nossa, se a gente pensar bem o clima está bem pesado para a pegação, o cara foi encontrado morto, bem no local onde a gente se pega ali na PEV, a polícia deve ter visto todas as camisinhas e coisas que a gente deixa no local. (JOÃO - Audio- trabalho de campo)

O acontecimento não teve grandes reverberações e, no mesmo dia, pessoas que não sabiam que isso havia ocorrido estavam no ponto em busca da pegação. Esses ocorridos fizeram com houvesse um alerta para as possibilidades de risco que o local ofereceria, porém, em simultâneo, a pegação continuava a ser cercada por essa vulnerabilidade e pelos demarcadores sociais, que ressignificam o local e gerem o espaço.

No ano de 2022, a incidência de pegação no local é diária e recorrente, a qual ocorre no período noturno, com homens que vêm de diversas partes da cidade à procura de sexo rápido. Com isso, grupos começaram a se formar no local, espalhados por toda a dimensão — alguns homens transavam na beira da estrada e deixavam sua evidência, fazendo com que o ponto tivesse uma notoriedade não apenas na pegação, mas pela vizinhança que começou a fazer denúncias sobre homens que ficavam andando à noite pela rua.

Essa notoriedade negativa começou a despertar os agentes de segurança, que faziam inicialmente batidas nas entradas do ponto de pegação alegando estarem efetuando uma vigilância de rotina. Contudo, alguns participantes já destacam que, durante a noite, é possível ver a polícia militar entrando com motocicletas no local, apreendendo possíveis suspeitos.

A polícia militar chega no local com a luz apagada, eles vem de moto, você pensa que é um entregador de aplicativo em busca de uma pegação e quando vê eles te surpreende e manda você sair do local, O pessoas estava parando o carro na frente da casa dos moradores da rua e a vizinhança começou a reclamar da situação.

Agora tem que tomar cuidado, meu amigo foi parado no local e falaram que não queria mais ver ele lá, por que da próxima vez eles seriam extremamente violentos, (MATHEUS, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2022)

A relação marcada entre a pegação e a própria forma de controle que se apresenta na cidade é constituída através das repressões sociais, as quais utilizam da exposição dos indivíduos, da violência por parte dos agentes de segurança ou até mesmo do fechamento do local, como ocorreu com o Ponto do Bombeiro. Nesse viés, não existe um debate abertamente claro sobre a pegação e isso se apresenta de forma mútua: tanto dos agentes de segurança como dos próprios membros da pegação, que buscam no ocultamento uma segurança de que suas identidades não serão evidenciadas.

Essa relação certifica os discursos repressivos oriundos tanto dos agentes de segurança como da população, que ao perceberem a pegação, destacam como uma situação de prostituição ou de atentado ao pudor, mesmo que em muitos casos as relações ocorram escondidas entre os matos. Sempre quando um participante é pego no local, ele é moralmente exposto sobre o discurso de estar fazendo prostituição ou ato que atenta a ordem e o pudor do espaço. Entretanto, os próprios membros da pegação evidenciam a naturalidade das práticas — mesmo que haja um discurso moral para reprimi-las, elas não deixam de acontecer. Inclusive, em situações em que elas estão muito bem estabelecidas, mesmo que haja repressão, elas continuam a ocorrer.

A pegação é algo que vem antes da gente, e vai continuar acontecendo independente do que os policiais, ou qualquer meio público queira nos reprimir. Eles fecharam o ponto do bombeiro, viemos para o PEV e mesmo que fechem esses pontos, como fechar o Parque da Cidade?

Há locais onde é impossível a intervenção total, porque eles sabem que a pegação faz parte da vida do homem. O mesmo policial que faz esse show, é o cara que eu vou mamar quando pego o ônibus para capital de São Paulo e ele está lá fardado sentado no fundo do ônibus esperando alguém que curta a pegação mamar ele,

É uma lógica necessária, o que fazemos aqui, se faz em São Paulo, Rio de Janeiro e na Europa, não tem como parar, mesmo que eles queiram a pegação se reformula e se concretiza. (EDUARDO, trabalho de campo, São José dos Campos-SP, 2021)

Dessa maneira, a pegação é uma "lógica necessária" para que os desejos sexuais possam ocorrer. Mesmo que se possa considerá-la como um fetiche, não se pode generalizá-la em uma totalidade, como se todos os homens estivessem nesse espaço em busca apenas de uma aventura sexual. Ao contrário disso, o que ocorre é também uma necessidade de expressão da própria sexualidade reprimida em um sistema em que a

homossexualidade ou as relações que se aproximem do homoerotismo ainda são vistas como “desviantes”, “reprimidas” e “opostas”.

As ordenações de repressão são formas de conduzi-rem a um discurso do Estado que reprime as sexualidades dissidentes, a ocultação presente na pegação está associada a toda uma função repressiva. Os Agentes de segurança, utilizam das tecnologias repressivas presentes no discurso moralmente construído, como uma forma de cercear e dominar os corpos que vivenciam da pegação para expressão de sua sexualidade.

É da constituição da moralidade que está presente no discurso que exerce a força do Estado, legitimando a autoridade dos modelos de segurança pública, em que reprimem na ordem da tradicional preocupação sobre a “ordem”. Se a pegação rompe com a ordenação prevista para o espaço público, então sua função é necessária, pois permite que indivíduos marginalizados exerçam função, mesmo na vida noturna e se ela é reprimida, é pela moralidade assistida pelo próprio Estado.

É compreensível o questionamento dos interlocutores quando discordam da abordagem policial, apontando qual malefício a pegação traria para o Estado? Sobre este questionamento, só cabe denotar o rompimento das esferas opressivas sobre a (homo) cultura, pois conceder a possibilidade de ocupação isso tornando-se público, seria não apenas questionar uma moral conservadora, mas garantir proteção aqueles a qual o Estado deseja esconder, logo a pegação é permitida em sua ocultação para não ter nem a responsabilidade do Estado e nem sua segurança.

Em uma abordagem policial, Eduardo é parado saindo pela vegetação onde outros homens corriam a polícia militar que estava no local o perguntou o porquê dele estar na vegetação. Sua resposta veio com outra pergunta: “o que vocês fazem aqui?” Os policiais apontam que estavam no local para proteger os cidadãos que estavam se sentindo com medo do número de pessoas na mata. E que não estava parado para ouvir gracinhas de viado, após o insulto Eduardo destaca: “*Então o senhor já sabe o que estou fazendo aqui dentro, se me chama de viado imagino que já frequentou muito destes locais*”.

Os policiais enfurecidos, empurram Eduardo até a saída do ponto da PEV e fala para todos que estavam no circuito e foram pegos, que eram para sair daquele espaço se não levaria todos presos. Eduardo, ainda a retrucar, questiona, mas aqui não é espaço público? Os policiais dizem: “*É público sim, mas não para vocês*”.

Seguindo a fala do policial, então a pegação no contexto Joseense não teria outra saída senão a ocupação na transgressão do espaço? Que colocaria o indivíduo com um não possuidor de direito a proteção e o desqualificava como cidadão, visto que o objetivo dos policiais era a defesa da reclamação dos cidadãos?

Em uma reflexão conjunta na qual conversei com Eduardo e João, ambos retratam tal situação como uma relação cotidiana em que é favorável para os policiais incriminar o indivíduo e tirar dele os seus direitos. Segundo Eduardo:

Eu só reagi porque o policial veio me questionar, como sempre eles fazem isso, já chegam culpabilizando. Porém tinha muita gente no local, fazendo com que fosse possível falar sem ser incriminado injustamente.

Pesquisador: Injustamente?

Estes homens têm o poder de manipular o cenário e colocar objetos, drogas e armas em você. No Brasil, eles fazem a lei, você viu as ameaças? ele nem sabe porque iria me levar preso, so aponta para poder me chamar de viado e dizer que sou inferior a ele. (EDUARDO, trabalho de campo -2022)

Não tem muito o que fazer, a pegação precisa do sigilo e como sempre falamos as pessoas acabam exagerando e chamando muita atenção. Porém, os policiais agem de má fê. Um dia passei aqui eles (policiais) estavam comendo escondido ali no escuro. Estavam rindo, eles podem ficar aqui, mas a gente não.

E nem estou falando de sexo, falo de estar aqui conversando, ele chegam na grosseria e nos tia a força. (JOÃO, trabalho de campo-2022)

Segundo, Costa (2014) existe um conflito, entre as relações sociais publicas e a homossexualidade, criando um aspecto de repúdio as relações homoeróticas. A proibição vem não apenas do “sexo em público”, isso porque os próprios interlocutores apontam a discrição como um fato necessário para não afetar o sexo nestes espaço. Ou quando uma criança entra no banheiro, toda pegação precisa parar, o que é reprimido é a homossexualidade, o sexo é apenas a justificativa mais próxima da legalidade.

Portanto, o que os agentes de segurança reformulam não é a legislação, mas os aspectos morais socialmente questionáveis na punição, o crime não ocorre por ser o corpo semi nu, ou por saber, sobre o sexo nestes espaços, mas pela repressão da homossexual ida. Por fim, a questão está na moralidade e não no aspecto criminal, tendo no espaço público o controle heteronormativo presente nos espaços urbanos.

Considerações Finais

A pesquisa apresentada nesta dissertação foi configurada a partir das dificuldades que geradas pela pandemia, principalmente para o campo da antropologia e para os profissionais que tem como procedimentos principais de pesquisa, as relações interações pessoais concretas, a convivência e a presença intensiva nos ambientes físicos onde os fenômenos sociais se desenrolam. A pegação, no entanto, evidenciou a necessidade dos seus praticantes em ocupar os espaços públicos urbanos, mesmo com as divergências e riscos que o tempo pandêmico impôs. É complexo pensar que muitos participantes ocuparam suas vidas em estabelecer rotinas que desviavam da totalidade ou até mesmo do que podemos chamar de uma vida convencional.

Dicas para pegação com discrição: O nome não importa, O endereço também não, Estado civil não é da conta de ninguém, Em tempos de pandemia o rosto apenas se o cara estiver afim de mostrar. Numa pegação devemos curtir apenas o momento e tchau!!! Isso é uma pegação. Sem cobranças... (Rede social twitter, 2 de novembro de 2022)

Os desdobramentos da pesquisa foram trazendo alguns questionamentos, como, por exemplo, “qual era o meu lugar nesta investigação?” Descobri ao longo do processo, de modo mais intenso do que na etnografia sobre a pegação nos banheiros públicos de Campos dos Goytacazes-RJ, realizada anos antes, que não era possível, no meu caso, na qualidade de pesquisador, homossexual e joseense, não ser afetado pela relação com o cidade e seus personagens.

Eu não tenho dúvidas, se a polícia bater aqui eu saio correndo e só chamo os meus. Por exemplo, jamais vou sair correndo da pegação e deixar o Bruno largado por aí.
O cara é meu amigo, e se eu deixar ele vai ser vacilo.
(JOÃO- Trabalho de campo, 2022)

O Bruno é como um administrador do local, fica sentado ali observando, como ele diz “observação participante”, enquanto a gente faz penetração participante.
(JOÃO- Trabalho de campo, 2022)

Perceber a pegação como uma parte da minha própria construção enquanto *entendido* possibilitou identificar as subjetividades do campo. Neste sentido, sou pesquisador/participante ou participante/pesquisador? Isso talvez seja parte do que

não se pode explicar, apenas um desafio a mais no campo, pois, enquanto “ser pesquisador” me possibilitou descrever de forma bastante detalhada esta etnografia, a ponto de construir uma rotina da pegação, o “ser participante” me propiciou experimentar as profundas adversidades da pegação de modo tão sensível quanto meus interlocutores.

Quando retorno para São José dos Campos, tal como descrito no preâmbulo deste texto, motivado pela pandemia de Covid-19, também me deparei com todas as minhas descobertas sexuais de anos atrás. Nos relatos de meus interlocutores identifiquei semelhanças sobre o início da minha percepção do que seria a vida homossexual, das experiências no espaço de pegação e até mesmo do meu próprio vínculo afetivo com homens que experimentei ainda em minha juventude. Realizar trabalho de campo atravessado por estas questões, não me afastou em momento algum das recomendações metodológicas necessárias, pelo contrário, na verdade, me qualificou ainda mais como um pesquisador. A observação, com um olhar cuidadoso, de antropólogo e jenseense me conduziu a refletir sobre os meus interlocutores não apenas como objetos de estudo, mas como parte fundamental da organização social da cidade e da vida homossexual.

O percurso da escrita desenvolvida ao longo do trabalho traz referências teóricas baseadas não apenas em definições estabelecidas sobre a temática da pegação, mas uma configuração de sua própria associação com os acontecimentos vivenciados durante o percurso de pesquisa. Ao destacar os conceitos do “Campo da Pegação”, no primeiro capítulo, desenvolvi uma análise sobre como esta prática está associada à rotina de muitos homens que usufruem de espaços coletivos para estabelecer seus desejos, suas vontades, voltada em muitos casos a uma expressão da sexualidade reprimida quando não estão associados a circuitos de pegação.

Fica evidente uma equivalência entre qual desempenho sexual cada indivíduo representa dependendo dos locais onde estão exercendo sua sexualidade. Em muitos casos a fala usada por meus interlocutores exprimia uma vida dupla ou, entre dois mundos, onde a pegação seria um lugar para estabelecer a sexualidade entre homens, e que não os conduziram a uma homossexualidade necessariamente. Entretanto, em seus discursos era possível também observar as condições de “descoberta”, usado

com uma aceitação do outro “eu”, que não possui nome, endereço, somente a localidade onde morava.

Pode me chamar de Hot, é assim que me identifico no twitter, [...] Eu moro aqui na zona sul, com a minha família. [...] Quando descobri minha sexualidade eu tinha 18 anos de idade, frequentava uma antiga balada aqui de São José dos Campos, foi quando fiquei com meu primeiro cara. E depois disso conheci esse mundo. (EDUARDO, trabalho de campo-2021)

A descoberta não está apenas nas práticas sexuais com outros homens, mas de uma vida que muitos associam a um *estilo de vida da pegação* clandestino por não ser aceito pelos seus pares reconhecidos publicamente. Homens casados, não assumidos, discretos, e fora do meio entram em conflito com aqueles que buscam o prazer ao se identificam com a homossexualidade e neste jogo entre não ser, reconhecer e ser, a pegação cria uma atmosfera de encontros corporais, o que importa é seu corpo, sua posição sexual, a sua busca no momento e o que está disposto a enfrentar.

Os enfrentamentos estão presentes no discurso dos próprios interlocutores ao destacarem perfil de desejo, em simultâneo, as questões externas ao campo, como os modelos de segurança pública, que conduzem, em muitos casos, a situações de humilhação e cerceamento das práticas. Situações que corroboram com as descrições feitas pelos membros da pegação, a experiência de ser pego pela polícia, questionados sobre o que estavam fazendo naquele espaço, onde é possível encontrar homens, preservativos, restos de papéis usados para limpar os fluidos do ato sexual praticado.

Em todos os casos que me relataram a abordagem policial ou da guarda municipal, se presumia que os agentes de segurança pública, sabiam o que estava acontecendo nos locais e, de antemão, agem de uma forma denunciata sobre os praticantes, os associando a termos pejorativos direcionados a homossexualidade. O que representa, dessa forma, não o cumprimento de uma regra comum com o objetivo de manter a ordem, mas sim, em uma prevenção moral, das condutas sexuais dos participantes, sendo eles condenados pela prática sexual entre iguais. Dito de outro modo, o que a etnografia tentou evidenciar no terceiro capítulo é que o que está em jogo não aplicação dos códigos de conduta que versam sobre a

convivência razoável e justa nos espaços públicos urbanos de São José, mas sim a repressão moral da interação entre homens praticantes da pegação.

Espera-se que o trabalho aqui apresentado, ganhe desdobramentos e possibilidades de comparação e contraste, com as práticas de pegação que ganham palco em outras cidades ou regiões do país. A produção de dados empíricos, qualitativos e etnográficos sobre as práticas de pegação, onde quer que elas ocorram, podem auxiliar demasiadamente na compreensão deste fenômeno e sua interface com outros, tais como os processos de urbanização e metropolização de algumas regiões e o turismo, por exemplo, ou mesmo associar a pegação às temáticas da Saúde Pública e das demandas por direitos da comunidade LGBTQIA+. Qualquer que seja seu desdobramento nota-se, com base no material apresentado, que há muitas questões abertas e ainda pouco exploradas sobre a pegação que necessitam de uma abordagem sensível e dirigida, capaz de evidenciá-la como um fenômeno de complexidade multifacetada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Victor Hugo. **Vamos fazer uma Sacanagem Gostosa?** Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Edição: 1ª, Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

BARRETO, Victor Hugo Souza. **“Putaria” enquanto conceito:** desejo e sexualidade na prática orgiástica. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 11, n. 17, 2017.

BARRETO, V. H. S. **Quando a pesquisa é o problema:** o tabu no estudo das práticas sexuais. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 26, n. 1, p. 270-293, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p270-293. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/138577>. Acesso em: 4 out. 2022.

BEZERRA, Danieli Machado. **Prostitutas entendidas:** o que entender?. 2009. 95 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BRAGA, Gibran Teixeira. **“NÃO SOU NEM CURTO” – PRAZER E CONFLITO NO UNIVERSO DO HOMOEROTISMO VIRTUAL.** Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2013.

GASPAR NETO, V. V. **A organização da transgressão em espaços de pegação masculina:** três breves relatos etnográficos. Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, n. 31, 29 jun. 2012.

CLEMENTE, A.; MALINVERNI, C. **Do corpo do sodomita à resistência pública do prazer:** um itinerário para o estudo da pegação masculina nas cidades. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 14, n. 1, 2020. DOI: [10.29397/reciis.v14i1.1876](https://doi.org/10.29397/reciis.v14i1.1876) Acesso em: 27 set. 2022.

COSTA, Benhur Pinós da. **Práticas espaciais de 'pegação' homoerótica:** o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente -SP e Vitória da Conquista-BA. Revista Latino Americana De Geografia E Gênero, 2013. disponível em:<DOI: 10.5212/Rlagg.v.5.i1.0010>.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

DÍAZ, E. B. **Desconstrução e subversão:** Judith Butler. Sapere Aude, v. 4, n. 7, p. 441-464, 12 jul. 2013.

FRY, Peter. 1982. **Para inglês ver:** identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

FRY; MACRAE, Peter; Edward. **O que é Homossexualidade?** Editora: abril Cultural, São Paulo, 1985

GREEN, JamesNaylor. 1999. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo, EDUNESP.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**, Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GASPAR NETO, Verlan. **Na Pegação: Encontros Homoeróticos Masculinos em Juiz de Fora**, Edição: 1ª, Niterói, Eduff, 2013.

GEERTZ, Clifford James. **A Interpretação da Cultura**. In: Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HAESBAERT E GLAUCO BRUCE, R. **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 7-22, 21 set. 2009.

LEITE, M. S. ZANETTI, V. R. ; PAPALI, M. A. C. R. . **Espaço e memória: um estudo sobre as vivências homoeróticas na cidade de São José dos Campos (1980 – 2018):** Memory and space: a study about the homoerotical experiences in São Jose dos Campos city (1980 – 2018).

LIMA, R. K. DE . **Polícia, justiça e sociedade no brasil: uma abordagem comparativa dos modelos de administração de conflitos no espaço público**. REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, Curitiba, v. 1, n.13, p. 23-38, 1999.

LIMA, R. K. DE. **Administração de conflitos, espaço público e cidadania: uma perspectiva comparada**. Civitas: revista de Ciências Sociais, v. 1, n. 2, p. 11-16, 3 maio 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro: pedaços & trajetos**. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 35, p. 191-203, 1992. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1992.111360. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>. Acesso em: 27 set. 2022.

MAUÉS CORRÊA, J. A.; DA SILVA CRUZ, M. **Entre machos e discretos: discursos, identidades homoeróticas masculinas e(m) aplicativos de pegação**. Revista Heterotópica, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 108–135, 2019. DOI: 10.14393/HTP-v1n2-2019-50080.

MORANDO, Luiz. **Paraíso Das Maravilhas: Uma história do crime no Parque**. Edição: 1ª, Belo Horizonte: Argumentum editora, 2008.

OLIVEIRA, Thiago de Lima e NASCIMENTO, Silvana de Souza. **Corpo aberto, rua sem saída: Cartografia da pegação em João Pessoa**. Sexualidad, Salud y Sociedad, n. 19, p. 44-66, 2015 Tradução Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.19.05.a>. Acesso em: 27 set. 2022

OLIVEIRA, Bruno Henrique Rodrigues de. **"Vamos pro Banheiro": dilemas na**

construção de masculinidades a partir de uma etnografia das relações homoeróticas nos banheiros públicos da cidade de Campos dos Goytacazes. 2019. 55 f. Trabalho Final de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2019

OLIVEIRA, Thiago de Lima. **Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres:** cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba. 2016. 179 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador:** Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. 2002.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (ORG). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

PARK, R. E., BURGESS, E. W., e MAC KENZIE, R. D.: **The City**, Chicago, University of Chicago Press, 1925

PERLONGHER, Nestor. **O negócio de Michê:** A prostituição viril em São Paulo. Edição (1ª edição de 1987), Copyright 2008. Editora: Fundação Perseu Abreu-SP, 2008.

QUINALHA, Renan. **Contra A Moral E Os Bons Costumes:** A Ditadura E A Repressão À Comunidade Lgbt. Companhia das letras, 1ª edição, 2021.

ROSSI, Luiz Felipe. **Abrindo o Armário:** Traços da Homossexualidade em São José dos Campos (1980- 2000), trabalho de finalização de curso, UniVAP-SP, 2009.

TRAVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso;** A homossexualidade no Brasil da colônia á atualidade. (4ª edição, revista atualizada e ampliada), editora: Objetiva, 2018.

VELHO, G. **Antropologia urbana:** interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. Maná, 2011.

Sites

A CAPA. **Amsterdam Oficializa Parque De Pegação Gay**, Disponível em <<https://acapa.disponivel.com/amsterda-oficializa-parque-de-pegacao-gay/>>, Acessado em 21 de Agosto de 2022.

BRASIL. Constituição (1992). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 9 de Novembro de 1992. Organização do texto: João da Silva. 5. ed. Rio de Janeiro: cultura, 1995. 200 p. (**DECRETO-LEI Nº 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940**).

EATON. **Gays-Cruising.com**, São Paulo. 2022. Disponível em: <https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/eaton_sao_jose_dos_campos_brasil_2262>. Acesso em: janeiro a setembro de 2022,

PARQUE ROBERTO BURLE MARX (Parque da Cidade). **Gays-Cruising.com**
Disponível em: <
https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/parque_roberto_burle_marx_parque_da_cidade_sao_jose_dos_campos_brasil_2254> Acessado em: janeiro a setembro de 2022.

PEGAÇÃO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, São Paulo. **Gays-Cruising.com**, 2022.
Disponível em: <
https://www.gays-cruising.com/pt/sao_jose_dos_campos/sao_paulo/brasil>. Acesso em:
janeiro a setembro de 2022.

PEGAÇÃO DA PEV. São Paulo. **Gays-Cruising.com**, 2022 Disponível em:
<https://www.gays-cruising.com/pt/sao_jose_dos_campos/sao_paulo/brasil>Acessado
em: janeiro a setembro de 2022

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **DECRETO N. 18.681, DE 1 DE DEZEMBRO DE 2020.** Disponível em:
<<https://servicos2.sjc.sp.gov.br/legislacao/Decretos/2020/18681.pdf>> acessado em 2020.

Figuras:

Figura 1 - Mapeamento feito pelo site Gay Cruising. Fonte: .Gays-cruising,
Disponível em:
<https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/praiadeboa viagem_niteroi_brasil_11715
> (2020).

Figura 2 — Imagem da orla da praia de Boa Viagem, local onde os participantes caminham. Fonte: Teitter , Disponível em:
<<https://twitter.com/BoaNiteroi/status/1487817003977121796>> (2022).

Figura 3 — Mapa da distância em minutos do terminal central para o Parque da Cidade de São José dos Campos- SP, fonte: Google Maps, Disponível em:
<<https://www.google.com.br/maps/dir/Terminal+Central>>, (2022)

Figura 4 — Mapa de São José dos Campos com sua distribuição de Organização territorial.Fonte: Censo 2010 - IBGE e estimativas IPPLAN/PMSJ..Disponível em:
<<https://www.sjc.sp.gov.br/servicos/governanca/sao-jose-em-dados/mapa/>>, (2022).

Figura 5 — A imagem demonstra a demarcação do local onde se concentra a pegação no Parque da Cidade, marcado pela vegetação e ao lado do estacionamento principal (Ponto P). Fonte: Retirado do site: Gay Cruising. Disponível em:
<https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/parque_roberto_burle_marx_parque_da_cidade_sao_jose_dos_campos_brasil_2254>, (2022).

Figura 6— O mapa marca a localização do ponto de pegação do Bombeiro, conhecido por essa nomenclatura por estar próximo a um corpo de bombeiro destacado pela simbologia de fogo na imagem. Fonte: Retirado do site: Gay Cruising. Disponível em:
<https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/eaton_sao_jose_dos_campos_brasil_226>, (2022).

Figura 7 — Foto da entrada do ponto de pegação PEV. Fonte: Imagem fotografada por um participante e postada na rede social twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/search?q=pega%C3%A7%C3%A3o%20bela%20vista> src=typedquery> (2022).

Figura 8— Mapa retirado do gays-cruising, demarcando o ponto de pegação da PEV, a localização não estava assinalada no site, então fiz a demarcação do local. Fonte: Retirado do site: Gay Cruising. Disponível em : <https://www.gays-cruising.com/pt/cruising/ponto_de_pegacao_pev_sao_jose_dos_campo_s_brasil_58346>(2022)

Figura 9 - Imagem retirada da rede social twitter. O participante fez uma reclamação sobre o descarte indevido de preservativos. Fonte: Rede social twitter, Disponível em: <<https://twitter.com/search?q=camisinha%20na%20pega%C3%A7%C3%A3o> & src=typedquery & f=imagem>, (2022).